

Pah!!!

crônicas de

artur de carvalho

AMORES

Abanando o rabo

O maior dos enigmas não se esconde nas profundezas dos abismos marinhos, nem tampouco nas nebulosas constelações do universo. A maior charada, a mais inesgotável das fontes de indefinições e dúvidas da humanidade encontra-se dentro da cabeça. Dos outros.

Não há mecanismo mais complexo e esquisito que a cabeça dos outros. A gente nunca sabe que reação o outro irá tomar frente ao mais simples dos estímulos. Pra você ver só uma coisa, uma vez, assim, ingenuamente, eu cheguei para um colega de trabalho e perguntei:

- E aí?

Imediatamente, ele arregalou os olhos, puxou todos os papéis que estavam sobre sua mesa para junto de si, e respondeu, entre ofegante e rouco:

- E AÍ O QUÊ?

- E aí, oras... Como é que vai a vida?

- A VIDA?? O QUE É QUE TEM A VIDA?

- Nada...Calma... Eu só estava querendo dar uma relaxada...

- POR QUE? VOCÊ TAMBÉM ANDA NERVOSO?

E ele se levantou, pediu demissão e nunca mais foi visto na cidade. Na última vez que tive notícias, ele estava no Triângulo da Bermudas procurando uma tia dele, que tinha desaparecido misteriosamente em Pindamonhangaba. Está certo. O cara era um lunático. Mas até aquele dia ele havia tido um comportamento absolutamente normal ali no escritório. A verdade é que a gente nunca sabe que pensamentos esdrúxulos podem estar passando pela cabeça das pessoas, até das mais próximas da gente.

Com os cachorros, por exemplo, é bem diferente. A gente percebe de longe se eles vão com a nossa cara ou não. Se eles mostrarem os dentes e começarem a grunhir, quer dizer que não é bom chegar muito perto. Se latirem, embora muitos digam que cachorro que late não morde e coisa e tal, o melhor mesmo é não se arriscar e se manter a uma

distância razoavelmente segura. Agora, se o cachorro abanar o rabo e colocar a língua pra fora, pode ficar tranquilo e até arriscar um afago que não tem erro.

Mas o ser humano não. A gente conversa todo dia com aquele tímido funcionário público, e de repente ele se revela um pedófilo assassino. E aquele outro, saradão, campeão de jiu-jitsu e dono de dois pitbuls acaba publicando uma antologia de poesia clássica e abrindo uma floricultura. Deve ser por causa dessas coisas que, de vez em quando, no meio da noite, a minha esposa me lembra:

- Amor?!? Amor!

- Hum???

- Você me ama?

- O quê?

- Você me ama?

- Amo. É claro que eu amo.

- Mas ama mesmo?

- Mesmo.

- Mas ama quanto?

- Quanto? Sei lá. Um tanto.

Ela me ouviu. Pensou um pouco. Esticou os dois braços o mais que podia. E me perguntou:

- Um tanto assim mais ou menos?

Eu abri os olhos e olhei bem pra ela. Ao me certificar que ela não estava brincando, acabei respondendo que era bem mais que aquilo. Que meu amor não tinha limites. Meu amor era colossal. Meu amor era desmedido. Meu amor era... era...

- Incomensurável!!!

- Incomensurável?

- É. O meu amor é incomensurável!!!

Mas, mesmo com esse magnífico "incomensurável", eu acho que ela não se convenceu o bastante e vai acabar me acordando novamente noite dessas. Fala a verdade. Se eu tivesse um rabo pra abanar, seria muito mais fácil...

Almas gêmeas

- Amélia?
- É. Amélia.
- Puts. Aquela que era...
- ... mulher de verdade? É. Isso mesmo. E se você quer saber, estou tentando mudar.
- Mudar o quê? Seu nome?
- É. Porque eu não aguento mais esse negócio.
- Que negócio?
- Todo mundo que eu falo meu nome, sabe? Já vem cantando a música.
- Mas é uma boa música.
- É. Até que é. Mas já imaginou? É essa história desde que eu era criança. Começou logo no primeiro dia de aula, no pré-primário ainda. Lembro da professora fazendo a chamada. E eu era sempre a primeira da lista. Amélia começa com A, já percebeu?
- É. É mesmo.
- Então. E a professora começava: "- Número um... Amélia". E eu respondia: "- Presente, professora!". E a professora continuava: "... não tinha a menor vaidade, aquilo sim é que era mulher...". Não sei que graça ela achava naquilo. E se fosse só no primeiro dia de aula, ainda vá lá. Mas não. Era quase todo dia. Começava a chamada, e lá vinha a professora cantando "- ...e quando me via contrariado...". Era simplesmente inacreditável.
- Mas também não precisa exagerar...
- Exagerar? O pesadelo nem tinha começado. Quando fui crescendo é que a coisa pegou de vez. Acho que não existe animal mais perverso no mundo que um pré-adolescente.
- Mas... o que é isso?!?!
- É verdade. Já viu como essa garotada de doze, treze anos, não perdoa um defeitozinho dos colegas? Os que usam óculos, são os "quatro olhos". Os mais gordinhos, "gordos pipas".
- Gordos Pipas?
- É. Nunca ouviu não? No meu tempo, qualquer um mais rechonchudinho era "gordo pipa". E o que gostava de estudar era CDF. Sabe o que quer dizer CDF?
- Sei, sei...
- Então. Agora, imagina só o que eu não tive de aguentar por causa dessa maldita música. O garoto chegava pra mim e oferecia uma mordida no sanduíche. E quando eu ia

chegando, com a boca aberta, ele tirava o sanduíche e saía cantando: “- Às vezes passava fome ao meu lado, e achava bonito não ter o que comer...”. E eu ficava ali, com a boca aberta e com uma puta cara de tacho. Um inferno.

- Mas agora você já é uma adulta. Não é possível que ainda ligue para isso.

- Não é que eu ligue. Mas é uma coisa que atrapalha. Por exemplo, depois de crescida e de começar a namorar, eu nunca, nunquinha mesmo, ganhei um colar ou uma pulseira de presente. Eu só ganhava flores. Nem um brinco, uma camisetinha da moda. Nada. Sempre flores.

- Mas o que é que tem uma coisa a ver com outra?

- Eu acho que é porque a “Amélia não tinha a menor vaidade”.

- Ah, é. Tinha esquecido dessa parte da música.

- Sei que, com isso tudo, eu fui me acostumando a ficar sozinha.

- Espera um pouco. Você não está sozinha. Eu estou aqui, não estou?

- É. O primeiro cara que encontrei no bar. Aliás, eu nem sei seu nome.

- Você não ia querer saber.

- É claro que eu quero. Vamos lá, como é que você chama?

- Promete que não vai rir?

- É claro que eu prometo. Não é possível que seu nome seja pior que o meu.

- Bem, humm, meu nome é Fernando.

- Fernando? Mas é um nome até que dos mais normais...

- Espera. Eu ainda não acabei. Meu nome inteiro é Fernando Henrique... Cardozo.

- FERNANDO HENRIQUE CARDOSO?

- É. Só que o meu Cardozo é com “zê”. E o DELE é com “ésse”.

- Você... você... está brincando comigo?

- Não. Olha aqui o meu RG.

- Puxa vida, hem? E você não tem problemas com isso?

- Você nem imagina...

- Caramba... Escuta, você tem alguma coisa pra fazer? Eu moro aqui pertinho e...

Só os cegos são felizes

Vamos ser sinceros. Esse negócio de dizer que todas as mulheres bonitas são burras, a gente só fala mesmo pelas costas delas. Aliás, costas magníficas, você percebeu?

- E como é que eu não ia perceber?

- Olha só que ombros, meu deus, que ombros...

Bem, mas não nos dispersemos... Como eu ia dizendo, quando a gente está ali, na frente das mulheres bonitas, elas podem falar e fazer as maiores burradas do mundo que são imediatamente desculpadas.

- Ai, esse aparelhinho já tá me estressando...

- Posso ajudar, moça?

- É esse walkman aqui... Acho que tá quebrado...

- Espera um pouco... Deixa eu dar uma olhadinha... hum...

- O que foi?

- Bem, você já apertou o "play"?

- Apertou o quê?

- O "play". É esse botãozinho verde aqui. Dá licença?

- Toda.

- Clic.

- Nossa! Tá funcionando! Mas você é um gênio da eletrônica!

- Que é isso? Eu sou apenas um... ã... interessado.

- Foi só apertar um botãzinho e pronto... Mas como eu sou burra!

- Que burra que nada... É que as pessoas inteligentes são sempre assim, meio desligadas...

- Você acha mesmo, é?

- É claro... Olha o Einstein, por exemplo... De vez em quando o Einstein se perdia dentro da própria universidade onde ele dava aula...

- Einstein? Que Einstein?

- Você não sabe quem é o Eins...?!? Bem, não importa... Ele nem é tão conhecido assim... Mas, de qualquer maneira, ele era um cara muito inteligente, e vivia se perdendo e esquecendo de onde estava...

- Puxa vida... Isso acontece direto comigo!!! Eu me perco toda hora no shopping! Será que isso quer dizer que eu também sou...

- ...um gênio? É claro! Por que não? Você tem mesmo todo o jeito de ser uma mulher muito inteligente...

- Hum, você acha é?

- Mas é claro... A gente conhece a inteligência de uma mulher pelos...pelos... ombros!

- Nossa! Pelos ombros? E eu que não sabia disso... E os meus ombros, são de uma mulher inteligente, é?

- É claro que são... É claro que são... Olha só que ombros, meus deus, que ombros...

E, no fim, a gente acaba escolhendo passar o resto de nossas vidas com mulheres que não sabem a diferença entre Kafka e aquele espetinho de carne moída que virou moda em churrascos de casamento. Ok, não há como negar que até pode ser bastante divertido nos primeiros anos.

O problema é que os rostinhos bonitos não duram para sempre. E Kafka dura.

Obs: os ombros duram um pouco mais, vá lá. Mas não tanto quanto Kafka.

Cobras e lagartos

Se ela não estivesse de cinto-de-segurança, tinha enfiado a cara no pára-brisa. E provavelmente seu narizinho muito arrebitado já não seria tanto. Os óculos voaram para debaixo do banco.

- Mas... mas... o que foi aquilo? - ela perguntou, tateando o assoalho do carro em busca dos óculos.

- O que foi o quê?

- Aquela... aquela brecada que você deu...

- Brecada? Ali atrás?

- É. AQUELA BRECADA ALI ATRÁS!!!

- Aquilo não foi uma brecada. Foi uma desviada.

- Desviada do quê?

- Daquela lagartinha. Você não viu?
 - Daquela o quê?
 - Lagartinha. Não sabe o que é não?
 - Você deu aquela brecada por causa de uma lagartixa?
 - Não era uma lagartixa. Era uma lagarta.
 - Lagarta? Uma taturana? Você quase acaba com nós dois por causa de uma taturana?
 - Olha. Não confunda tudo. Primeiro que eu não brequei. Só dei uma desviada mais brusca. E aquilo não era uma taturana. Era uma lagarta.
 - E qual é a diferença entre uma taturana e uma lagarta?
 - Taturana é aquele bicho peludo, que queima. Lagarta não queima.
 - Quem é que disse uma bobagem dessas?
 - Eu sei, oras. E tem outra. Lagarta vira borboleta.
 - E taturana não vira borboleta?
 - Não.
 - Você é uma besta. Taturana, lagarta, mandruvá, é tudo a mesma porcaria. Todas elas viram borboleta. E todas elas queimam.
 - Tá brincando?
 - Não. Eu não estou brincando.
 - Puxa vida, hem? Quem diria...
- Finalmente achou os óculos. Enquanto limpava as lentes na camiseta, sorriu.
- Você fez tudo aquilo só para salvar a vida de uma taturana?
 - Pois é. Eu não gosto de matar as coisas sem necessidade, sabe?
 - Você... desculpa eu ter te chamado de besta?
 - É claro que eu desculpo... Já nem lembrava mais...
 - Você é uma gracinha, sabia?
 - Que é isso, amor...
 - Deixa eu te dar um beijo...
 - Querida, pára com isso...
 - Um beijinho só, meu chuchuzinho...
 - Agora não, querida, eu estou dirigindo...
 - Vem cá, amorzinho...
 - Espera aí, não solta o cinto, o que é que você está fazendo?
 - Deixa eu dar uma mordidinha nessa bochecha gostosa...

- Olha o trânsito, querida... Não faz isso...

Aí, tudo foi muito rápido. A súbita mudança de direção. A brecada. O guincho dos pneus. Ela voando através do vidro do pára-brisa. O carro que vinha atrás bateu forte na traseira. E o que vinha mais atrás bateu também. Desesperado, ele desceu do carro. Dava para ver o corpo dela estendido no asfalto, alguns metros à frente. Conforme ia chegando perto, deu pra perceber que ainda estava se mexendo. Se sentou no chão, colocou a cabeça dela no seu colo e passou a mão pelos cabelos.

- Calma querida. Não se mexe. Já já chega socorro.

- Cof, cof... O que foi que aconteceu, querido?

- Nada... A gente sofreu um acidente...

- Cof... cof... tem mais alguém machucado?

- Não. Eu consegui desviar...

- Desv...cof...cof... desviar do quê?

- Do gatinho... Cê não viu?

- Cof... gatinh... cof... Querido...

- Que foi, amor?

- Cof... Cof... Você é mesmo uma besta...

A felicidade é uma arma quente

- Para Telma (17 anos, dá para acreditar?) -

- Olha aqui, querido, o que eu acabei de comprar.

- Mas o que é isso?

- Uma pílula. Da felicidade.

- Uma pílula do quê?

- Da felicidade!

- Mas do que é que você está falando agora?

- Da felicidade, querido. Aquela coisa, que todo mundo diz que quer. Agora vem em pílula.

- Você deve estar brincando...

- Brincando nada. Olha aqui, ó. Com certificado do Ministério da Saúde e tudo.

- Deixa eu ver esse negócio...
- Pode olhar. Mas não é incrível? Agora todo mundo vai poder ser feliz!
- Eu é que não vou tomar esse negócio. Deve viciar.
- Pois não vicia. Pode olhar. Cada caixinha só vem com um comprimido. Você toma um e fica feliz pro resto da vida. Comprei duas. Uma pra mim outra pra você. Não é maravilhoso?
- Maravilhoso e esquisito. Como é que pode uma coisa dessas?
- Oras, querido. Larga de ser antiquado. Tanta coisa que a gente achava impossível e que acabou acontecendo. Estações espaciais. Clonagem. O fim da União Soviética. O Maluf é candidato de novo. O que é que tem uma pílula da felicidade?
- Oras, uma pílula da felicidade é...é... antinatural!
- E se for, e daí? Se você vai ser feliz, o que é que tem se for natural ou não?
- Mas é que... é que... Eu posso me arrepender depois.
- Querido. Depois de tomar a pílula, você vai ser feliz. Um cara feliz não se arrepende de nada.
- Mas... mas... pra ser feliz, eu preciso esquecer de um monte de coisa.
- E o que é que tem se esquecer de umas coisas? Esquecendo ou não, você vai continuar feliz!
- Eu posso querer largar o meu emprego, por exemplo.
- E daí? Você vai ser feliz sem seu emprego.
- Eu posso querer te largar também.
- E eu vou ficar feliz com isso. Eu também vou ter tomado a minha pílula, lembra?
- E se eu virar um... um... tarado? E depois de tomar a pílula eu sair por aí estuprando criancinhas?
- Você vai ser um estuprador feliz.
- Eu posso ser linchado!
- Um linchado feliz.
- Olha, eu não vou tomar esse negócio. Isso é perigoso.
- Pois eu vou. Não quero nem saber. Eu sempre quis ser feliz. Desde criancinha. As pessoas chegavam pra mim e perguntavam "O que é que você quer da vida?" e eu respondia "Eu quero ser feliz!". E agora a felicidade está aqui, na minha mão, e eu não vou tomar? Pois eu vou. E pronto. E se você não quiser a sua, eu tomo a sua e a minha.
- Pois tome. Quero ver só.

- Tomo. Olha aqui, ó.

Ela abriu as caixinhas e tirou as duas pílulas. E ficou olhando para a mão aberta. As duas pílulas não brilhavam, nem eram púrpuras, nem nada. Eram só duas pílulas. Ela olhou para o marido.

- Aquele negócio de me deixar. Era sério?

- Não sei. O que é que você acha?

Quando a tarde caiu, os dois ainda estavam encostados na janela. Abraçados. O sol no horizonte foi ficando alaranjado. O céu, lilás. Um vento mais gelado de outono fez a mulher se aconchegar um pouco mais no marido. Uma lágrima escorreu pelos olhos dela. Ele sorriu.

Está tudo acabado entre nós

Foi um choque para a família. O irmão mais novo anunciou oficialmente que pretendia se separar da esposa. Aparentemente, o casamento andava às mil maravilhas. Estavam prosperando, ele como gerente de uma multinacional, ela como professora universitária. Moravam numa bela mansão na qual mantinham um cachorro com pedigree, periquitos, uma chinchila e um filho muito inteligente - isso sem contar dois carros zero na garagem, um deles importado. Parecia o casamento perfeito porém, de uma hora para outra, a papelada já estava nas mãos dos advogados.

O cunhado e o pai pensaram em intervir, mas foram as mulheres da família que tomaram a iniciativa. A mãe e a irmã marcaram uma reunião com ele, que aparentemente se mantinha irreduzível. A razão era simples: não estava mais apaixonado pela mulher.

- Mas ninguém continua apaixonado depois de dez anos de casado, meu filho - dizia a mãe.

- A senhora não ama mais o pai?

- É claro que amo seu pai!

- Então é o pai que não te ama?

- Pára de falar bobagens!

- Mas foi a senhora mesmo que acabou de dizer que a paixão acaba depois de dez anos. E vocês são casados há mais quarenta!

- Não fica mudando de assunto! - interveio a irmã.

- Eu não estou mudando de assunto. Estou só falando que depois de dez anos, as mulheres começam a esquecer de umas coisas. De levar um cafézinho na cama de vez em quando, por exemplo.

- Larga de ser machista, oras.

- Não é questão de machismo. No começo de casados, você não levava um cafézinho da manhã na cama pro meu cunhado? Ou preparava um jantarzinho especial? E você nunca falou que ele era machista. Agora, há quanto tempo você não faz nada parecido?

- O meu casamento não está em discussão agora... - a irmã emburrou.

- Quer dizer que você está largando a sua mulher só porque ela não leva café na cama pra você? - a mãe tentou entrar na conversa de novo.

- É. Por essas e por outras. Ela não tira mais cravo das minhas costas também.

- Cravos?

- É, cravos. No começo de casado, eu chegava em casa e me deitava no sofá da sala. E ela vinha se chegando, se chegando, e de repente, sem eu nem perceber como, ela já tinha tirado a minha camisa e começado a espremer uns cravos. A gente passava horas ali, daquele jeito. Agora eu nem me lembro mais da última vez que fiquei sem camisa perto dela.

A irmã e a mãe resolveram desistir. A coisa era mais séria do que elas imaginaram. Mas uma semana depois, o pai e o cunhado marcaram uma reunião também. Sentaram no barzinho e pediram três chopps. O primeiro a falar foi o candidato a divorciado.

- E aí, como vão indo as coisas?

- Lá em casa está saindo tudo às mil maravilhas. Precisa ver só. Na semana passada, sua irmã me levou café da manhã dois dias seguidos na cama. Com frutas e geléias.

- E sua mãe, então? Toda noite agora, ela faz uma comidinha especial. Ontem à noite, ela até acendeu umas velas nos castiçais! A única coisa esquisita é que ela não pára de perguntar se eu não quero que ela me tire uns cravos das costas. Você falou alguma coisa além do combinado, não falou?

Pesadelos noturnos

- Nem vem.
- O que foi dessa vez, querida?
- Você fala quando dorme, sabia?
- Falo nada.
- Fala sim.
- Bem, e daí que eu falo?
- Daí que essa noite você chamou uma tal de Beatriz.
- Beatriz?
- É. Beatriz.
- Puxa vida...
- Só isso que você tem pra dizer? "Puxa vida"?
- O que mais você quer que eu diga?
- Você pode me dizer, por exemplo, quem é essa tal de Beatriz.
- A Beatriz? Não é ninguém, amor. Vem cá, vem...
- Sai pra lá. E vê se fala a verdade: você tem um caso com essa tal de Beatriz?
- Se eu tenho um caso com a Beatr... Ah, querida, você tá é ficando maluca...
- Maluca? Você me acorda no meio da noite com gritos de "Olha a Beatriz!", e sou eu quem está ficando louca?
- Tá bom. Outro dia você acordou no meio da noite gritando "Olha o caminhão!", e isto por um acaso quer dizer que você está tendo um caso com um caminhão?
- É diferente. Eu sonhei que estava sendo atropelada.
- Atropelada?
- É. Atropelada por um caminhão. E você? Estava sendo atropelado pela Beatriz?
- Beatriz é a minha sobrinha.
- Não tá perdoando nem as sobrinhas, é?
- De dois anos.
- O quê?
- Minha sobrinha. Tem dois anos.
- Mentira.
- Mentira nada. Tenho até a fotografia dela na carteira. Quer ver?

- Pois quero.
 - Pega ali a carteira na minha calça. Aqui, ó. Tá vendo? Essa é a Beatriz. Filha da minha irmã.
 - Ai, que gracinha. Olha só que loirinha. E como é que eu não conheço?
 - Ela mora em São Paulo. Satisfeita agora?
 - Desculpa, benzinho... Você nunca tinha falado dela... Vem cá, vem...
 - Não. Agora sou eu que não quero.
 - Ah, querido... Ficou bravo? Você fica tão lindinho quando fica bravo...
- PI- PI- PI- PI- PI
- Olha o celular.
 - É o meu ou é o seu?
 - Alô? Alô?
 - Ei... Esse é o meu celular! Dá aqui!
 - Alô? Quem? É, esse é o celular da Izildinha. Se a Izildinha está? Está. Quem quer falar?
 - Me dá aqui meu celular!
 - Toma.
 - Qu... qu... quem é?
 - Disse que é o Jorge. Jorge do Mercedão. Conhece?
- A Izildinha pegou o celular. Pensou um pouco e desligou.
- Deve ser engano.

O seu Moacir não é um fantasma

O seu Moacir chegou em casa. Entrou pelos fundos. A mulher sempre pedia para ele entrar pelos fundos para não sujar de terra o tapete da sala. Agora a mulher já morreu. Um dia, ela olhou nos olhos dele, falou que estava indo, fechou os olhos e, quietinha, morreu em seus braços.

Hoje em dia a rua não tem mais terra e a sala está sem tapete. Mesmo assim, ele continua entrando pelos fundos. A rua, asfaltaram faz tempo. E o tapete, o filho advogado

levou para o escritório. Aliás, os filhos estavam levando tudo. A mesa da sala, presente de casamento, a filha colocou no apartamento novo.

- Vai dar certinho, pai... Dá pra mim?

É claro que dava. O que é que a gente não faz pelos filhos? E os livros da biblioteca. Todos os livros que ele tinha juntado na vida. Um dia, o filho mais velho pediu.

- A molecada precisa ter uma biblioteca em casa, pai... E o senhor já leu tudo mesmo...

Os netos. Seria bom mesmo que os netos tivessem uma biblioteca. E realmente ele já tinha lido tudo. E assim a sala ficou sem tapete, sem mesa e sem biblioteca. O seu Moacir entrou e se acomodou na poltrona, em frente à TV. Os filhos chegariam logo. Tinham marcado uma reunião. Queriam discutir como é que ia ficar a herança. O filho do meio era advogado e sabia que essas coisas sempre davam problemas. Era melhor resolver desde já. O seu Moacir pegou o controle remoto e ligou a TV. Passou de canal em canal e desligou. Foi até a janela e ficou olhando para o outro lado da rua.

Não demorou muito para o filho mais velho chegar. Disse que a criançada está adorando a nova biblioteca.

- Aquela coleção "Conhecer" é muito boa, pai...

A filha chegou logo depois.

- Oi pai... Nossa... A sala ficou esquisita sem a mesa, né?

Em seguida, o advogado.

- E aí? Vamos resolver logo isso que eu tô cheio de serviço lá no escritório.

Precisavam se sentar em algum lugar. A sala estava vazia. Só a poltrona e a TV. Olharam para o pai. Seu Moacir coçou a cabeça. Acabou levando os filhos para a cozinha. Lá tinha uma mesinha e uns banquinhos.

- Você tinha que ter levado a mesa da sala do pai, né?

- Aquela mesa não vale nem metade do que aquele tapete... Pensa que eu não sei?

- Calma, pessoal...

- Você fala porque já pegou aquele "Jorge Amado" autografado...

- "Jorge Amado" autografado? Eu não sabia disso!

Sentaram-se. O filho advogado tirou uns papéis de uma maleta. Colocou na mesa. Com o dedo, ia repassando item por item. Parecia que já tinham se reunido antes.

- Como vocês se lembram, no inventário da morte da mamãe não consta a circunstância formal de seus dotes. Portanto, papai é seu herdeiro natural. Enquanto estiver vivo, é claro. Sendo assim a legislação civil se responsabiliza totalmente pelos beneficiários e...

Enquanto os filhos conversavam, seu Moacir se levantou. Ninguém se deu conta. Ele foi até a janela e ficou olhando para o outro lado da rua. Finalmente a vizinha estava chegando. Dona Clotilde fez um aceno, e mostrou o vinho e o queijo no pacote do supermercado. Com a mão, seu Moacir avisou que depois passava por lá. Voltou os olhos para os filhos discutindo na mesa.

E sorriu.

A primeira poesia

“Oh, que saudades

Dos pomares e das roças

Dos rios e das pororocas”

- Pororocas?

- É. Pororocas. Não sabe o que é não?

- Sei. Quer dizer, é o encontro de dois rios não é?

- É. Mais ou menos.

- Mas o que é que tem a ver a pororoca com a roça?

- Que eu tenho saudades delas, oras.

- Mas, e você por um acaso já viu alguma pororoca na vida?

- Ver eu não vi. Mas sei como é.

- Além do mais, pororoca nem rima com roça.

- É claro que rima. Ouve só. Roça. Pororoca. Tem tudo a ver.

- Tem nada. Onde já se viu uma coisa dessas? Pororoca com roça...

- Olha. A poesia é minha, eu faço o que eu quiser com ela. Certo?

- Certo. Então continua.

“Na tarde que caía,

O meu amor se banhava.

Oh, como a gente se amava.”

- Isso aí tá ficando uma droga.
- Droga? Então vê se faz melhor.
- Eu pelo menos assumo que não sei fazer. Não fico aí, fazendo porcaria.
- Olha. É a primeira poesia que eu escrevo na vida. Quer o quê? Os Lusíadas?
- Os o quê?
- Esquece. Deixa eu continuar agora.
- É claro, é claro.

*“E ao cair da noite, o que era sonho
Em realidade se transformava
Ao subir na... hum... ao deitar na...”*

- Vem cá. Você sabe de alguma palavra que rima com tornava?
- Com tornava? Que tal amava?
- Não. Amava eu já usei na estrofe anterior.
- Hum... É mesmo. Deixa eu ver então... Alva!
- Alva?
- É. Alva. Quer dizer branca.
- Eu sei que alva quer dizer branca. Mas eu estou falando da noite. Onde é que vou encaixar alva?
- Sei lá. A poesia é sua. Você não disse?
- É. Eu disse. Alva... Alva... Já sei.

*“E ao cair da noite, o que era sonho
Em realidade se transformava
Ao me deitar nos braços da Marinalva”*

- Marinalva?
- É. Um nome de mulher. Nunca ouviu?
- Já. Mas você não estava escrevendo essa poesia para a Fernanda?
- É mesmo. Será que ela vai ficar brava?
- É claro que vai, seu panaca.

- É. Vai mesmo - falou, colocando a caneta na boca. Olhou para o teto. Amassou o papel. Se levantou. Foi até o alpendre. Fumou dois cigarros encostado no portão, observando o movimento da rua. Voltou para a mesa. Escreveu alguma coisa. Amassou e jogou no lixo. Se levantou nervoso e perguntou para o amigo: - Vem cá. Você não conhece nenhuma Marinalva não?

E se todo mundo soubesse o que você está pensando?

Numa manhã, ao despertar de sonhos inquietantes, Reginaldo deu por si na cama, dono de um gigantesco rabo. Ainda se fosse um rabo de macaco, vá lá, teria alguma serventia. Nas festas por exemplo, daria tranquilamente para segurar o salgadinho com uma das mãos, o whisky com a outra e ainda cumprimentar os convidados com o rabo. Ou - pensando bem - melhor seria usar o rabo para segurar o salgadinho e cumprimentar os outros com a mão mesmo, que tem gente que é capaz de arrumar confusão se de repente você for oferecendo o rabo assim, sem mais nem menos, no meio de uma festa.

Acontece que, desgraçadamente, não lhe nasceu um rabo de macaco. Nasceu foi um rabo de cachorro. E um rabo bastante grande e peludo, talvez proveniente de um Collie ou de um São Bernardo. A princípio, bem que tentou esconder. Começou a se trocar longe dos outros. Tentava não ficar muito tempo de costas pra ninguém. A mulher mesmo só descobriu no dia em que começou a fazer uns carinhos mais afoitos.

- Mas... o que é isso aí atrás, Reginaldo?

- Atrás do quê?

- Aí atrás... O que é essa coisa, abanando?

- Abanando? Ah. É o meu novo rabo. Gostou?

- Hum. Até que gostei. E ele abana assim, a toda hora?

- Não. É que nem rabo de cachorro, sabe? Quando fico feliz, abana. Quando fico triste, ele entra pro meio das pernas.

- Puxa vida, hem?

Com o tempo, foram se adaptando. A mulher costurou em todas as suas calças uma abertura especial, e o Reginaldo passou a desfilhar pra cima e pra baixo ostentando,

orgulhoso, o seu belo e bem tratado rabo. É claro que tinha seus inconvenientes. É difícil todo mundo saber o que é que você está sentindo.

- O que é que você tem hoje, Reginaldo?

- Nada não.

- Ah, Reginaldo... Pode falar...

- Não é nada, já disse.

- Você não sabe mentir, Reginaldo... E esse rabinho aí, no meio das pernas?

- Dor de barriga. Você nunca teve dor de barriga?

Não demorou muito para a televisão aparecer. Afinal, está mais que provado: quer aumentar o ibope do programa, é só mostrar um belo rabo. Apresentaram o Reginaldo no "Fantástico". No Ratinho. No Gugu. No Jô Soares. Isso sem contar os programas jornalísticos.

- Eu quero a separação, Reginaldo.

- O quê?

- A separação.

- Mas... bem agora que está tudo indo tão bem...

- É... é... o seu rabo, Reginaldo.

- O rabo? Mas o que é que tem o rabo? Eu nunca ganhei tanto dinheiro na vida! E é tudo por causa dele! Olha só o cachê que eu ganhei para aparecer no "Jornal da Globo"!

- É por cauda do "Jornal da Globo" mesmo, Reginaldo...Que vergonha...

- Vergonha? Vergonha do quê?

- Você ali, na frente de milhões de telespectadores, balançando o rabo para a Ana Paula Padrão... Pensa que eu não vi, Reginaldo? Pensa que eu não vi???

Fantasia Eróticas

A Lucimara queria porque queria aquele aparelhinho para emagrecer. Sabe aquele aparelhinho que a Feiticeira faz propaganda na TV? Que tem uns eletrodos, que dão uns choquinhos na barriga? Então. A Lucimara queria um. Foi tentar convencer o marido a comprar. O marido era o Armando.

- Armaaaaaando...

- Ih, lá vem coisa...
 - Como “lá vem coisa”?
 - Quando você vem com esse “Armaaaaaando”, já é coisa que vem. Que foi?
 - Puxa vida. Desse jeito nem dá vontade de falar...
 - Pode falar, Lucimara. Pode falar.
 - Sabe o que é, Armando... Você gosta da Feiticeira?
 - Da “Feiticeira”? Acho que eu prefiro a “Jeannie é um Gênio”. Aquele marido da “Feiticeira” é muito chato e...
 - Nãããã, Armando... Da Feiticeira, aquela, da Casa dos Artistas...
 - Se eu gosto da Feiticeira? Hum... Exatamente onde você está querendo chegar?
 - Pode falar, Armando... Seja sincero.
 - Gosto, oras... É claro que eu gosto.
 - Então. Sabe como é que ela ficou com aquele corpinho?
 - Fazendo... ginástica?
 - Não, Armando. Foi com um aparelhinho. Eu vi ontem na TV.
 - Um aparelhinho?
 - É. A gente amarra o aparelhinho e ele faz exercício na barriga da gente. Nem precisa andar nem nada. Não é maravilhoso?
 - É. Deve ser.
 - Então, Armaaaaaando... Será que você não queria comprar um daquele pra mim?
 - Custa caro?
 - Mais ou menos, mas... já imaginou, você casado com a Feiticeira?
- O Armando coçou o queixo. E imaginou estar casado com a Feiticeira.
- Tá bom. Eu compro.
 - Compra?
 - Compro.
 - Compra mesmo?
 - Compro, já disse.
 - Ai, Armaaaaaando... Você é um amor...
- O aparelhinho chegou alguns dias depois. A mulher rasgou o pacote do correio. A caixa vinha cheia de fios e eletrodos e plugs e relógios. Parecia complicado montar.
- Vou usar agora.
 - Calma, Lucimara. Vamos ler primeiro o manual de instruções.

- Não precisa, Armando. É só colocar assim ó...
- Espera um pouco, Lucimara. Deixa eu ler isso aqui antes.
- Olha aqui, Armando. É mais simples que colocar uma cinta.
- Lucimara. O que é que você está fazendo?
- Mas como você é medroso, Armando. Olha aqui, é tão simples.
- Lucimara. Não coloca esse negócio na tomada!
- Pára com isso, Armando. Não tem nada de mais...

De repente, a Lucimara começou a virar os olhos. Os primeiros sinais de fumaça saíram da tomada, mas logo depois a Lucimara inteira estava tostando. O Armando bem que tentou tirar o negócio da barriga dela, mas estava grudado. Desesperado, puxou o fio da tomada. A Lucimara passou três meses no hospital. Foi lá que o Armando conheceu a Jucilei. Não era nenhuma Feiticeira, vá lá.

Mas aquela roupinha de enfermeira, eu vou te falar uma coisa...

CRIANÇAS

Preservação da espécie

A cerimônia já durava quase duas horas e prometia se estender por mais duas. O ambiente abafado. Adolescentes com velas acesas rezavam pela salvação de suas almas. Igreja lotada. Foi quando a Beatriz esticou os dois bracinhos como que a pedir meu colo. A mãe, minha cunhada, me passou a criança dizendo que precisava mamar. A Beatriz, não a minha cunhada - que estava ali para ser madrinha de Crisma da minha filha. Me prontifiquei a levar a menina para casa e dar-lhe uma mamadeira. Faria ao mesmo tempo um favor à minha cunhada e teria uma boa desculpa junto à minha mulher para fugir da igreja. Devo adiantar que a Beatriz e eu sempre nos demos razoavelmente bem. Ela já havia ficado sozinha comigo diversas vezes, em festas e reuniões. Não havia razão alguma para prever o colapso daquela noite.

Nem bem entramos no carro, desandou a chorar. Imaginei tratar-se de fome e acelerei. Cheguei em casa, coloquei a menina no sofá, e corri até o fogão aquecer um pouco de leite. Dava para ouvir o choro da cozinha. Enquanto o leite esquentava, voltei para a sala e peguei a Beatriz no colo. Começou a soluçar. Fui com ela até o quarto de minha filha, onde ainda restavam alguns bichinhos de pelúcia, do tempo em que ela ainda preferia passar suas noites com ursinhos. Achei um Mickey e uma Minnie. A Beatriz apenas diminuiu um pouco o ritmo, mas ainda chorava. Tentou apanhar a Minnie e quase sorriu. Animado, puxei um Piu-Piu que jazia dentro de uma caixa de sapatos.

Não sei o que diabos a menina viu no coitado do Piu-Piu. Ao topar com o passarinho amarelo, arregalou os dois olhinhos e deu um salto para trás. Achei que ela ia ter um treco. Puxei a menina para o meu colo e abracei-a, mais assustado com ela que ela com o Piu-Piu. A essa altura ela berrava desesperadamente.

Lembrei que minha filha, nessa idade, gostava de passear de carro. Coloquei a Beatriz no banco dos passageiros, apertei bem o cinto de segurança e partimos. Dirigi algumas quadras. E nada. Ela não parava de chorar. Começou a ficar vermelha e transpirar.

Pensei em voltar para a igreja, mas aquilo seria reconhecer minha total incompetência na função de tio. Parei numa padaria e comprei algumas bolachas. Não vou dizer que ela não tenha parado de chorar um pouco. Parou, mas só nos intervalos entre as bolachas. Mastigava uma bolacha, engolia, chorava mais um pouco. Mais um pedaço de bolacha, uma engolida, e novamente desandava a chorar. Aquilo não estava mesmo adiantando nada e ainda era capaz dela se engasgar. Essa menina está precisando é de uma...

- Mamadeira!

O leite! Eu tinha deixado o leite aceso! Saí dirigindo feito um maluco de volta para a casa. Estacionei em cima da calçada. Com medo de uma explosão ou coisa parecida, deixei a Beatriz no carro e entrei. A cozinha estava uma fumaça só. Sabe aquele cheiro de leite queimado? Abri todas as janelas, fui até o fogão. A panela estava um carvão. Liguei todos os ventiladores da casa e voltei para buscar a Beatriz. Ela soluçava baixinho, num choro sentido. Deitei com ela no sofá da sala. O choro aumentou. Levantei de novo. Embalando a menina numa mão, com a outra liguei a TV. Estava passando uma cena de casamento. Meus olhos brilharam:

- A fita do casamento!

Fui até o meu armário e voltei triunfante. Como é que eu não tinha pensado nisso antes? Enfiei a fita no vídeo e apareceram lá, o pai e a mãe da Beatriz. Casando. Ao ouvir a voz da mãe, ela levantou a cabeça do meu ombro e olhou para a TV. Apontou e sorriu. Vagarosamente, me sentei no sofá. Ela foi se aninhando no meu colo, olhos grudados na TV. Percebi que começou a piscar. Não demorou muito para dormir. Fiquei ali, sem mover um músculo por mais ou menos uma hora, até minha mulher, minha cunhada e meu cunhado chegarem.

- Que lindinha... Dá até vontade de ter outro, né querido? - disse minha mulher.

Eu espiei a Beatriz ali, dormindo quietinha. Esparramada em cima da minha barriga.

Caramba. E não é que dava mesmo?

As sujeiras do umbigo

Dia desses, fui visitar minha sobrinha mais nova. A mãe, irmã de minha mulher, telefonou toda orgulhosa dizendo que a filha já estava balbuciando as primeiras palavras e que nós, como padrinhos, precisávamos ir até lá pra ver. No caso, ouvir.

Segundo minha cunhada, a filha já falava mamãe e papai nitidamente - e algumas outras coisas já não tão nitidamente assim. Quando chegamos lá, no entanto, a demonstração foi um completo desastre. Apesar dos esforços da mãe, que enfiava o dedo entre os próprios lábios e fazia *blu-blu*, a pobre criança, por mais que tentasse, não conseguia pronunciar nem mesmo um *mamá*, com o qual todos já ficaríamos plenamente satisfeitos. O nenê, em mais de uma hora de tentativas frustradas, conseguiu soltar apenas uns *pfluzz* cuspidos e alguns *cruglugh* engasgados.

Mas não há motivo de preocupação. Como todas as crianças saudáveis, uma hora ou outra ela acaba falando mamãe, papai, titio, titia e todas as outras palavras que ela achar conveniente falar, inclusive em línguas estrangeiras. E é nisso que eu estou pensando desde aquele dia.

Você já parou para contar o número de palavras que a gente teve de decorar durante a vida? E já imaginou se, um dia, você acordar numa espécie de amnésia e de repente não se lembrar de mais nenhuma palavra e tiver de decorar tudo de novo? Quanto tempo isso deverá demorar?

São milhares e milhares de palavras. Talvez milhões. Olhe em sua volta. Lá está a janela. A porta. O teto. Tudo tem um nome. Agora olhe para a mesa aí em frente. A "mesa", por si só, já tem um nome. Mas em cima da mesa estão o cinzeiro e o vaso de porcelana, heranças de sua avó. E a toalhinha. Todos com seus devidos nomes. E já imaginou que, para cada nome, também teve um cara que o inventou? E o cara que inventou os nomes também devia ter um nome, pois não?

Eu fico pensando no cara que inventou a palavra hipopótamo. Ele estava lá, olhando pela primeira vez para aquele bicho, e pensando "Mas como é que eu posso chamar essa coisa?". *Lostrota?* Não, isso parece marca de limpador de alumínio. *Ologrógio?* Não, isso orna mais com astronomia. Que tal *Hipérbole?* Não, isso parece muito exagerado. Vamos ver, vamos ver... hipo...hipo...hipo... pótamo! Isso mesmo, hipopótamo! E, a partir daquele momento, todos começamos a chamar aquele animal esquisito de hipopótamo. E

assim deve ter sido com todas as outras coisas. Para as girafas. Os rinocerontes. As canetas esferográficas. O Paulo Maluf. Tudo. Alguém chegou lá e deu um nome.

Outro dia desses, eu descobri que até aquela sujeirinha que fica enfiada dentro de nossos umbigos tem um nome: flunfa. Quem descobriu nome tão apropriado foi o cronista de um grande jornal, que sempre sonhou em inventar uma palavra nova, mas nunca tinha descoberto alguma coisa que ainda não tivesse um nome. Passou a vida inteira procurando até que, um dia, frustrado com as coisas do mundo, resolveu se voltar para o próprio umbigo. E acabou realizando o sonho da sua vida. A ironia é que eu me lembro da palavra que ele inventou, mas não consigo de jeito nenhum lembrar o nome do tal cronista.

Mas a vida é assim mesmo: vão-se os cronistas, ficam as flunfas.

Herança

Imagino que a mais triste das conclusões a que cheguei nessa já longa vida foi a de que eu não era um gênio. Sim. A maior parte da minha existência eu passei esperando que, de uma hora para outra, minha mente traria à luz uma idéia maravilhosa. Uma invenção. Uma fórmula matemática. Um livro. Qualquer coisa. E que, instantaneamente, essa idéia me alçaria à fama, à fortuna e ao Nobel. Quem sabe até a um Oscar.

Eu fui preparado para isso desde que nasci. Para você ver só uma coisa, o meu pai se orgulha até hoje do meu primeiro xixi. Diz a lenda que eu, logo após o parto, ao receber os tradicionais tapinhas no bumbum e ainda dependurado pelas pernas, teria esvaziado a minha bexiga bem na cara do médico. O que queria dizer, evidentemente, que o meu arguto espírito crítico já dava o ar de sua graças.

Assim foi também na primeira vez que peguei num lápis. Minha mãe guarda até hoje, entre suas fotografias antigas, uma página de caderno com alguns rabiscos meus. Ela diz que eu não tinha nem um ano de idade quando ela colocou um lápis e um papel na minha frente. E ficou esperando para ver o que eu fazia com aquilo. Eu, como já era de se esperar de um gênio, passei a desenhar imediatamente.

- Olha aqui, filho. É ou não é uma obra de arte? - minha mãe fala, me apontando aqueles rabiscos quase apagados sobre o papel amarelado. Para te falar a verdade, até bem

pouco tempo atrás eu bem que concordava com ela. Eu olhava para aquelas linhas sinuosas e achava que elas deviam bem pouco a um bocado de obras de arte que a gente vê por aí, em bienais. Talvez eu já tivesse na época uma noção instintiva do que viria se tornar a arte no final do século vinte ou qualquer coisa parecida.

Mas foi depois que eu entrei na escola que a coisa foi saindo do controle. Quando terminei o segundo ano primário, meus pais emolduraram o meu boletim e penduraram na parede. Não podia entrar uma visita em casa, que eles levavam o coitado para ver minhas notas. - Só dez! - eles comentavam - Só dez!

Quando meu desempenho escolar começou a se nivelar ao restante da turma, meus pais tiveram uma pequena crise, mas não se abateram. O que será que podia estar acontecendo? Foi quando minha mãe descobriu, numa dessas revistas Seleções, que alguns dos maiores gênios da humanidade tiveram sérios problemas em algumas matérias.

- Você sabia que o Einstein era um péssimo aluno em matemática? - minha mãe explicava para as amigas - E que o Picasso foi expulso da escola com dez anos de idade?

- Isso sem contar o Garrincha - completava meu pai - Isso sem contar o Garrincha!

É claro que, com exemplos tão brilhantes como caução, meu futuro de gênio estava praticamente garantido. Só faltava mesmo era o estalo. O click A idéia genial que provaria de vez à humanidade toda a minha genial e revolucionária capacidade de... hum... de... ham... oras, não importa, a minha genialidade em alguma coisa. Bem. A idéia não veio, e a única coisa que eu fiz na vida digna de nota foi mesmo a minha filha que, diga-se de passagem, promete. Precisa só ver as redações que ela tem feito na escola.

Nível de Clarice Lispector, meu amigo... Clarice Lispector!

A Sensacional Mulher Palhaça

- Eu quero ser Palhaça.

- Aahahahahahaha...

- Essa menina não tem jeito mesmo...

- Acho que você não entendeu, querida...

- A titia está perguntando o que você pretende fazer na faculdade.
- É... O seu irmão está fazendo Arquitetura. E você? Pretende fazer o quê?
- Eu não vou fazer faculdade. Eu vou ser Palhaça.
- Aahahahahahaha...
- Pára de rir, Matilde.
- Mas, querida... Você precisa ter uma profissão!
- Palhaça é uma profissão, não é?
- Palhaça? Eu nunca ouvi falar.
- É. Palhaço pode até ser. Mas Palhaça eu não sei se existe.
- Se não existe, eu vou inventar. Tem tanta profissão sendo inventada hoje em dia. Programador de Sistemas. Webdesigner. A senhora sabe o que é um Webdesigner, mamãe?
- Aahahahahahaha...
- Matilde, faça o favor...
- Webdesigner não tem a ver com internet?
- Hoje em dia tudo tem a ver com internet, mamãe.
- Aahahahahahaha...
- Olha. Se você está tentando me irritar, conseguiu.
- Tá bom, eu paro de rir.
- Eu não estou falando com você, Matilde. Eu estou falando com a minha filha.
- Eu não estou tentando irritar ninguém. Muito pelo contrário. Eu quero ser Palhaça, eu quero fazer as pessoas rirem.
- Ninguém ri de uma Palhaça.
- Como não ri? A tia Matilde não pára de rir.
- Aahahahahahaha...
- Matilde!
- Além do mais eu acho que exatamente por não ter muitas Palhaças no mundo é que eu posso fazer sucesso. Já imaginou? Eu vou ser a primeira e única!
- É. Nisso ela tem razão.
- É mesmo. Pode até aparecer no Ratinho.
- Ou no Gugu.
- O quê? Agora vocês vão apoiar ela?
- Mamãe. Não adianta brigar. Eu já estou resolvida. Vou ser Palhaça e pronto.

- Pronto nada que eu vou chamar já o seu pai.
- Chama. O que é que ele pode fazer?
- Filhinha. Põe um pouco de juízo na sua cabeça. Onde já se viu? Uma mulher Palhaça?
- E homem Palhaço pode?
- Já é mais normal.
- Porque é normal?
- É normal porque... porque... Porque é normal, oras.
- Então tá bom. Zézinho!
- O que é que seu irmão tem a ver com essa história?
- Zézinho!
- Que foi?
- Pronto. Pode falar.
- O que é que você tem pra falar, Zézinho?
- Sabe o que é mãe... Eu vou largar a faculdade de Arquitetura.
- Largar a faculdade?
- É. E vou entrar para o circo para ser Palhaço.
- Mas será possível que todo mundo nessa família resolveu ser Palhaço, deus do céu!
- Não mãe. Só eu. A maninha só estava preparando o terreno.
- Estava. Agora eu já estou achando uma boa idéia.
- Aahahahahahahha...
- Quer fazer o favor de calar a boca, Matilde!

Teologia para Crianças - Lição nº 1

- Pai.
- Hum?
- Se a gente cavar um buraco bem fundo no chão, a gente sai na China?
- Não.
- Não?
- Não.
- Mas a professora disse na escola que...

- A professora não sabe nada.
- A professora não sabe nada?
- Não.
- Mas... mas... e o buraco?
- Que buraco?
- Aquele buraco, bem fundo. Onde é que ele sai?
- Num lugar cheio de fogo.
- No inferno?
- Pode-se dizer que sim.
- Mas, então, o inferno existe?
- Existe.
- Não existe não.
- Existe sim.
- Não existe não.
- EXISTE SIM, E TEM O DIABO COM DOIS CHIFRES BEEEEEM GRANDEES ASSSSSIMMM!!!
- Manhêêêêêêêêêê... Olha o pai fazendo careta de novo!
- Pára com isso, querido.
- Foi esse moleque que começou com aquelas perguntas...
- Tem que ter mais paciência com o menino... Você quase não fica com ele...
- Eu sei, eu sei...
- Então vai lá e pede desculpa.
- Desculpa aí, filhão.
- Tudo bem, pai. O senhor até que ficou engraçado com aqueles chifres.
- Assim que eu gosto de ver... Pai e filho bem amiguinhos...
- Humpft...
- Pai...
- Hum?
- Faz aquele diabo de novo?
- Não.
- Ah, faz vá pai...
- Não faço.
- Só mais uma vezinha...

Foi sem querer

- Que passarinho é aquele, tio?

Eu olhei bem para a árvore. Era um passarinho, não restava dúvida. E dava pra perceber que não se tratava de um pardal qualquer. Era menor. E cantava.

- É um pintassilgo - arrisquei.

Meu sobrinho apertou os olhinhos, tentando focalizar melhor.

- E de que cor é um pintassilgo, tio?

Esse moleque estava querendo me pegar. Mas não iria conseguir. Eu citei o pintassilgo justamente por ser esse o único dos passarinhos que eu conhecia muito bem. Uma vez, ainda lá em Campinas, o meu pai resolveu que um passarinho seria a melhor saída para saciar a vontade dos filhos de terem um animal de estimação. Comprou um pintassilgo no mercado. Naquele tempo ainda podia se vender passarinhos em mercados.

- É amarelo e preto. Rajadinho. Você não consegue ver não?

Meu sobrinho apertou ainda mais os olhos. Parecia não estar plenamente convencido. Eu sou conhecido na família por não entender patavina dessas coisas da natureza. Fui criado em cidade grande. Confundo lambari com piau. Limoeiros com cajueiros. Não sei dirigir direito em estradas de terra.

- Eu acho que aquele passarinho é verde, tio.

Desta vez, quem apertou os olhos fui eu. Diabos. Acho que era mesmo. Verde.

- Então é periquito.

Dos periquitos também entendo um pouco, embora não tenha sido tão íntimo quanto dos pintassilgos. Num antigo barzinho, testemunha das minhas primeiras incursões na boemia, havia um periquito. Vivia solto e o dono do bar se orgulhava do seu gosto pelas bebidas alcoólicas. Ele colocava o bichinho na boca de um copo. O passarinho se agachava, pegava um pouco de cerveja com o bico, levantava a cabeça e bebia tudo num gole só.

- Periquito fala, tio?

Putz. Agora ele me pegou. Periquito fala? As araras e os papagaios de vez em quando aprendem umas palavras. Uns até assoviam o hino nacional. Mas os periquitos... acho que não falam. Ou falam?

- Não falam. - decretei - Quem fala são os papagaios e as araras.

Na árvore, o bichinho bateu as asas e voou para um galho mais alto. Seu perfil ficou destacado contra o céu claro. É. Parecia mesmo um periquito. O biquinho meio curvo. Mas não dava pra ver direito. Além do mais, esse aí estava cantando. E periquitos, que eu me lembrasse, não cantavam.

- Como esse periquito canta, né tio?

Eu olhei bem para a cara do meu sobrinho. Ele estava mesmo querendo me pegar. Ele também devia saber que os periquitos não cantavam. Resolvi apelar para minha idade.

- Eu não consigo ouvir direito daqui - e fiz uma concha com a mão, atrás do ouvido - Bem, se está cantando não é periquito. O que pode ser então?

Aí aconteceu tudo muito rápido. A criança se abaixou e pegou alguma coisa no chão. Antes que desse tempo de eu fazer alguma coisa, o moleque atirou uma pedra em direção ao passarinho. E, para minha grande surpresa - e ainda maior para ele mesmo - acertou! A pedra parecia um míssil teleguiado. Deu tempo de nós dois seguirmos sua trajetória. A pedra foi subindo, subindo, fez uma espécie de curva parabólica, começou a descer, descer e...PLOFT. Na mosca. No caso, no passarinho.

O bichinho veio despencando lá de cima, batendo nos galhos e nas folhas, e estatelou-se no chão. Nós dois corremos em direção à árvore. Quando chegamos perto, o passarinho parecia nos últimos estertores. Dava uma tremida e parava. Tremia de novo e parava. Meu sobrinho começou a chorar.

- Eu não sabia que ia acertar, tio!

O passarinho morreu logo depois. Era vermelhinho. Tinha também umas penas amarelas. Não sei o que era. Talvez um canário, eu não entendo dessas coisas. Meu sobrinho cavou um buraco e a gente enterrou o corpo. Ele chorava. Não parava de dizer, entre soluços, que tinha sido sem querer e que o passarinho devia ter voado. Para não abalar ainda mais a criança, preferi não responder. Mas é engraçado como o ser humano sempre acha que não tem culpa de nada.

Prefere culpar os passarinhos.

Nossos jovens revolucionários

Kátia era uma menina adorável. Até que resolveu fazer um *piercing* na sobrancelha. A mãe quase arrancou os cabelos:

- Mas, mas...quem é que te deixou fazer uma coisa dessas?
 - Ninguém, mãe. Fui lá e fiz.
 - Mas...Mas... Isso não é proibido? Não precisa ter mais de dezoito anos?
 - Precisar, precisa. Mas o cara lá nem pediu minha identidade...
 - O cara lá? Mas, como assim, "o cara lá"?
 - Oras. O cara lá, que faz o *piercing*.
 - Mas, você não fez essa porcaria num médico? Numa farmácia?
 - Não... Fiz ali na casa do Alfredinho mesmo...
 - Alfredinho? Mas... Mas... Que Alfredinho é esse?
 - O Alfredinho, mãe. O cara que faz *piercing*...
 - Mas... Mas... não é possível! Orlando! Orlando!!! Venha aqui ver o que sua filha fez!
- Orlando, o pai, entra na sala.

- O que foi agora?
 - Olha aí, Orlando... Não está vendo?
- O pai parou na frente da menina. Olhou de cima a baixo. Coçou o queixo.
- Você... está meio gordinha... Não está grávida, está?

A mãe se desesperou:

- Não, Orlando. Não está vendo? Aqui, na sobrancelha?
- O que é que tem a sua sobrancelha, querida?
- A minha não! A da Kátia!

Orlando olhou para a filha.

- Um brinco?
 - Um brinco? Mas não está vendo que a sua filha colocou um *piercing*?
 - *Piercing*? Pra mim parece um brinco. Não é a mesma coisa?
 - Não, Orlando, não é a mesma coisa... É um *piercing*! Na sobrancelha!
 - E o que é que tem? Você furou a orelha dela quando ela não tinha nem seis meses...
- Um furo a mais, um a menos, que diferença faz?
- Orlando! A sua filha coloca um *piercing* e você não diz nada?

- Não estou dizendo nada porque não tem nada pra dizer. Ela fez um furo na sobrancelha.
E daí?

Kátia, estrategicamente, posicionou-se ao lado do pai. A mãe estava inconformada.

- Eu não acredito, Orlando...

- Não acredita em quê?

- Em você! Você virou um.. um... banana!

- Banana? Quem é aqui que virou banana? Você é que ficou uma velha coroca!

- Velha? Velha? Velho é você... Uma banana velha que não dá mais conta nem de...

- Não dá conta de quê? Fala se for mulher! Fala!

A mulher, enfurecida, foi para o quarto. Saiu de lá carregando as malas. Se mudou para a casa dos pais em Belo Horizonte e hoje em dia cuida da velha mãe esclerosada. O Orlando largou o emprego, fez um *piercing* no umbigo e foi morar na praia com o Wagnão, um ex-colega de faculdade. Virou artista performático e ganha a vida vendendo pulseirinhas e fazendo *tatoos* num shopping de Ubatuba. Kátia se casou com um jovem e promissor advogado. Teve três lindos e adoráveis filhos, um menino e duas meninas. A mais nova raspou a cabeça recentemente. Kátia ficou furiosa.

Experiência

*"Sempre que você fizer uma de nossas experiências,
certifique-se que há algum adulto por perto
e jamais substitua nenhum dos materiais usados." (beakman)*

Era uma experiência de escola. Aquela, que a gente tem que colocar um feijão num algodão molhado, para ver como é que as plantas crescem. O filho estava exultante:

- Mas quanto tempo demora pra crescer, pai?

- Quanto tempo demora? Hum... Um mês.

- TUDO isso?

- Hum... Mas pode ser menos. Depende.

- Depende? Depende de quê, pai?

- Depende de... depende da água que você coloca.

- Da água, é? - o filho falou, surpreendido com a sapiência do pai.

- É. Da água. Sem água, não cresce.

O pai pegou um copo na cozinha. Desses de requeijão. Pegou dois grãos de feijão do pacote. Pegou mais um, para se certificar. Vai que algum daqueles está bichado, né?

- Bichado, pai?

- É. Bichado.

- Mas como, bichado?

- Bichado,oras... Ah, você não entende dessas coisas...

Jogou os feijões dentro do copo. Agora só faltava o algodão. Procurou no armarinho do banheiro. Na caixinha de remédios. No estojo de maquiagem da mulher.

- BENEHÊ! Onde é que tem algodão?

- Ham? - a esposa perguntou, lá do quarto.

- Algodão. Onde é que tem?

- Acabou. Me lembra de comprar.

O pai coçou a cabeça.

- Sem algodão não dá, pai?

- Não sei. Acho que não.

- Mas não precisa só de água?

- Não. Precisa de algodão também.

- Quer dizer que todo o feijão que a gente come, é plantado no algodão?

O pai abaixou os olhos e prestou atenção no filho. Estava crescendo, o menino. Os olhinhos espertos não saíam de cima do copo com os três grãozinhos de feijão dentro.

- Boa idéia, filho. Vamos tentar com terra, então.

- Terra?

- É. Em vez de algodão, a gente coloca terra.

- Mas a professora falou que tinha de ser algodão.

- A professora não entende nada dessas coisas.

Pegaram o copo com os feijões e foram até o quintal. O sol estava forte. Juntaram um pouco de terra e jogaram no copo.

- Tapou os feijões, pai.

- Não tem problema. É assim mesmo.

- Mas a professora falou para colocar o feijão EM CIMA do algodão.

- Essa sua professora não sabe de nada. Agora joga um tanto de água aí que nasce.

- Quanta água, pai?

- Sei lá. Um tanto.

O filho pegou o copo e foi até a torneira. Encheu o copo até a boca. O pai já estava na sala, ligando a televisão. O filho chegou orgulhoso, com o copo cheio de água e terra. A cada passo, deixava um rastro de lama no tapete.

- Mas...o que é isso, filho? Tá sujando tudo aí!

- Eu só coloquei a água, pai.

- Mas... Me dá isso aqui.

Num sopetão, puxou o copo da mão do filho. Rápido demais: a lama se espalhou pelo sofá.

- Mas que droga!

O filho começou a chorar. A esposa saiu do quarto, pra ver o que estava acontecendo. O filho correu, pedindo colo. O pai, contrariado, passou um pano naquela sujeira toda.

Dois meses depois, um belo pé de feijão afloraria, num daqueles vãos do sofá. Você já percebeu como se encontra de tudo nesses buracos?

Pra deixar a vida mais bonitinha

Domingo. Ele lendo o jornal, na poltrona. O filho brincando no chão.

- Pai.

- Hum.

- Não é o mar aqui dentro da concha, é?

- O quê?

- Esse barulho aqui dentro dessa concha. Não é o mar, é?

- Não. É claro que não. Onde foi que você ouviu uma bobagem dessas?

- De você mesmo, oras.

- De mim?

- É. Quando eu tinha uns cinco anos, você me disse que esse barulho que a gente ouve quando encosta o ouvido nas conchas é porque elas tem um marzinho lá dentro.

- Falei, é?

- É. Falou.

- Bem, eu posso até ter falado. Mas você era criança. Agora você já tem quase doze anos. Vai dizer que acreditou até hoje numa coisa dessas?

- Não. Eu descobri outro dia desses, na internet, que o barulho que a gente ouve dentro das conchas é uma mera reverberação do som ambiente.

- Mera o quê?

- Reverberação. Do som ambiente.

- Hum. Puxa vida, hem?

- É. Só que aí eu fiquei pensando. Você nunca falou para mim que esse negócio de mar dentro das conchas era mentira.

- Mas nem precisava, né filho? Uma mentirinha boba dessas não precisa desmentir. É que nem Papai Noel. A gente uma hora pára de acreditar e pronto.

- Pra te falar a verdade, você nunca desmentiu nem a cegonha.

- Você... Vai dizer que você ainda acredita em cegonhas?

- É claro que não, pai. Mas você também nunca desmentiu.

- Mas filho. Essas coisas são assim mesmo. Não precisa desmentir. A gente vai aprendendo com a vida. Cegonha. Papai Noel. Mar em conchas. Os pais são... são... praticamente obrigados a falar essas coisas para os filhos.

- Por quê?

- Por quê o quê?

- Por que os pais são obrigados a falar essas coisas para os filhos?

- Por que? Oras, "por que"... Porque... porque... porque o mundo é muito complicado filho. E muito feio, às vezes. Então a gente precisa contar essas coisas para dar uma... uma... simplificada nas coisas. Pra deixar a vida um pouco mais... mais... um pouco mais bonitinha. Pra criança entender. Entendeu?

- Hum. Acho que sim. É mais ou menos a mesma coisa com Deus?

- De... De... Deus?

- É. Deus. Você nunca desmentiu Deus também.

- Pára de falar bobagem, moleque.

- Deus é bobagem?

- Não, o que é isso, filho? É que eu... é que... eu...

A voz salvadora veio da cozinha. Era a mulher com um "- Quem vai querer um bolo que acabou de sair do forno???"". Quase nem percebeu o filho se levantando num salto e

disparando em direção à mãe. Ele suspirou. Dessa vez havia escapado razoavelmente ileso, mas precisava se preparar melhor.

Talvez não tenha tanta sorte da próxima vez.

Quem quer aparecer na TV?

Surpresa. A TV veio na escola. A reportagem desceu da Van com todo o aparato. As câmeras. A iluminação. Fios e cabos. Baterias. A criançada impaciente. As professoras pedindo calma.

- Ei, aquela não é a moça do jornal?

- Ei, moço! Faz uma entrevista comigo?

- Cuidado com esse fio, menino!

- Moça, me dá um autógrafo!

- Pára com isso, bobão.

- Crianças! Quietos!

A jornalista foi falar com a diretora. Queria fazer umas perguntas para os alunos. Estava completando uma reportagem sobre as profissões do futuro. Pra saber o que as crianças pensavam em fazer de suas vidas nesse nosso novo mundo.

- A Globalização mudou o mundo. A senhora já ouviu falar da Globalização?

- Oh. Sim. A Globalização.

- Então. E a gente está tentando descobrir os rumos profissionais das próximas gerações.

Porque essas crianças nasceram na Era da Informação. Sabe a Era da Informação?

- A Era da Informação? Tem alguma coisa a ver com a internet?

- Isso. A senhora está pegando o espírito da coisa. A internet, a TV, tudo isso...

- Vem cá. Isso aqui está sendo gravado?

- Não. A gente só quer falar com as crianças.

- Só com as crianças?

- Só.

Foram para o pátio. As crianças tinham cercado o câmara num canto.

- Pra quê serve isso?

- Larga esse fio que dá choque!

- E esse cano aqui?
- É a iluminação. Me dá isso aqui!
- Crianças! Deixem o moço em paz!

Tudo pronto. A jornalista pegou o microfone. O câmara testou a aparelhagem.

- Onde é que tem uma tomada 220?
- Ali tem.
- Moça, faz uma entrevista comigo?
- Já já eu faço.
- Moça, deixa eu pegar no microfone.
- Crianças! Deixem a moça em paz!

As crianças fizeram fila. As professoras se arrumaram. A diretora foi retocar a maquiagem “de repente eles mudam de idéia e resolvem me entrevistar também...”. A jornalista pediu para a diretora escolher duas crianças. Uma loirinha e uma mulatinha.

- Politicamente correto, a senhora sabe, né?
- Oh. Sim. Politicamente correto.

As duas crianças se alinharam. As luzes se acenderam.

- E aí, querida? O que é que você quer ser quando crescer?
- Eu quero ser famosa.
- Mas, para ser famosa, você tem que ser alguma coisa antes.
- Como assim?

- Oras... - replicou a repórter - Uma pessoa, para ser famosa, precisa fazer alguma coisa. Por exemplo. O Roberto Carlos. Ele precisou aprender a cantar e só depois ele ficou famoso.

- Quem é Roberto Carlos?

A jornalista pediu outra criança.

- E você? O que queria ser?
- Rica.

A repórter pediu outra.

- E você, o que quer fazer?
- Trabalhar na televisão.

A repórter sorriu.

- Ah. Que bom. E fazer o quê na televisão?
- Ser convidado do Big Brother e ficar rico e famoso.

A jornalista foi reclamar com a diretora. Mas que diabos de educação estava sendo oferecida para aquelas crianças? A diretora deu uma arrumada no cabelo e respondeu:

- Agora está gravando?

De vacas e polvos

- Isso aí não parece uma vaca.

- É claro que parece uma vaca, tio. Olha aqui, o focinho.

- Bem. Você me perguntou se isso aí parecia uma vaca. Eu respondi.

Minha mulher me segurou pelo braço e me levou para a cozinha.

- Querido. Não faz assim com ele. Ele só tem oito anos.

- E daí?

- Daí que ele até que desenha bem pra idade.

- Pode até desenhar. Mas que aquilo não parece uma vaca, não parece.

- Mas será possível? Olha lá a carinha dele...

Nós dois olhamos pela porta. O menino estava lá, segurando a folha de papel sulfite com as duas mãos. Afastava um pouco do rosto. Aproximava. Apertava os olhinhos.

- Tá vendo? Magoou ele.

- Não magoei nada.

- Magoou sim. Olha lá, ele apertando os olhinhos...

- Ele tá "apertando os olhinhos" pra ver se conserta a porcaria da vaca que ele fez.

- Querido... Ele é só uma criança... Vai lá e faz amizade com ele...

Ela me deu um beijo e me empurrou devagarzinho em direção ao menino.

- Vai, vai... Vai indo enquanto eu faço um café...

Cheguei até perto do garoto e me sentei ao seu lado.

- E aí, cara? E essa vaca? Sai ou não sai?

- É difícil, tio...

- Não é difícil nada... Olha aqui, ó...

Peguei o papel e o lápis de cor. Ele me observando, atento. Fui fazendo o chifre. Os olhinhos da vaca. O focinho. Resolvi fazer uma coisa mais profissional e comecei a desenhar o corpo. Fiz uma manchas.

- O que é isso aí, tio?

- São as manchas. É uma vaca malhada.

Fiz as patas. O rabo. As tetas. Meu sobrinho riu.

- Que foi?

- Nada. Essas coisas aí. São as tetas, né?

- São. As vacas têm tetas. É daí que sai o leite que a gente toma de manhã. Olha aqui, ó. Vou desenhar o baldinho, onde o cara guarda o leite que ele tira da vaca.

E eu desenhei o baldinho. Segurei a folha com as mãos. Fiquei um tempo olhando. A perna da frente estava meio esquisita.

- Cê tem uma borracha?

- Tenho.

Tentei apagar. Borrrou um pouco. Fiz uma perna nova.

- Olha o cafezinho... - falou minha mulher, olhando por cima do meu ombro - Olha, que polvo lindo o titio desenhou para você!

- Polvo? Que polvo?

Afastei o desenho do meu rosto, apertei um pouco os olhos.

- Não está vendo que é uma vaca?

Larguei o desenho ao lado do café, que ficou esfriando em cima da mesa.

- Polvo... Só se for na cabeça dela...

E fui pra cama, dormir.

NEUROSES

Pah!

A vida é engraçada. A gente está aí, andando, conversando com todo mundo. De repente, pah! Uma apendicite. Às vezes estuporada. Quer dizer, eu não estou aqui dizendo que uma apendicite estuporada é uma coisa engraçada. Não é bem isso. Eu estou querendo dizer que todo mundo acha que ainda tem milhares de anos de vida e de repente não tem tanto assim.

- Olha. Nem começa com esse papo.

- Que papo?

- ESSE papo. Você está ficando neurótico.

- Neurótico?

- É. A gente não pode parar para tomar uma cerveja que você já começa com esse papo mórbido.

- Esse não é um papo mórbido. Você é que gosta de tapar o sol com a peneira.

- Que sol? Que peneira? Eu estou aqui, em pleno feriado, tentando me divertir um pouco, e você vem com esse papo de apendicite estuporada...

- Mas você não vê que terrível é saber que a gente não vai durar para sempre?

- Ver eu vejo. Mas e daí? A hora que minha hora chegar, chegou. Pronto.

- Pronto? Só isso, pronto? E você não se desespera?

- Me desesperar por quê? As coisas são assim, oras.

- Mas você não entende? Nós estamos aqui, agora. Nós dois. E de repente pode me dar uma dorzinha no peito e... e...

- E o quê?

- E... Pah!

- Que pah, que nada... Eu nunca te vi mais bem disposto...

- As lâmpadas sempre brilham mais antes de se queimar.

- Lâmpadas? Que lâmpadas?

- Eu estou querendo dizer que é sempre assim. As pessoas estão no auge. E, sem mais nem menos... pah!
 - Você precisa parar de pensar nessas coisas. Olhe em volta, quanta gente se divertindo!
 - É. E pensar que daqui a cem anos vai estar tudo debaixo da terra...
 - Pára com isso, já disse...
 - Porque? Você acha que vai durar mais de cem anos?
 - Eu não disse que vou durar cem anos... Só disse que não ligo a mínima pra isso...
 - Porque? Você não gosta da vida?
 - Eu adoro a vida! Eu adoro o sol! Adoro meus amigos! Adoro minha família!
 - E pensar que, um dia, tudo isso... pah!
- Bem. Nessa hora eu não aguentei e voei pra cima dele. Você tem de compreender que eu até que aguentei bastante. Eu aguentei aquele papo de apendicite. De dor no peito. De peneira. De durar cem anos. E eu aguentaria muito mais. Mas na hora que ele enterrou a minha família eu não aguentei e voei pra cima dele.
- Nossa! E aí?
 - Aí... pah!
 - PAH!!!???? Você matou ele?
 - Matar? Quem falou em matar?
 - Você que falou que voou pra cima dele e pah!
 - Foi o barulho do tapa que eu dei na cara dele, oras...
 - E ele sobreviveu?
 - É claro que sobreviveu!
 - Ai, graças a deus...

Bichos no ouvido

- O rapaz ao lado começou a se mexer na cadeira. E a balançar a cabeça.
- O que foi?
 - O que foi o quê?
 - O que foi, oras? Você não pára na cadeira.
 - Ah. Não é nada.

Por uns minutos, o rapaz parece que se tranquilizou. Mas, de repente, um fio de suor começou a descer pela testa. Não passou muito, todo seu rosto estava salpicado.

- Vem cá. Você está se sentindo bem?

- Estou, estou. Não é nada.

- Mas como, nada? Você está suando em bicas.

- É que, é que... Bem, é que eu acho que entrou um bichinho no meu ouvido.

- O quê?

- Um bichinho. Entrou no meu ouvido.

- Mas, então tira logo ele daí.

- Não dá. Ele já está lá dentro. Agora tem que aguentar e esperar ele voltar sozinho. Senão acabo empurrando ainda mais pra dentro. Eu já conheço o jogo dele.

- O jogo de quem?

- O jogo do bichinho. Ele sempre entra no meu ouvido.

Não demorou muito para o rapaz ranger os dentes. Agora, ele se mexia na cadeira. Dava umas balançadas na cabeça, como se estivesse jogando os cabelos para trás. Suava e rangia os dentes. Dessa vez, foi ele mesmo que iniciou a conversa.

- Sabe que às vezes esse bichinho é insuportável.

- Eu imagino. Ficar aguentando um bicho no ouvido sem fazer nada.

- Pois é. Será que você não podia dar uma olhada?

- Mas é claro... Por que é que você não falou antes?

O rapaz virou a cabeça, deixando o ouvido para cima. Após uma cuidadosa inspeção, constatou-se que não havia nada lá dentro além das coisas que normalmente se encontram dentro dos ouvidos.

- Mas não é possível. É claro que tem. Tô sentindo até as perninhas dele, quase saindo.

- Tô falando que não tem nada. É só impressão. Deu para ver até lá no fundo.

- Tem certeza que olhou bem? Deve ser um bichinho bem pequenininho.

- Tenho. Meus olhos são bons para essas coisas. Não tem nada.

Durante o restante do dia, por duas ou três vezes, o rapaz não aguentou e enfiou o dedo lá dentro. Depois inspecionava cuidadosamente a ponta do indicador. Chacoalhava a cabeça e se mexia na cadeira. No outro dia, não veio. Nem no outro. Passaram-se alguns meses e fiquei sabendo que pediu demissão, vendeu a casa e foi viajar, ninguém sabia para onde.

Fui encontrar o rapaz muitos anos depois, em Ubatuba. Vendendo sanduíche e suco natural na praia. Quando me viu, abriu os braços e veio em minha direção. Entre abraços e sorrisos, perguntou como é que ia a vida na cidade e como andavam os velhos conhecidos. Eu disse que ia tudo bem e essas coisas que a gente fala quando encontra alguém que não vê faz tempo. Quando perguntei se ele não pretendia voltar, sorriu, enfiou o indicador no ouvido, deu uma espiada debaixo da unha e respondeu.

- Eu não. Lá tem muito bichinho.

O homem na bolha

Outro dia desses eu estava lembrando de um filme. Não sei se vocês assistiram, é meio antigo, coisa do século passado. O filme tratava sobre um garoto que vivia numa bolha. O garoto contraiu uma doença que destruiu completamente suas defesas naturais, então ele precisou viver a vida inteira dentro de uma bolha de plástico, separado dos vírus, das bactérias e dos homens e mulheres que infestam o mundo. Era uma história verídica e tudo. O garoto era vivido no cinema pelo John Travolta, se não me engano.

O filme ficou muitos anos martelando na minha cabeça não pelas aflições que com certeza o tal garoto passou, mas pelo contrário disso. Quantas noites sonhei com a possibilidade de viver trancado no meu quarto, absolutamente livre do contato humano. Muitas vezes, na adolescência, após levar um fora de alguma paixão inesquecível ou uma surra do valentão da classe, cheguei a pensar na possibilidade de propor à minha mãe alguma coisa bem radical.

- Mãe. A senhora me ama?

- Eu o quê?

- Amar, entende? A senhora me ama?

- Oras, filho. É claro que eu amo.

- E a senhora não me deixaria nunca morrer de fome, não é mesmo?

- Filho. Você anda se drogando?

- Não mude de assunto, mãe. Eu estou fazendo uma pergunta direta e espero obter uma resposta direta. A senhora me deixaria morrer de fome?

- Deixe de bobagem, menino. É claro que não!

- Então, vamos fazer o seguinte. Eu já mandei instalar na porta do meu quarto uma portinhola vai-e-vem. Pode ver ali, está vendo? Parece com uma dessas entradas de cachorros de casa americana. Então. Aquilo é para que a senhora, todos os dias, me dê um prato de comida. Para o resto da vida. Vou trancar a porta por dentro, jogar a chave fora e nunca mais quero ver ninguém. Ouviu bem? Eu já planejei tudo. Arrumei um bom estoque de livros e discos (naquele tempo ainda não havia CD's ou internet). Acho que dá para eu me arranjar por uns anos.

- Mas do que você está falando, filhinho? - minha mãe diria, entre lágrimas - O que foi que te magoou tanto?

- Não foi nada assim, em especial, mãe. Só não quero mais falar com as outras pessoas. Eu descobri que sou um cara muito feliz. Gosto das minhas opiniões. Por incrível que pareça, gosto até da minha cara. O que me atrapalha são as outras pessoas. Elas discordam muito do que eu falo. São violentas. Então, me aproveitando um pouco dessa relação esquisita que existe entre mãe e filho, estou apenas propondo para a senhora que me dê um prato de comida e alguns litros de água por dia. Não é pedir muito, é?

É claro que esse diálogo nunca chegou a acontecer, embora eu tenha certeza que a minha mãe cumpriria fielmente a sua parte do acordo. Algumas complicações na área higiênica (meu quarto não tinha um banheiro, por exemplo) e uma total falta de coragem me impediram de levar a cabo o meu intento.

A coragem me faltou no momento em que cheguei à triste constatação que minha mãe era bem mais velha que eu e, por conseguinte, e se as coisas seguissem seu curso natural, ela morreria antes que eu, me condenando a morrer de fome e sede no quarto dos fundos de sua casa. Mas enfim, com o passar dos anos e após algumas experiências sexuais bem sucedidas, acabei me esquecendo dessas coisas e imaginei que estava livre para sempre desses sonhos malucos.

Ledo engano. Ultimamente essas idéias voltaram a me assolar impiedosamente. A tal ponto que, outro dia desses, observando a minha filha de dezesseis anos preparando seu café da manhã - uma vitamina de bananas e maçãs que parecia muito saborosa - limpei a garganta e arrisquei:

- Filha. Você não deixaria seu velho pai morrer de fome, deixaria?

Ela riu. Não sei de quê.

Diário de um fumante

sexta-feira - 18:00h

Parei de fumar. Meu último acesso de tosse me convenceu. Ele e aquele nenezinho da fotografia do maço. Não vou jogar o maço de cigarros cheio no lixo, como uns amigos disseram que era melhor fazer. Vou deixar o maço bem aqui, em cima da mesa. Do lado do meu isqueiro. Uma recordação do tempo que eu fumava. Vou deixar aí. O isqueiro, o cinzeiro e o maço de cigarros. Bem à vista, pra todo mundo saber que eu parei de fumar.

sexta-feira - 19:00h

Já faz uma hora que eu parei de fumar. E não aconteceu nada de mais. Só estou escrevendo para mostrar que não sei porque esse povo fala que é tão difícil assim parar de fumar. Já faz uma hora que eu não fumo e não estou sentindo a mínima vontade.

sexta-feira - 19:01h

Não estou mesmo, o que é que há, não acredita em mim?

sexta-feira - 20:03h

Duas horas e três minutos sem fumar. Eu acho que já mereço um prêmio. Vou tomar um café. Não! Café não! Água. Um bom copo d'água. Isso. Água gelada. Saudável.

sexta-feira - 20:15h

Tomei um café. Se tiver alguém lendo aí essa coisa e um dia quiser parar de fumar, eu aviso. Não tome café. A gente quer acender um cigarro. Já tomei oito copos d'água por cima do café para tirar o gosto e o gosto do café não sai. E esse cigarro aí, em cima da mesa, me olhando. Quem é que deixou esse cigarro e esse isqueiro e esse cinzeiro aqui em cima da...

sexta-feira - 20:17h

Idéia idiota essa de deixar o cigarro em cima da mesa. Joguei no lixo, pronto. Agora sem ver o desgraçado, fica mais fácil. Quanto tempo? Duas horas. Duas horas e 17 minutos sem fumar.

sexta-feira - 20:18h

Duas e dezoito agora.

sexta-feira - 20:19h

Duas e dezenove.

sexta-feira - 20:20h

Aí, tá vendo, quem é que falou que eu não conseguia? Duas horas e vinte minutos sem fumar!

sexta-feira - 20:21h

Duas e vinte e um.

sexta-feira - 20:22h

Bem. Eu não posso passar o resto da minha vida contando o tempo que eu já estou sem fumar. Preciso fazer alguma outra coisa. O quê, por exemplo? Tomar um... não! Café não! Água. Vamos tomar água.

sexta-feira - 21:00h

A geladeira. Não tem nada nessa geladeira. Se eu parei de fumar mesmo, preciso comprar umas coisas para pôr nessa geladeira. Um cara que não fuma, tem que fazer outras coisas. Por exemplo... Por exemplo...

sexta-feira - 22:00h

Chegou a pizza. Pedi logo duas para me garantir. E uma coca dois litros. Quatro horas sem fumar. Quem diria, hem?

sábado - 3:00h

Acabaram as pizzas. A coca-cola. Acabou até a água do pote. Agora um cafezinho e... não! Café não! Café não! Você precisa raciocinar. A televisão. Mas o que é isso? Não tinham proibido fumar na televisão? Vou sair. Dar uma volta. Tem um monte de gente no mundo que não fuma. Vou ficar com eles.

sábado - 3:01h

Não. Melhor ficar em casa. Por enquanto, ninguém sabe que eu parei de fumar. Só eu. Se eu sair, a coisa vai ficar oficial. Eu não vou oficializar nada.

sábado - 3:03h

Não. É melhor sair. Quanto tempo sem fumar? Nove horas?

sábado - 3:40h

Voltei. Tá todo mundo fumando lá fora. Na padaria. Na rua. No bar. Eu não ia aguentar.

sábado - 4:00h

Dez horas sem fumar. Vem, cá, cê sabe se charuto pode ser considerado cigarro? Quer dizer, se o sujeito fumar um charuto, isso quer dizer que ele voltou a fumar? Porque charuto não é cigarro, é? Não, eu não fumei um charuto! Só estou perguntando! Tá bom, tá bom.

sábado - 4:01h

Um minuto sem fumar. Até aqui, tudo bem.

Um cordial abraço

Já reparou como a gente manda abraço? A gente manda abraço pra todo mundo, meio que indiscriminadamente. Manda abraço desde para o pai que mora fora até para o diretor daquela multinacional. É uma mandação de abraço que, quem vê de fora, fica com a impressão de que no Brasil a gente vive se abraçando pelas ruas, numa grande confraternização. Mas não é isso que acontece.

No Brasil a gente mais manda abraço do que dá mesmo, de verdade. Porque mandar um abraço de longe é muito mais fácil do que de perto. É tão fácil que, normalmente, a gente estende o abraço mandado para fulanos que a gente nem conhece. O telefone é o campeão de mandar abraço. A gente nem acaba de tratar lá dos assuntos que causaram

o telefonema e já manda “- Uma abração aí, para o pessoal”. A gente já parte do pressuposto que o fulano com quem estamos falando tenha um pessoal - seja família, amigos ou pelo menos uns colegas de escritório - e já aproveita e manda abraço pra todo mundo.

Agora, vamos ser sinceros. Quando você vai num escritório ou numa loja você abraça alguém? Você chega e logo de cara dá um abraço no vendedor? Depois, na hora de pagar a conta, dá um abraço no caixa? Dá nada. A verdade é que a gente não abraça ninguém. Mal e mal a gente dá a mão para um gerente de vez em quando. Mas abraçar mesmo, ali, de peito aberto, a gente não abraça nem a mãe da gente direito.

E tem o e-mail também. Normalmente a gente manda um e-mail - pode ser de negócios ou pessoal - e, lá no finalzinho, tasca “um abraço”. Uns, mais atrevidos, escrevem “um abração”. Aliás, essa é outra coisa que eu fico pensando. Como é que pode um “abração”? Os nossos braços têm um determinado comprimento fixo, não é mesmo? Então, um abraço é sempre do mesmo tamanho, não dá para dar um “abração”. A gente pode até apertar mais que o normal. Ou abraçar e dar aquela levantada que deixa o abraçado meio sem graça. Mas o tamanho do abraço continuará sempre o mesmo, e a única coisa que vai diferenciar é a força empregada. E, algumas vezes, a intenção.

E finalmente chegamos no ponto que eu estava querendo chegar. A intenção do abraço. Outro dia desses encontrei um candidato na rua. Eu não vou ficar aqui citando nomes - uma que eu nem sei se pode citar nomes com essa lei eleitoral esquisita que a gente tem, e outra que o tal candidato tem até chance de ser eleito e, você sabe, é sempre bom estar de bem com esses caras.

Pois bem. Então eu estava andando pela rua e encontrei o tal candidato. Distraído com as vitrines, eu nem tinha percebido o fulano direito e, quando eu me dei conta, ele estava vindo em minha direção, com os dois braços abertos, como se fosse alçar vôo ou coisa parecida.

Na hora eu não entendi direito o que é que estava acontecendo. A princípio, achei que fosse uma tentativa de assalto. Aí eu percebi os fotógrafos atrás dele, todos com as máquinas apontadas para nós dois. No que o candidato me agarrou, os flashes dispararam. Momentaneamente cego com as luzes, fiquei algum tempo meio zozzo, parado no meio da rua. E quando meus olhos começaram a voltar ao normal, percebi que o candidato já estava bem distante, agarrando um outro passante desavisado.

Deixei o incidente pra lá, e só muito tempo depois é que parei para pensar na coisa. E fiquei aterrorizado. O que diabos aquele candidato pretendia fazer com aquela fotografia de nós dois ali, abraçados, no meio da rua? Será que pode usar no horário eleitoral? Ou, pior: será que o candidato ia me chantagear, exigindo o meu voto sob a ameaça de publicar aquela foto incriminadora na grande imprensa?

Seja como for, fica aqui o alerta. Em época de eleição, não abrace qualquer um no meio da rua. Pode ser um político. Ou um assalto. Ou as duas coisas ao mesmo tempo, vai saber.

Minha mãe é um sonho

- Mãe? Mas o que a senhora está...
- Oi, filhinho... Dá aqui um beijo!
- Mas, mas... Mãe, você nem avisou nem nada...
- E mãe precisa avisar, filhinho?
- É que, é que...
- E aí? Vai me deixar aqui, esperando na porta?
- Não, o que é isso, vai entrando, mãe...
- Olha só, hem? Você mexeu na casa...
- É, mãe... Umas coisinhas...
- Esse sofá aqui. Não tinha, tinha?
- Não. Não tinha.
- Mas que corzinha, hem? Você nunca teve gosto pra essas coisas...E essa cortina? Onde está aquela que eu te dei?
- Troquei, mãe.
- Mas por uma marrom? Não vê que não orna com as paredes?
- Não orna, é? Espera, mãe... O que a senhora está fazendo?
- Abrindo a geladeira, oras... Não posso nem abrir a geladeira da casa do meu filho?
- Pode mãe... É que...
- Hum... o que tem aqui, nesta lata?
- Milho, mãe.

- Hummm, que cheiro... Tá azedo, filho...
- Não tá não, mãe.
- É claro que está. Eu não avisei pra nunca guardar lata aberta na geladeira?
- Avisou, mãe... é que...
- E onde estão as verduras? As frutas? Você não está se cuidando, né filhinho?
- Claro que eu estou mãe. Olha aqui, a minha barriga!
- Isso é de cerveja, pensa que eu não sei? Você anda bebendo muito, filhinho?
- Não, mãe.
- E fumar? Você parou de fumar?
- Não, mãe.
- Diminuiu, pelo menos?
- Um pouco, mãe...
- Mas já vai fumar outra vez, meu filho?
- Mas eu ainda não fumei nem um cigarro...
- Ah, filhinho... Isso ainda vai te matar... Seu pulmãozinho nunca foi muito bom...
- Eu não tenho nada no pulmão, mãe...
- Claro que tem. Bronquite. Asma. Precisa se cuidar. Falando nisso, porque você está sem blusa?
- Porque está quase quarenta graus, mãe...
- Precisa usar sempre uma blusa, filho... Nessa casa venta demais...
- Não venta nada, mãe...
- Claro que venta. Eu trouxe até meu edredom.
- Falando nisso, mãe, onde é que está a sua mala?
- Mala? Ah, ela está vindo aí atrás, junto com o caminhão...
- Caminhão? Que caminhão?
- O caminhão da mudança...
- Mudança? Mas que mudança?
- Ah, eu não te falei? Eu estou mudando pra cá...
- Mudando? Mudando pra cá? Mas... Mas...

- ARTUR... ACORDA ARTUR...
- Hã? Hã? Que foi?
- Você, começou a gritar... Deve ter sido um pesadelo e tanto...

- Pesadelo? Que pesadelo? Tá chamando minha mãe de pesadelo?
- Sua mãe? Mas do que é que você está falando agora?
- É que... Eu sonhei com... Ah, deixa pra lá...

Nada com nada

- Eu descobri dia desses que a gente não fala nada com nada.
- Descobriu o quê?
- Que nada do que a gente fala faz sentido.
- Mas como é que você fez essa descoberta?
- É só parar para ouvir. Ouve bem o que você tá falando, por exemplo. Não faz sentido.
- É claro que faz.
- Taí, a prova.
- Que prova?
- Você falou “é claro”? O que quer dizer “é claro”? Por um acaso você está vendo alguma luz iluminando a nossa conversa?
- Oras, mas você está exagerando...
- Não estou. Olha bem o que você acabou de falar. “Oras”. E o que é “oras”? É “horas” de tempo, ou o quê? “Oras” sem “agá” não tem significado algum!
- Mas desse jeito você acaba não falando nada...
- Taí outra coisa. “Não falando nada”. Se você “não falar nada”, quer dizer que você falou alguma coisa. Você “não falou nada”, entende? É a negativa da negativa.
- Esse papo já está ficando chato.
- “Papo chato”? O que você quer dizer com isso? Que a área frontal da minha garganta está ficando plana?
- Olha, vamos trocar de assunto?
- Ah tá. Então toma aqui o meu assunto e agora me dá o seu. É uma boa troca para você?
- Pára com isso, pombas...
- Pombas? Que pombas? daquelas branquinhas da praça ou daquelas cinzentas, do mato?

- Mas essa conversa não vai levar a lugar nenhum...
- De novo a negativa da negativa. Se a conversa “não vai levar a lugar nenhum”, isso quer dizer que vai levar a algum lugar, não é mesmo? Aonde será, hem? Que essa conversa vai nos levar?
- Vai levar para uma briga se você continuar enchendo o meu saco!
- Enchendo o saco? Mas que saco? Se for um saco de pano ou de supermercado, você devia ficar agradecido por eu enchê-lo de alguma coisa. Agora, se for “aquele” saco, me fala de uma vez que você ficou com ele cheio. Só uma. Esse saco não enche, oras. E, mesmo se enchesse, encheria de quê? E como é que você sabe que é ruim ele ficar cheio?
- Olha que você já está me pondo fora do sério...
- Como assim, “fora do sério”? Você está com vontade de rir?
- Dessa vez eu vou te pegar!
- Pegar? Oba! Eu adoro pega-pega. Eu conto até dez. No dez, você corre atrás de mim, certo?
- Eu tô te falando... Não brinca comigo, hem?
- Ah, vamos brincar só um pouquinho, vai? O quê você prefere, então? Esconde-esconde?
- Quer saber? Vai te catar! - virou-se e deixou o chato lá, falando sozinho.
- Catar o quê? Catar o quê?

Cercados

- A... A... A... tchim!!!
- Deus te crie.
- ...snif... obrigado... cof cof
- Resfriado, é?
- É... cof cof ... Acho que sim.
- Precisa tomar cuidado. Você não recebeu nenhuma carta por esses dias, recebeu?

- Cartas? É claro que eu recebi. Quer dizer, snif, aquelas coisas de sempre, propagandas, contas... Mas o que é que tem a minha correspondência a ver com o resfriado?

- Oras, pode não ser resfriado. Pode ser antraz, por exemplo.

- Antraz?

- É. Ou coisa pior.

- Você está ficando é maluco.

- Maluco, é? Você não vê televisão não? Só nos Estados Unidos já têm doze infectados.

- Ah, mas isso nos Estados Unidos...Snif. Quem é que vai querer me atacar?

- Mas você é ingênuo mesmo. Nós estamos em guerra. E a gente nunca sabe como nem onde eles vão atacar de novo.

- Espera aí... Eu não estou em guerra. Eu estou apenas com um resfriado.

- Você não percebe que a coisa é com todo mundo? Eles podem estar te atacando para que você passe o antraz para alguém. Você não conhece ninguém famoso?

- Famoso? Sei lá. Conheço uns caras aí, mas isso não vem ao caso...

- Não vem ao caso? É CLARO que vem ao caso! Quem é que você conhece?

- Sei lá... Sou muito amigo do prefeito, por exemplo, mas...

- Aí... Tá vendo? E o prefeito, de que partido é?

- O prefeito? Do PSDB eu acho, mas...

- PSDB? Não tá vendo? O mesmo partido do Presidente da República!!! Eles podem estar contaminando você pra o vírus chegar até o presidente!

- Mas que maluquice é essa? Espera aí...

- Não... Espera você!!! - o outro falou, dando dois passos para trás.

- Calma, mesmo se essa bobagem que você está falando fosse verdade, antraz não pega.

- Tá bom, eu acredito - falou, dando mais dois passos para trás - Mas fica quietinho aí enquanto eu chamo uma ambulância. Uma ambulância não. Eu vou chamar é a polícia.

- Polícia? Você só pode estar brincando... Olha aí, ó... Eu até já parei de espirrar. Aliás, eu nem sei quais são os sintomas desse antraz. Você sabe?

O outro agarrou uma cadeira e a levantou ameaçadoramente.

- SE AFASTA DE MIM, EU JÁ DISSE!!! Senta aí no seu lugar enquanto eu telefono para a polícia! Aliás, polícia não! Vou telefonar é pro exército.

- Você está pirando... Onde já se viu? Os caras vão vir aqui sim, mas pra levar você para um hospício.

Resolveu se sentar. Não ia enfrentar um maluco armado de uma cadeira. O outro pegou o telefone e discou para a telefonista.

- Alô? Alô? Dona Vilma? Tem um cara aqui com antraz! É, antraz! Liga aí urgente pra mim, pro exército! Não, melhor ligar pro FBI! O telefone do FBI? Sei lá, procura aí, na lista!

O que estava resfriado deu uma risada. Agora não ia demorar para a telefonista avisar os seguranças que tinha um maluco na sala dele. Levantou os olhos para o homem: ainda agarrado à cadeira, o pobre coitado tremia. Os olhos esbugalhados e vermelhos. Os nervos devem estar em frangalhos com esse clima de tensão. Tomara que não perca o emprego por isso. Uma semaninha de folga e provavelmente ficaria bem. De repente, ouviu-se as sirenes. A telefonista deve ter mandado chamar uns médicos. É melhor mesmo. Os seguranças poderiam machucá-lo, e não precisava. Ele era só um infeliz que tinha perdido um pouco a noção das coisas.

Foi aí que ele ouviu o helicóptero. E o sotaque carregado da voz no alto falante:

- Ok, God save the América! The prrédió esstá cerrrcado!

Síndrome do Pânico

O homem atravessou a estrada correndo. Abanando as mãos. Tive que breicar. Era um homem feio. Ainda mais com o farol batendo direto nos olhos dele. E a luz de baixo para cima dando um ar fantasmagórico. De repente, me toquei. Um assalto! Só podia ser. Tentei dar ré, mas a perna começou a tremer e o carro morreu. Ele veio pisando duro em minha direção.

- Chegou a minha vez!

O homem colocou as duas mãos sobre o capô. Eu já esperava. Uma hora ou outra tinha de acontecer. Eu dei é muita sorte de não ser assaltado até hoje. Fico aí, dando moleza, viajando de madrugada sozinho. É isso que dá. O homem deu a volta, para o lado da porta. Da minha porta.

- Um sequestro. Meu deus do céu!

Pensei em fechar os vidros. Mas a mão tremia mais ainda que as pernas. E também não ia adiantar. O carro não era blindado. Onde é que já se viu blindar um Fiesta? Ele colocou uma mão na janela e abaixou a cabeça. Onde é que estava a outra mão? Estava pegando o revólver! Talvez uma metralhadora!

- Pelo amor de deus, não precisa disso!

- Quem não precisa o quê?

- Hãhã?

- O senhor... Não precisa do quê?

- Eu... eu... não estou entendendo...

- Olha, deixa eu explicar... O senhor tá vendo aquele carro parado ali? Aquele Opala?

Meu deus do céu, aquele Opala estava lotado. Era uma quadrilha!

- Estou, estou! Mas não precisa usar de violência!

- Olha, o senhor me desculpe parar o senhor assim, no meio da noite. Mas a minha família está toda ali. Minha mulher, meus dois filhos e a minha filhinha, a Carminha. Está vendo a Carminha? Oi Carminha!

O homem fez um tchau para o Opala. Da janela traseira do Opala, uma mãozinha fez tchau. Acho que deu pra ouvir "oi papai!".

- Pois então. Eu sei que é uma falha muito grande da minha parte sair assim, com a família, pegar estrada e não olhar... Mas o pneu furou e eu estou sem macaco.

- Sem o quê?

- Macaco. O senhor tem aí um macaco?

- Um macaco?

- É, para trocar o pneu.

Um macaco. Ele só queria um macaco! Diabos de mundo maluco que a gente nem pode mais ajudar uma família no meio da estrada.

- É claro que eu tenho um macaco. Vamos lá. Eu até ajudo o senhor a trocar o pneu!

Estacionei o carro, peguei o macaco e fomos até o Opala. A mulher dele me cumprimentou com um aceno. Os filhos não saíram do carro, mas sorriram pra mim. Ele abriu o porta-malas e pegou o estepe. Conversamos um pouco sobre as coisas. Sobre o tempo. Como anda chovendo, não? Pois é. As estações, tá tudo mudado. Trabalhamos até que bem rápido. Ele me devolveu o macaco. Parecia agradecido. Foi colocar o pneu furado no porta-malas. Puxa vida, o que é que ele faria se eu não tivesse parado? O

homem voltou trazendo alguma coisa na mão. Um presente. Talvez algum doce caseiro. Não dava pra ver direito no escuro da noite. Só percebi quando estava bem perto. Era um revólver.

- Será que agora o senhor podia me passar a carteira?

Contagioso

Subiu na mesa e começou a tirar a roupa.

- Mas... O que é isso, Alfredo?

- Deixa ele... Deve estar com calor...

- Se fosse só calor, não subia na mesa.

- Alfredo. Desce daí, vai!

A princípio, ninguém viu muito perigo. O Alfredo não era dessas coisas. Ainda se fosse o Silvinho, vá lá... Podia dar confusão. Mas o Alfredo não. Já já ele parava.

- Deixa ele. Só tomou umas a mais.

- É. De vez em quando um homem tem que sair um pouco do sério.

- Dá-lhe, Alfredo!

- Bem que você falou que um dia subia na vida!

Mas, depois de um pouco, começaram a ficar preocupados. Ele não parava.

- Espera aí, Alfredo... A calça não!

- Alfredo! Olha aí, tem mulher na parada...

- Olha aí. O pessoal já tá olhando.

- Desce daí, Alfredo.

Mas o Alfredo não descia. Impávido, já estava só de meia, sapato e cueca.

- Você usa sunguinha, Alfredo?

- Mas quem diria... Eu jurava que o Alfredo era homem de usar samba-canção.

- Alfredo, o que é que você está fazendo?

- Alfredo. Pára com isso!

- A cueca não!

Os amigos se levantaram. Todos ajudando a tapar o Alfredo. Uns com os braços. Uns com o paletó. O outro emprestou a toalha da mesa vizinha.

- O senhor me empresta a toalha?

- Claro. Como não?

Começaram a desesperar. O Alfredo tirou um sapato. Tirou o outro.

- Alfredo. Agora chega.

- Desce daí, Alfredo. Eu ainda nem tomei o meu choppinho.

- Eu vou chamar a polícia.

- Vai chamar polícia nada. Fica quieto aí.

Um amigo agarrou numa perna do Alfredo. O outro na outra.

- Ei. Olha só. Ele já tirou até as meias!

Os outros foram ajudando a descer o Alfredo da mesa. Ele não ofereceu muita resistência. Cobriram o Alfredo com um paletó.

- Cadê a cueca dele?

- Deixa a cueca aí, oras...

- A mulher dele vai matar a gente se o Alfredo chegar em casa sem cueca.

- Se demorar muito, a mulher dele vai matar a gente de qualquer jeito!

- É. Olha aí, ó. Tá todo mundo olhando. Vai que tem alguém conhecido.

- Vamos embora daqui.

E foram embora. Aos poucos, o ambiente foi voltando ao normal. Passou meia hora, ninguém mais se lembrava do que tinha acontecido. O vai e vem das mesas continuou. As bebidas sendo servidas. As comidas. Aí aquela dona gorda subiu no balcão.

Novos tempos

- Querida! Você viu aquela calça cinza?

Ela respondeu da cozinha, de onde vinha um delicioso cheirinho de café recém passado.

- No calceiro, querido.

- Calceiro?

- É... Esse negócio aí, de colocar as calças. Está bem no fundo!

Ele puxou o calceiro. Gozado. Há quantos anos usava aquilo e não sabia que chamava calceiro. Achou a calça. Vestiu. Foi até o banheiro. Escovou os dentes. Voltou para o quarto. Abriu o armário. Pegou a camisa branca. Sentou e vestiu as meias. Escolheu o sapato. Gostava daquele preto, de couro alemão. Olhou-se no espelho. Estava elegante. Voltou para o armário. Procurou nos cabides. Revirou as gavetas.

- O colete. Eu não acho o colete!

A mulher voltou para o quarto, com um cafézinho.

- Aqui, ó. Você deixou ao lado da cama ontem, lembra?

Ela sorriu. Ele vestiu o colete, tomando o café. Colocou a xícara vazia no criado-mudo. E foi aí que ela puxou a metralhadora e disparou. A rajada pegou do lado esquerdo do peito do marido. Ele rodopiou e caiu na cama de bruços. Ela atirou de novo. Dessa vez, os tiros pegaram em cheio. O corpo do marido tremeu no colchão, enquanto as balas estilhaçavam em suas costas. O cheiro de pólvora encheu o ar. Ela colocou a metralhadora em cima da cômoda.

- E aí?

- Sei lá. Aqui do lado esquerdo parece que não está segurando como segurava antes.

- Deixa eu dar uma olhada.

Ela pegou o colete e levou até a oficina. Ele tinha razão. As duas primeiras camadas de Kevlar estavam gastas. O colete tinha quase dois anos de uso. Já era hora de comprar um novo. Tirou as duas camadas estragadas. Pegou duas novas e colocou no lugar. Não ficou zero, mas era só o marido não se arriscar demais que tudo bem. Voltou para o quarto.

- E aí, estragou?

- Não, não era nada. Já arrumei. Mas acho que está na hora de trocar. Precisa ver o novo modelo que o marido da Zuleide comprou. Um estouro!

- ESTOURO? ONDE, ONDE ? - o marido gritou, se abaixando.

- Calma... É só uma maneira de dizer... Eu estava querendo falar que o colete dele é muito bom...

- Mas... Você quase me mata de susto! Eu não tenho mais idade para essas brincadeiras...

- Calma, querido. Veste o seu coletinho aqui e pode ficar calmo.

Antes, ele pegou o facão e deu umas cutucadas no colete. Era melhor dar uma conferida. Vestiu o colete. Colocou a camisa por cima. A gravata. Recolocou o facão na bainha. Conferiu a munição.

- Querida. Estão faltando uns cartuchos 223 Remington...

- Ah, eu usei ontem...

- O que foi?

- Nada... Uns caras tentaram entrar na casa, e eu precisei usar o AR-15.

- Mas como é que eles passaram pela cerca elétrica?

- Não passaram. Eles enroscaram nela, eu ouvi os gritos. Atirei daqui mesmo, da janela.

- Tudo bem. Mas vê se não fica atirando à toa. Você sabe. A munição está pela hora da morte.

- Nem me fala... E nem adianta o governa falar que vai abaixar o preço que não abaixa... Lembra quando eles falaram que era para os postos de munição baixarem o preço das 7,65mm pra Colt Pocket?

- Lembro.

- Então... falaram, falaram, falaram, e não abaixou nada... Os postos dizem que não podem perder a margem de lucro, o governo diz que os impostos sobre as munições já estão baixos... Sei que quem acaba se ferrando sempre é o consumidor... É por isso que eu te falo, querido, que a gente tem que votar é no PT...

O marido pulou imediatamente sobre a mulher e tapou-lhe a boca com as mãos. Olhou em volta. Silêncio. A mulher assustada, com os olhos arregalados.

E aí a casa inteira explodiu.

SURREALISTA

Semana da Leitura - 2085 d.C.

*"Dos diversos instrumentos criados pelo homem, o mais assombroso é o livro.
Os demais são extensão do seu corpo, mas o livro é extensão da memória e da imaginação."*

Jorge Luís Borges

Ano 2085. Estamos na Semana Globalizada da Leitura e a professora tenta ensinar alguma coisa. A classe está uma bagunça. Ela é um robô, evidentemente. Os alunos não.

- A escrita foi uma das maiores invenções da humanidade. Se não a maior. Joãozinho. Pare de jogar esses chips na Aninha.

- Não fui eu! Foi o Almeidinha.

- Almeidinha! Pare já com isso! Bem, como eu ia dizendo, a escrita nasceu da necessidade dos seres humanos se comunicarem. Tanto as primeiras es...tzzz cri...clec. Clec. Pfffzzzzz...

- Xiiii... A professora deu pau de novo...

- Vai lá, Joãozinho... Dá um Ctrl+Alt+Del nela...

O Joãozinho se levantou, contrariado. Porque sempre ele? O teclado ficava escondido pelas roupas. Ele enfiou a mão por baixo do avental. A classe começou a assobiar.

- Dá-lhe, Joãozinho!!!

Ctrl+Alt+Del não adiantou. Precisou reiniciar. A professora era um modelo antigo. Ainda usava o ultrapassado sistema Windows 9000 Intel XXIV. Já estava aposentada, mas com o salário que pagavam para os professores, ela ainda tinha que dar umas aulas para completar o orçamento. Aos poucos, ela foi voltando.

- Pzzzz... clec... *esse programa cometeu uma ação ilegal e será fechado imed...* clec...

O Joãozinho deu um tapa no ombro da professora.

- Clec. Pzzz... Obrigada, Joãozinho.

- A senhora está se sentindo bem?

- Tudo bem agora. Obrigada. Pode se sentar. Vamos continuar a nossa aula. Pzzz... Do que estávamos falando mesmo?

- Do surgimento da escrita, professora.

- Oh, sim. Isso mesmo. Bem, como eu estava dizendo, tanto as primeiras escritas cuneiformes quanto a hieroglífica eram de natureza *fonético-pictográfica*. Isso significa que os símbolos usados tanto representavam os sons de uma palavra quanto a forma do objeto que ela representava. Este sistema não era muito diferente do utilizado pelo Chinês, o único em uso até hoje, e que é chamado normalmente de ideográfico.

- Eu não entendi nada - falou o Almeidinha, enquanto arremessava outro chip na Aninha.

- Vamos ver se eu consigo explicar melhor. Olha, embora separadamente, as escritas da China e do Oriente Médio (e posteriormente na América) surgiram a partir dos desenhos que eram feitos nas cavernas, que foram cada vez mais simplificados até se tornarem bem estilizados. Primeiramente, se desenhavam objetos, animais e pessoas, o que equivalia a uma cena, ou história em quadrinhos. Em seguida, passou-se a inventar símbolos para noções abstratas e ações. Depois se procurou representar graficamente as palavras na mesma ordem e forma em que apareciam na língua falada - e foi aí que surgiu a verdadeira escrita.

- Quer dizer, professora, que primeiro as coisas eram transmitidas através das imagens?

- Isso, Joãozinho. Muito bem. Antigamente, para se escrever "leão", o homem desenhava um leão. Aí eles começaram a desenhar cada vez mais rápido, e o desenho começou a ficar mais simples. Até que ficou tão simples que ele não era mais um desenho de um leão. Era um "rabisco" que significava um leão. E foi aí que começou a surgir a palavra escrita. Entendeu agora, Almeidinha?

O Almeidinha bocejou.

- Entendi, professora. - e jogou mais um chip na Aninha.

- Mas foi somente com a invenção da imprensa - continuou a professora robô - que o livro se democratizou pelo mundo. Ao longo da História, a capacidade de ler e escrever sempre esteve restrita às classes sociais mais elevadas, pois os livros eram escritos um a um, o que os transformava num objeto raro e caro. Mas no ano de 1455, o ourives alemão Johannes Gutemberg conseguiu imprimir 200 livros, compostos tipograficamente, abrindo o caminho para a informação em massa que viria transformar a história da humanidade nos séculos seguintes. Entenderam?

- Eu só não entendi uma coisa, professora...

- O que foi, Almeidinha?

- O que é um livro?

Vermes rastejantes

As baratas se reuniram. Já não era possível deixar a coisa continuar assim, ao deus dará. Ou ao homem dará, como resmungava o guia espiritual de um grupo mais radical: “- Dizem que a raça humana pode sobreviver até mesmo a um hecatombe nuclear...” - bradava o líder para uma platéia atônita.

Por uma absoluta incompatibilidade de gênios, as baratas, há milhares de anos, resolveram se retirar para os subterrâneos, deixando a superfície da Terra por conta e risco dos humanos. Por muito tempo, afora uma ou outra chinelada e algumas fugas alucinadas pelas cozinhas, uma raça não interferiu com a outra - e homens e baratas conseguiram conviver harmoniosamente. Uma no andar de cima, outra no de baixo, as duas espécies mantiveram um progresso independente, não dando muita bola para a superioridade ou não da outra. Isso foi até começarem as guerras químicas.

- Eu falava para vocês que aquele negócio de aerossol ia acabar mal - remexia-se na sua poltrona a presidente da OLB (Organização pela Liberação das Baratas).

E era verdade. Apesar das insensatas acusações de serem portadoras de diversos tipos de doenças e de verem seu nome constantemente ligado à sujeira, as baratas não tinham nenhuma proteção contra algumas dessas coisas que o homem andava jogando na atmosfera.

- Alguém aí, alguma vez, já tinha ouvido falar nesse tal de antraz?

As baratas da platéia se entreolharam, assustadas.

- As mais velhas talvez até se lembrem, mas os membros da nossa juventude aqui presente, algum de vocês chegou a conhecer a varíola?

Agitando suas bandeiras vermelhas, os “antenas pintadas” e os membros da UBE's (União das Baratas Estudantes) levantaram os pulsos e iniciaram seu tradicional grito de guerra: “Ano, ano, ano... Abaixo o ser humano!”. Os mais velhos, temerosos, pediam calma. Alguns ovos foram atirados no palco. Um deles espatifou-se no Ministro da Saúde, virtual candidato ao cargo de Presidente. Uma velha barata barbuda, crente que ainda estava abafando, começou a discursar tentando devolver a calma ao ambiente - mas as

jovens baratas nunca tinham ouvido falar naquele cara e ameaçaram invadir o palco. Imediatamente a tropa de choque da BM (Baratas Militares) invadiu o plenário, retirando todas as baratas líderes sob os apupos da platéia enfurecida. No meio da confusão, uma das jovens baratas tomou o microfone e tentou puxar mais um grito de guerra - "íssie, íssie, íssie... Vamos invadir a superfície!" - mas como o grito de guerra era muito complicado, ninguém deu muito ouvido pra ela e continuaram a atirar os ovos e quebrar as cadeiras. A reunião das baratas havia sido um completo fiasco, mas daquela noite em diante, as baratas passaram a enxergar o ser humano com outros olhos além das centenas que já possuíam.

Não, o homem nunca mais seria visto como aquele animalzinho inofensivo que se imagina seguro atrás de seus chinelos e aerossóis. Agora, olhando pelas frestas, as baratas planejam seu ataque. Ainda desorganizadas, o assalto final deverá ocorrer somente daqui alguns anos. Talvez até algumas décadas, não importa. O fato é que os dias de glória da raça humana estão com seus dias contados. Maior prova é que muitas baratas, camufladas, já assumiram importantes cargos públicos, e nenhum ser humano se deu conta das sabotagens contra a sobrevivência de sua espécie.

O futuro pertence às baratas. Só não vê quem não quer.

Mau humor

- Bom dia. O que o senhor deseja?

Eu olhei bem pra cara do garçom. Ele sorria. Um sorriso alvo, franco. As sobrancelhas arqueadas. Para ser sincero, ele estava mesmo todo arqueado, como se se dirigisse a um príncipe, e não a mim.

- Desculpe mas, antes de fazer o meu pedido, eu gostaria de saber uma coisa. Você está feliz exatamente com o quê?

O garçom, de maneira alguma, esmoreceu no seu sorriso. Muito pelo contrário. Sua boca estendeu-se ainda mais, e eu imaginei que por muito pouco os cantos dos seus lábios não se encontraram atrás do pescoço, na nuca, fazendo com que o tampo da sua cabeça se soltasse do resto do corpo.

- Hoje nós estamos servindo um delicioso filé mignon ao alho. Gostaria de experimentar?

Carne mais sem graça, o filé mignon. É por isso que o filé mignon nunca é servido só ele, o filé mignon. É sempre filé “a alguma coisa”. À Piemontese. Ao molho madeira. À Parmegiana. Ao alho. Porque o filé mignon, em si, não tem gosto de nada.

- Não. Eu não quero filé mignon. Eu gostaria é de saber porque diabos você está tão feliz. Dessa vez, cheguei a ver, ou imaginei ver, um leve estremelecimento no seu queixo, o que talvez denunciasse um pouco da humanidade do serviçal. Mas, se esse titubeio realmente aconteceu, ele se recompôs rapidamente.

- Talvez um Strogonoff?

Strogonoff é outra coisa. Acho que é o primeiro prato que a gente aprende a cozinhar. Também, é só cortar uns bifés, jogar umas cebolas, fritar tudo e despejar uma lata de creme de leite e um bocado de catchup por cima. Dez minutos, tá pronto. As meninas de quinze anos sempre fazem strogonoff para os namorados, que é para eles acharem que elas sabem cozinhar. Elas jogam champignons, para dar uma sofisticada. Champignon também não tem gosto de nada. No final, aquilo tudo fica meio sonso. A gente só sente o gosto da batata frita, que é chique servir junto. E um pouco do gosto do catchup.

- Sua boca não fica com câibra de tanto rir?

O garçom não se desconcentrava. O olhar dele, com um brilho iridescente, me lembrava o de uma criança brincando num parque. Tranquilo e inabalável. Seus dentes incredivelmente saudáveis. Eu podia apostar que ele não tinha cáries.

- Talvez prefira uma carne branca? Um dourado ao molho de camarão?

Peixe. Peixe é ainda pior que o filé mignon. Peixe tem gosto de barro. Pode reparar. Ou tem gosto de barro ou não tem gosto de nada. Camarão, vá lá, até que tem gosto de alguma coisa. Mas já ouvi dizer que camarão se alimenta do cocô dos outros peixes. O que faz sentido. O camarão fica ali, andando no fundo do mar. O que cai ali é só o cocô dos peixes e outras porcarias. O cadáver dos peixes e coisas assim.

- Olha. Se você não tirar esse sorriso do rosto imediatamente, eu vou é lhe enfiar a mão na cara.

Eu não sei mesmo o que é que eu tinha naquele dia. Mas aquele sorriso estava me incomodando. Os restaurantes mais esnobes não têm os lugares reservados para fumantes e não-fumantes? Então. Por mim devia ter também para os sorridentes e para os não-sorridentes. É uma coisa que incomoda, um cara ali, sorrindo pra você, o tempo todo.

- Talvez o senhor desejasse apenas uma bebida. Nós temos aqui um excelente vinho francês. É um legítimo Cabernet, safra 1989.

Me levantei e dei-lhe um portentoso chute nas regiões baixas. Conforme ele se curvou, voltei à carga e desferi um golpe de cima para baixo, bem na nuca. Alguns parafusos caíram próximos dos meus pés, fazendo um irritante “tilim tilim tilim”. A cabeça se soltou do corpo e rolou no chão, até bater contra a parede. O maldito ainda sorria, embora as faíscas do pescoço denunciassem o início de um curto-circuito.

- Que tal um whisky? A casa tem um blended muito especial. Escocês.

Tá com essa cara porquê?

Cientistas ingleses afirmaram que já é possível fazer transplantes de rosto. É isso mesmo. Eu li a notícia numa dessas revistas de ciências, no consultório do meu médico. A idéia dos cientistas é retirar a pele do semblante de um doador e reimplantá-la em outra pessoa. Afinal, eles dizem, a pele é apenas mais um órgão humano e, se já é possível fazer transplantes seguros até do coração, que é muito mais complicado, porque não da pele?

Eu fiquei abismado. Primeiro que eu nem sabia que a pele era considerada um órgão. Segundo que as possibilidades que essa operação oferece beiram a ficção científica. É, porque, embora os tais cientistas ingleses afirmem que a intenção deles é de apenas recuperar pessoas desfiguradas por queimaduras, eu duvido muito que a coisa vá ficar por aí. Você agora pode mudar de cara, entende? Quem sabe se, daqui alguns anos, a gente não vai poder escolher novas feições numa clínica ou até mesmo num supermercado ou num shopping?

A maioria das pessoas com quem comentei a notícia ficou entusiasmada. Afinal, quase ninguém é muito feliz com a cara que tem. Um reclama do nariz mais protuberante. A outra, de suas orelhas de abano. Um outro que tem muitas espinhas. Todo mundo quer mudar de cara. Apenas um dos meus amigos não gostou muito da idéia. E com uma certa dose de razão.

- Eu é que não troco a minha cara. Apesar de feia, com essa pelo menos eu já estou acostumado. E, mesmo se fosse para trocar, eu ia querer a cara de quem?

É uma pergunta interessante. A cara de quem você gostaria de ter? Do Sylvester Stallone? Não. Acho que eu prefiro alguma coisa um pouco mais intelectual. Talvez do Woody Allen. Não, também não. Eu nunca fiquei bem de óculos. Do Tom Cruise? Não. As fãs não iam me deixar em paz. Do Bill Gates? Bem, só se junto com a cara viesse também seu saldo bancário. A verdade é que é muito difícil escolher uma nova cara.

- E tem outra - continuou meu amigo - Já imaginou ter a cara de outro homem ali, o tempo todo, encostadinha em você? Cai fora, sô...

Mas é claro que, apesar das dificuldades, muitas pessoas iam acabar aderindo aos transplantes de rosto. Umas por vaidade. Outras só porque é moda. E outras por razões que a gente menos imagina.

- Mãe? Mas que cara é essa???

- Eu troquei de cara, filho.

- Mas... é a senhora mesmo?

- É claro que sou eu, meu filho.

- Mas essa cara, mãe, essa é a cara da... da...

- Joana Prado, filho, eu sei.

- Mas logo da Feiticeira, mãe! Não tinha outra cara pra você colocar?

- Pois é, filho. É que eu quis fazer uma surpresa pro seu pai.

- Pro meu pai?!

- É. Ele sempre vivia falando dessa Feiticeira pra cá, Feiticeira pra lá. E eu quis fazer uma surpresa pra ele e coloquei a cara dela.

- Puxa vida, mãe... Mas, e o pai gostou?

- Gostou nada. Quem é que disse que era da cara da Feiticeira que seu pai gostava?

A Companhia

- Calma. Tá chorando por quê?

- Eu... eu... snif... não sei... snif...

- Como não sabe?

- Não sei, ué... De repente, snif... comecei a chorar snif...

- Olha, pode relaxar. Eu entendo. Eu tenho experiência nessas coisas...

- Coisas? Que snif... coisas?

- Oras, nessas coisas aí, de choro.
- Como é que alguém snif... pode ter experiência numa snif... coisa dessas?
- Eu tenho. Por isso me chamaram. Sou de uma família sofrida. Comemos o pão que o diabo amassou.
- Verdade snif...?
- Verdade.
- Pombas, snif... não parece.
- Pro cê ver só como a gente pode resolver bem esses problemas. Então, pode contar. O que foi?
- Mas eu estou te dizendo que eu snif... não sei.
- Mas não descascou uma cebola, nem nada?
- Nada. Nem sequer snif... entrei na cozinha.
- Ouviu alguma música? Música às vezes faz isso com a gente.
- Não, não ouvi. Eu estava aqui, snif... sentado. De repente snif... comecei a chorar.
- Um cisco! Não tem cisco nenhum aí no seu olho?
- Se tivesse snif..., já tinha saído de tanto que eu já chorei.
- Mas não é possível. Todo mundo chora por causa de alguma coisa. Andou lendo o jornal?
- Por quê? Ler snif... jornal faz chorar?
- Às vezes faz. Conheço casos de leitores mais assíduos que quase chegaram ao suicídio.
- Bem, snif...em todo caso, não é o meu caso. Não li nem gosto de ler jornal.
- Mas a gente tem de arrumar uma razão para esse choro, meu deus... Você está feliz?
- Feliz snif...?
- É. Tem gente que chora quando fica muito feliz...
- É, é? Bem, mas eu não me sinto nem um pouco snif... feliz.
- Mas você precisa parar com isso. Faz o seguinte. Respire fundo.
- Shhhhhhhhhhhhh... snif...
- Agora espire.
- Pffffhhhhhh... snif...
- E aí? Melhorou?
- Não sei. Espera um pouco. Deixa ver. Engraçado. Parece que snif... deu uma melhoradinha sim.

- Vai. Faz de novo. Respire. Espire.
- Shhhhhhhhhhhhh... Pffffhhhhh...
- E aí?
- É. Passou. Você é bom nisso, hem?
- Que é isso? É só o meu serviço. Precisando, tá aqui o meu cartão.
- Tá. Quanto é?
- 400 reais.
- Só?
- É. A Companhia não gosta de explorar. Sabe como é.
- Tá aqui, ó. E obrigado de novo.
- Não foi nada. Precisando, disponha.

Outro dia

- Pai. Levanta. A gente já tá atrasado.
- Hoje eu não vou.
- O quê?
- Hoje eu não vou.
- Não vai?
- Não.
- O que foi? Tá doente?
- Não. Só não vou.
- Mas pai. Eu tenho prova. Na primeira aula.
- O que é que eu tenho com isso?
- Oras... Você é... é... o meu pai, pombas!
- O que é que tem que eu sou seu pai?
- Você é... é... responsável por mim!
- Não sou não. Você já tem dezesseis anos. Já pode até votar.
- Mas pai, como é que eu vou na escola?
- Olha a porta ali. Vai a pé.
- Pai. O que é que aconteceu com o senhor?
- Nada.

- Mas deve ter acontecido alguma coisa. A mãe sabe disso?
- Disso o quê?
- Desse negócio de não ir trabalhar?
- Não. Resolvi agora, depois que ela saiu.
- Eu vou ligar pra ela.
- Liga.
- Olha que eu vou ligar mesmo, hem?
- Liga. Não tô nem aí.
- Pai. Vamos com calma. O senhor bebeu alguma coisa?
- Cê sabe que eu não bebo.
- Fumou? Quer dizer, o senhor fumou... alguma coisa?
- Que é isso, menina? Mais respeito com seu pai!
- Mas então, o que é que está acontecendo?
- Nada. Hoje não vou trabalhar. Nunca fiz isso em toda a minha vida. Nunca. Nenhuma vez.
- Não fez o quê?
- Faltar do emprego pra ficar dormindo. Quantas vezes eu quis fazer isso e não fiz? Hoje vou fazer.
- Mas pai... o senhor... então...então o senhor não vai mesmo?
- Não. Vou ficar bem aqui, na cama.
- Então tá. Fica aí. Eu preciso ir. Tchau.

Ele chegou a ouvir o barulho da porta batendo. Se abraçou ao travesseiro. Aquela cama estava tão gostosa. A manhã estava fresquinha. Puxou o lençol e se cobriu. Fechou os olhos, reparando no silêncio da casa. De repente, alguma coisa chacoalhou seu braço. Pai. Pai.

- Pai. Levanta. A gente já tá atrasado.
- Hum?
- Vamos, pai. Eu tenho prova. Na primeira aula.

Ele se levantou. Colocou a calça jeans. Escovou os dentes. Lavou o rosto. Arrastou as pernas até o carro. A filha já estava lá, esperando. Deu partida. Saiu da garagem. Deixou a filha na frente da escola.

E foi trabalhar.

Contagioso

Subiram no carro. Ela no banco de passageiros. O marido no banco do motorista. Ele segurou na direção. Um minuto. Dois. Três minutos e a mulher olhou para ele.

- Que foi?

- Nada.

Não parecia ser nada mesmo, mas ele tinha alguma coisa esquisita. Uma piscadela. Um gesto mais rápido. As mulheres entendem dessas coisas. Talvez fosse até o cheiro. Mas que alguma coisa tinha, tinha. Ficaram os dois sentados ali. O carro ainda na garagem, desligado. Ele olhou pra a esposa e sorriu.

- Querida. Você pode até achar estranho, mas... o que é que eu faço agora?

- Como "o que é que eu faço agora"?

- Olha, eu não sei bem te explicar. Mas eu não sei como é que faz para tirar esse carro daqui.

- Você está gozando na minha cara?

- Não. Não estou.

- Você está se sentindo mal?

- Não. Só não sei como é que faz para tirar o carro.

- Mas... mas... enfia a chave aí, e liga o carro!

- Chave? Que chave?

- Essa aí, na sua mão!

Ele olhou para a chave. Como se olhasse um pintassilgo.

- Você quer parar de acariciar essa chave e ligar logo esse carro! Nós já estamos atrasados.

- Meu bem. Eu juro. Não sei o que é que está acontecendo, mas eu não tenho a menor idéia de como isso tudo funciona. Por exemplo, para quê que serve esse pedal aqui?

A mulher começou a ficar assustada.

- Quer parar de pisar no acelerador? Capaz ainda de afogar o carro...

- Afogar? O carro?

- É... A-fo-gar o car-ro! O que é agora?

- Nada. Eu só não sabia que carros afogavam. De onde vem a água?

- Água? Que água?

- Pra afogar o carro?

A mulher começou a chorar. Não sabia se aquela tinha sido uma piadinha infame ou o marido estava ficando gagá. Nos dois casos, era melhor chorar. E chamar um médico. Voltaram para dentro de casa, telefonaram para os empregos avisando que não iam. E para o doutor Roberto. Mediu a pressão. Mandou tirar a camisa. Ouviu os pulmões. O coração. Apalpou o fígado.

- Dói aqui?

- Não.

- E aqui?

- Também não.

O doutor Roberto chamou a esposa para um canto. Enquanto observava o marido se vestindo, foi avisada que era melhor levar ele para algum lugar. Um hospital. Talvez até mesmo uma clínica psiquiátrica.

- De repente ele pode ficar perigoso.

A mulher quis começar a chorar de novo, mas o médico não deixou.

- Vamos. Nessas horas a gente precisa ser forte. Vai juntando as roupas dele que eu vou telefonar para o hospital, pro pessoal ir arrumando as coisas.

A mulher colocou o pijama na mala. Umas cuecas. A escova de dente e uma pasta. Será que o marido ainda sabia como funcionava uma pasta de dente? Pegou um chinelo, colocou num saquinho separado. Quando saiu do quarto, o doutor já estava com o marido na varanda da casa.

- Melhor eu levar vocês dois no meu carro.

O marido se sentou atrás. Ela no banco dos passageiros. O doutor se acomodou no banco dos motoristas e segurou na direção. Um minuto. Dois.

Gênio incompreendido

Era o primeiro dia da Feira Anual dos Inventores.

- Nossa, o que essa invenção faz?

- Tudo.

- Como assim, tudo?

- Tudo, oras.

- Você deve estar brincando...
- Não. Não estou.
- Mas... Mas... Uma coisa que faz tudo? Isso não existe!
- É claro que existe. Está aqui, ó. Bem na sua frente.
- Mas faz tudo assim, em que termos?
- Olha, você é surdo, bobo, ou o quê?
- Mas não precisa ser mal educado, também...
- Eu não estou sendo mal educado. Você chegou para mim e perguntou o que a minha máquina fazia. Eu respondi. Ela faz tudo. E você fica aí com esse nhenhnhem.
- Tá bom. Então me mostra aí, uma coisa que ela faz.
- Fala aí você. O que você quer que ela faça?
- Mas assim, de que jeito você fala?
- liii, vai começar de novo...
- Tá bom, tá bom... Então manda aí a sua máquina fazer uma... um... um bolo!
- De quê?
- Um bolo, oras... Qualquer bolo. De chocolate, pronto.
- Recheado?
- Pode ser.
- Cloc. Cloc Cloc. Bzzzzzzzzzzzzzz. Plec.
- Está aqui, o seu bolo.
- Puxa vida. É um bolo mesmo!
- É claro que é um bolo.
- É, mas um bolo é fácil. Você disse que sua máquina fazia qualquer coisa.
- E faz. É só pedir.
- Então eu quero ver essa máquina fazer um... hum... uma... zebra!
- Uma zebra?
- É. Uma zebra. Você não falou que ela fazia qualquer coisa?
- Falei. Mas pra que você quer uma zebra?
- Eu quero. Pronto. Só pra ver. Ou a sua máquina não pode fazer uma zebra?
- Cloc. Cloc Cloc. Bzzzzzzzzzzzzzz. Plec.
- Taí a sua zebra.
- Putz! Mas é uma zebra mesmo!
- É claro que é uma zebra. Você pediu.

- Nossa. E o que mais eu posso pedir?
- Qualquer coisa, já disse.
- Então eu quero... eu quero... eu quero... Um milhão de dólares!
- Cloc. Cloc Cloc. Bzzzzzzzzzzzzzz. Plec.
- Tá na mão. Um milhão de dólares.
- Puxa vida... Mas... São dólares mesmo?
- É claro que são.
- O senhor merece os parabéns - ele disse, esticando a mão para o inventor. O inventor sorriu e estendeu o braço. Imediatamente, o outro passou as algemas e mostrou os documentos.
- O senhor está preso. Receita Federal.

Historinha surrealista

- Mas... O que é isso na sua cabeça???!?
- Cê viu só que coisa?
- Mas... mas... a sua cabeça....
- Calma, cara... Também não precisa apavorar...
- Mas a sua cabeça, ela, ela... se transformou numa televisão!
- Não é nada disso...
- Mas como não é nada disso???
- Eu só coloquei a TV aqui, no lugar da minha cabeça.
- Mas... e a sua cabeça??? Cadê a sua cabeça???
- A minha cabeça? Ela explodiu.
- EXPLODIU????
- É. Explodiu. Qual é o problema?
- Mas a sua cabeça explode e você diz que não tem problema???
- Mas isso já era esperado. Já fazia mais de ano que eu chegava em casa todo dia, com a cabeça desse tamanho. Medo de perder o emprego. O Palmeiras caindo pra segunda divisão. A prestação do carro. A escola das crianças. Quando eu começava a pensar no tanto de problema que eu tinha, a cabeça chegava a latejar. Eu acho que até cheguei a comentar com você, não comentei? Que parecia que a minha cabeça ia explodir?

- É. Você falando agora, parece que eu tô lembrando...
 - Pois então. Agora aconteceu. Ela explodiu.
 - Mas está tudo bem? Você já foi no médico?
 - Já fui. E ele disse que isso está acontecendo cada dia mais por aí.
 - Já aconteceu com mais gente, é?
 - Pelo que o médico me disse, a coisa já está virando epidemia.
 - Nossa! Mas como é que a gente não vê ninguém sem cabeça por aí?
 - Hoje em dia já existem próteses cranianas avançadíssimas.
 - Puxa vida, hem? Mas e você? Por que é que não colocou uma prótese também?
 - Eu resolvi dar uma inovada. O que você achou?
 - Sei lá. Ficou meio esquisito.
 - É. Mas precisa ver o sucesso que eu estou fazendo. O pessoal não tira o olho de mim.
 - É mesmo, é?
 - Até mesmo a minha mulher, que fazia anos não me encarava, ontem mesmo passou a noite inteira olhando pra mim. Começou às seis da tarde e só desgrudou o olho quando acabou “Esperança”.
 - Veja você, hem...
 - E lá no barzinho, então? Dei tanto ibope com a final do Brasileirão que o dono do bar nem cobrou a conta.
 - Que legal.
 - Isso sem contar, é obvio, que as minhas dores de cabeça sumiram completamente.
 - Mas que maravilha. Dá até vontade de explodir a minha cabeça também!
 - Espera um pouco aí. Deixa eu sintonizar o “Jornal Nacional”. Talvez ajude.
- PZZZ. PZZZZZZZ. CLIC.
- Pronto. A imagem está boa?
 - Ótima.
 - Então fica aí prestando atenção nas notícias.
 - Hum... Parece que já tá dando umas pontadinhas aqui, nas têmporas.
 - Continua assistindo. Continua assistindo. Foi assim que eu comecei.

Um delírio antropológico

Eu estava escrevendo no computador. E aquele bichinho veio subindo a parede. Não sei como ele chama, o bichinho. Quando eu era criança chamava de tesourinha. Ele veio subindo e parou. Ficou me olhando. Certo, eu entendo o que você está tentando me dizer. Que tesourinhas não olham. Mas aquela olhou. Eu não fiquei com medo nem nada. Fiquei só ali, olhando pra ela também. Ela continuou subindo a parede e parou de novo. Parece que se assustou com alguma coisa e voltou correndo. Quando ela estava quase chegando atrás do computador eu lembrei que uma vez tinham me dito que não era bom que bichos entrassem no computador. Podia dar curto, e essas coisas. Ou que eles podiam fazer a casa deles lá dentro, e depois punham ovos, e aquilo tudo não fazia muito bem para os circuitos internos. Bem, aí eu peguei meu chinelo e fui matar a tesourinha. Só que, você pode não acreditar, ela olhou para mim. De novo. E aí, bem, eu também não acreditei. Tesourinhas não olham, eu ri. Não olham pelo menos do jeito que a gente está acostumado, como olham aqueles moleques que vêm pedir pra gente um trocado bem na hora que a gente está tomando um sorvete. A gente se sente meio culpado de não dar, porque a gente está fazendo uma coisa que passaria muito bem sem fazer, e o moleque está querendo uma grana para comprar leite para a irmã que está passando fome e precisa tomar um remédio caríssimo, olha aqui a caixinha tio! A gente fica com dó do moleque e acaba dando uma grana porque ele olhou para a gente de um jeito esquisito. Um jeito de gente, entende?

Mas a tesourinha não sabia olhar assim. Ela só parou na parede de novo, quando eu cheguei perto com o chinelo. E eu fiquei olhando pra ela e fiquei com dó. Ela realmente não estava me fazendo nada de mais, só estava tentando se esconder atrás do computador. E em vez de matar a tesourinha, eu peguei meu chinelo e fui empurrando o bichinho até ela chegar no chão. Quando ela chegou no chão ela me olhou e agradeceu e saiu andando. Certo. Eu entendo. Tesourinhas não olham. Muito menos agradecem. Mas, pombas, a gente não pode nem tomar uma licencinha poética? Mas se você insiste, está bem. Ela não fez nada disso. Ela só saiu andando pelo chão.

Sei que deixei o bichinho sobreviver e me senti muito bem com isso. Do mesmo jeito que eu me senti bem naquele outro dia, quando dei uns trocados para o moleque na sorveteria. Ele não estava fazendo nada, afinal de contas. E eu até sei que provavelmente ele nem tivesse uma irmã precisando de leite nem de remédio. Mas eu me senti muito

bem dando uma graninha. Ele que comprasse lá um sorvete ou o que ele bem entendesse. E fosse cuidar da sua vida.

O problema é que, logo depois, eu senti uma coisa subindo na minha perna. Começou como uma coceirinha e veio subindo. Eu estava de calça comprida, e não sabia o que era. Vai ver era aquela maldita tesourinha, e tesourinha parece que pica, não pica? E eu fui correndo para o banheiro tirar a calça pra ver o que era, e olhei bem para a minha perna e não era a tesourinha. Agarrado à minha coxa, com as unhas cravadas na minha pele, o moleque da sorveteria me olhava.

Com os olhos esbugalhados.

Até parece que foi ontem

- Você já reparou como o tempo tem passado rápido?

- É mesmo, né?

- Não, eu estou falando sério.

- Eu também. A semana tem passado voando.

- Olha, você não está me entendendo. A semana está passando rápido DEMAIS.

- Como assim, rápido demais?

- Eu não sei o que é. Mas...por exemplo. Que dia foi ontem?

- Ontem? Hum, deixa ver... Ontem foi quarta-feira, não foi?

- Foi. Uma quarta-feira. E que dia é hoje?

- Hoje? Oras, se ontem foi quarta, hoje é quinta.

- Pois não é.

- Como não é? É claro que é.

- Não é. Dá uma olhada aí, no calendário.

- Puxa vida! É mesmo. Hoje já é sábado! Mas como o tempo passa...

- Mas você não está vendo que alguma coisa está errada?

- Não. O quê?

- Onde foram parar a quinta e a sexta?

- Estão aí, uai. Não estou te entendendo.

- Olha. Vamos começar de novo. Que dia é hoje.

- Hoje é um domingo.

- Domingo? Que domingo nada! A gente acabou de falar que era sábado!
- Você está ficando maluco. Olha aqui na folhinha. Domingo.
- Mas, eu estava aqui, falando com você, e a gente estava sentindo falta da quinta e da sexta e...
- Olha. Vamos deixar de conversa e vamos para o trabalho?
- Trabalho? Que trabalho? Você não disse que hoje era domingo?
- Domingo? Você está variando? Hoje é uma segunda. Das brabas.
- Segunda? Mas... espera aí, eu...
- Vamos com isso senão a gente atrasa. Meu chefe sempre chega de mau humor nas terças-feiras.
- Terça?
- É. Toda quarta a mulher dele precisa viajar e não faz o café da manhã.
- Espera! Cadê a segunda?
- Segunda? Segunda o quê? Olha. Vamos acabar logo com essa sexta pra gente poder tomar uma cerveja sossegado.
- Você pulou a quinta! Você pulou a quinta!
- Quinta? Que quinta? Vamos andando, vai... Eu ainda preciso comprar o leitão para a ceia.
- Ceia? Que ceia?
- Pro Natal. Você não vai fazer ceia esse ano?
- Espera, espera... Nós estamos no meio do ano e...
- Olha. Você anda muito nervoso. Olha só esses cabelos brancos. Porque você não tinge?
- Meus cabelos? Brancos? Eu não tenho nem um fio de cabelo branco!
- Porque o senhor não fica em casa hoje?
- SENHOR? Que senhor?
- O senhor. Por que o senhor não fica em casa hoje.
- E o meu emprego?
- Emprego? Esqueceu que o senhor se aposentou no mês passado?
- Aposentei?
- Olha. É melhor o senhor se sentar.
- É. É melhor mesmo. Eu não estou me sentindo muito bem.
- Nessa idade, precisa tomar cuidado.

- Você tem razão. Eu ando numa canseira...
- Até parece que foi ontem que a gente jogava bola aqui na frente de casa, né ?
- É... Como o tempo passa...
- Nem me fale... nem me fale...

TIPINHOS

Avestruz ao molho pardo

Estava lendo o jornal e o anúncio chamou a atenção: Vende-se Avestruz.

O avestruz, antigamente, era um bicho que a gente só via no zoológico de São Paulo ou em desenhos animados, com a cabeça enfiada num buraco. Agora parece que está se tornando bicho comum. Um monte de gente está criando e já se promovem até corridas com os bichos em festas do interior. Isso sem contar a parte cruel da história, com as receitas de como preparar a carne, que dizem ser deliciosa. Tem também as penas coloridas, ideais para fantasias. E tem os ovos, que devem dar, se não saborosos, pelo menos enormes omeletes. Enfim, para azar do avestruz, descobriram que a ave é muito parecida com o boi: o que sobrar do consumo imediato, ainda dá para moer e transformar em ração.

O único problema com o avestruz, segundo o criador que anunciou a venda no jornal, é que eles se reproduzem muito rápido. Às vezes, o sujeito tem uma chacarazinha e, de olho nas promessas de muito lucro a curto prazo, começa uma criação. Só que, passados um ou dois anos, ele se vê às voltas com centenas de avestruzes famintos que, apesar de não terem muitos pudores quanto à qualidade dos alimentos, comem bem mais que uma galinha ou um peru. E aí, tem de começar a vender os bichos a preço de banana.

- Mas só isso?

- É. Só isso. Quanto você achou que custasse um avestruz?

- Sei lá. Achei que era mais.

- Então o senhor vai querer ficar com quantos?

- Só um.

- Um?

- É. Só um. Eu vou levar pro rancho. Os amigos vão morrer de inveja. Duvido que algum deles tenha um avestruz de estimação...

Fechado o negócio, agora era preciso levar a ave para o rancho. E agora? Como é que se transporta um avestruz? Num trator? De coleirinha? Numa caminhonete? É. Uma

caminhonete deve dar. Amarra-se bem o bicho e pronto. É só ir andando devagarinho que não tem problema.

- Nossa! Como ele é grande!

- É a maior.

- Mas, pode dar uma menorzinha mesmo...

- Não... Eu estou dizendo que o avestruz é a maior ave do mundo. As que eu tenho são tudo mais ou menos do mesmo tamanho...

- Hã... Sei. Bem. Vamos colocar o bicho aqui em cima, então.

Puxa daqui, empurra dali, colocaram o avestruz em cima da caminhonete e partiram. Um foi atrás, tentando acalmar o bicho. O outro foi dirigindo. Pegaram o asfalto a sessenta quilômetros por hora. O avestruz parecia calmo. Mas foi entrar na estrada de terra que o bicho se estressou. Começou a espernear e dar pescoçadas. E as pernas e o pescoço do avestruz causam muito mais estragos do que parece.

- Segura! Segura!

- O que você quer eu faça? Ele tá batendo as asas!

- Será que avestruz voa?

- Que voa que nada! Olha o tamanho dele!

- É ave. Bota ovo. Pra mim voa.

- Segura! Segura!

As cordas arrebentaram e o avestruz pulou da caminhonete. Saiu correndo pela estrada, pulou uma cerca e disparou pelo pasto. Os dois ficaram coçando a cabeça, só vendo a poeira que o bicho levantava enquanto sumia no horizonte.

Mais tarde, num sítio ali perto, o seu Martins entrou em casa, mancando e transpirando aos borbotões. A roupa toda rasgada. Marcas roxas na testa. Um corte profundo no braço.

- Ô mulher. Da próxima vez que você quiser um frango gordo pro almoço, vai lá e mata você, tá?

Olhe para trás

Sabe o que eu acho? Eu acho que o problema está no ser humano. Não adianta progresso. Não adianta tecnologia. Não adianta religião. Não adianta nada. Somos uma raça com defeito. Alguma coisa no nosso cérebro nos impele para a destruição. Nunca houve em absolutamente nenhum período histórico nem uma semana de paz desde que o homem surgiu no planeta.

Tivemos e temos guerras para todos os gostos. Já houve guerras religiosas. Guerras tribais. Guerras entre nações. Guerras dentro de uma mesma nação. Já houve até uma guerra que, dizia-se, vinha para acabar com todas as guerras. Não acabou e nem vai acabar, porque todo homem trava sozinho uma guerra diária contra todos os outros.

O ser humano já acorda olhando torto. Olhamos o carro novo do vizinho com inveja. Sempre damos uma espiada na folha de pagamento dos outros antes de olhar a nossa. Não desejamos necessariamente que nosso salário aumente, contanto que o salário do colega seja menor.

Quando reclamamos do Brasil, sempre tem um que chega e diz: “- Que é isso? Tem país que tem furacão, terremoto, atentados...”. Se estamos deprimidos, um dos conselhos mais comuns é: “- Olhe para trás e perceba que tem gente em situação muito pior que a sua”. Oras, que diabos de conselhos são esses? Que espécie de animal nós somos que, para nos sentirmos melhores, precisamos tomar consciência da desgraça dos outros?

Insisto num ponto: tudo isso só acontece porque somos uma espécie anômala. Em algum ponto da evolução, alguma coisa deu errado com nosso sistema nervoso central que simplesmente destruiu nosso controle sobre as emoções e sobre o instinto.

Somos, como se sabe, praticamente o único animal que mata seres da mesma espécie. E não apenas matamos, como às vezes damos uma torturadinha antes. Em todo o restante do reino animal, eventuais conflitos são resolvidos simbolicamente e muito raramente ocorre um ferimento mais grave. Se há mortes, é por infecção desses ferimentos, e não por um ato proposital. O ser humano não. Ele mata deliberadamente e, muitas vezes, com apoio das próprias leis.

Ficamos admirados pelas ruínas e pelas artes egípcias, e nos esquecemos que eles faziam enormes rituais de sacrifícios humanos. Há não muito tempo, a Igreja Católica torturava e mandava queimar em fogueiras quem acreditasse que a Terra girava em torno do sol. Há pouco mais de cinquenta anos, milhares de judeus eram queimados em fornos.

Hoje em dia, judeus despejam mísseis em cima de civis palestinos. E os palestinos, ou seja lá quem forem, se suicidam jogando aviões em cima de um complexo onde trabalham mais de cinquenta mil pessoas. Ninguém em sã consciência faz uma bobagem dessas, entende? Somos uma raça emocionalmente doente.

E o que torna o ser humano ainda mais perigoso é que, embora tenhamos nascido com esse defeito emocional congênito, a capacidade intelectual do nosso cérebro beira a perfeição. Oras, se aliarmos esse descontrole emocional com uma quase infinita gama de possibilidades tecnológicas alcançáveis pelo homem, veremos que não temos muita chance de sobrevivência como espécie. E nem daremos chance ao resto do mundo. Uma hora ou outra, um lunático qualquer vai, em vez de atirar um avião em cima de um prédio, detonar umas bombas atômicas por aí. Ou vai decretar uma guerra bacteriológica qualquer e soltar um vírus mortal transmissível pelo ar. E aí... babau!

Vai ser bem feito. Nós merecemos.

Missiva recebida na assembléia em Dezembro de 2002

Processo - arquivar em “sugestões”

Eu tive uma idéia. Ok. Pode até não ser uma idéia assim tão original. Não sei que inglês, ou francês, já disse isso uma vez. Mas eu acho que agora chegou mesmo a hora de a gente começar a aplicar a coisa. É o seguinte. Esse monte de gente morrendo aí. Tem gente morrendo pra caramba. Todo dia gente morrendo e coisa e tal. A maioria de fome, veja você. Os caras lá na África. Parece que até aqui mesmo, no Brasil, tem gente morrendo de fome. E eu estava aqui ontem, conversando com uns amigos sobre esses programas de televisão que fazem os convidados comerem umas coisas nojentas. Tem uns programas que nem pagam nada para os caras. Eles comem aquelas porcarias só para aparecerem na televisão. Outro dia desses eu vi uma menina, bem gordinha até, ela nem estava morrendo de fome nem nada. E ela comeu uma colherada de vermes vivos. Vermes, sabe? Pareciam uns filhotes de mosquito, só que maiores. E ela comeu. Então, eu fiquei pensando nesses caras morrendo de fome lá na África e aí no nordeste. E foi aí que eu tive a idéia. Eu acho que alguém devia ir lá, pegar os cadáveres dos caras que morrem, colocar num moedor de carne, sei lá. E fazer uma espécie de ração com os

cadáveres. Porque eu já andei dando uma pesquisada e descobri que as rações para os animais são feitas assim. Eles fazem uma espécie de farinha com os bois e as vacas que morreram de doenças e que não podem ser vendidas para os açougues. Aí eles pegam a farinha e fazem ração para dar para os próprios bichos. E eu só acho que a gente devia fazer a mesma coisa com gente. Pegar os caras que morrem, fazer farinha e depois transformar em comida para os caras que ainda estão vivos. Eu não acho que eles iam ter nojo ou coisa parecida. Eles estão morrendo, oras. Os caras da televisão comem minhocas vivas só para aparecer na televisão, porque esses caras lá da África não iam comer uma farinha de cadáveres para sobreviver?

Bem. A minha idéia é essa. E eu estou dando ela de graça. Para ajudar a humanidade e coisa e tal. Se quiserem fazer, façam. Se não quiserem, eu também não estou nem aí. Eu já fiz a minha parte.

A.D.C.

Galinha Caipira

O problema é que a galinha precisava ser enviada para São Paulo.

- Não tem problema não senhor. Está escrito aí, na placa: "Enviamos qualquer tipo de encomenda". E é isso que nós fazemos. É só embrulhar bem pra não ficar pingando que a gente envia sim senhor.

- Como assim, não ficar pingando?

- Pingando, uai... Conforme ela vai derretendo, pinga, não pinga?

- Mas derretendo o quê?

- A galinha, oras...

- Mas como é que a galinha vai derreter?

- Bem, as coisas congeladas derretem, não derretem?

- E quem é que disse que eu quero enviar uma galinha congelada?

- Mas com esse calor, se não congelar, estraga...

- Não se ela estiver viva, que é como eu quero que ela chegue em São Paulo.

E foi aí que ele ergueu, de trás do balcão, a galinha. Pelas pernas.

- Có.

- Mas isso aí é... é... uma galinha!

- É claro que é uma galinha. É o que eu estou dizendo pra você desde o começo da conversa. Eu perguntei se vocês enviavam uma galinha para São Paulo. Você falou que enviava. Bem, aqui está a galinha.

- Mas... mas... ela está viva!

- É, está.

- Mas...mas... onde é que o senhor arrumou uma galinha viva? Faz anos que eu não vejo uma...

- Onde eu arrumei, não importa. Eu só quero saber. Vocês enviam ou não enviam?

- Enviamos... Quer dizer, agora eu não sei mais... Ô Alemão, vem cá!

- Que foi?

- Olha aí ó. O freguês aí quer enviar essa galinha pra São Paulo.

- Enviar o quê?

- Galinha. Será que o senhor faz o favor de dar uma erguidinha nela de novo?

- Có.

- Mas... o que é isso?

- Mas será possível que ninguém aqui nunca viu uma galinha?

- Ver eu vi, mas...mas...porque é que o senhor quer enviar essa galinha pra São Paulo?

- Isso não é da sua conta, é?

- O senhor tem razão. Não é.

- E então. Envia ou não envia?

O Alemão coçou a cabeça.

- Có.

- Bem. A gente dá um jeito. Mas não vai ficar barato não.

- Pode falar quanto é. Eu pago.

O sujeito pagou. Deixou o endereço de São Paulo, que era pra onde eles tinham de enviar a galinha. Deu as costas e foi embora. A galinha ficou ali, pendurada pelas pernas, num gancho.

- Có.

- Eu estava pensando. E se essa galinha estiver cheia de drogas.

- Que é isso? Ela não tem jeito de mexer com essas coisas.

- Ela não, seu idiota! E se o cara enfiou drogas na galinha? Para traficar?

- E como é que a gente vai descobrir uma coisa dessas?

- Sei lá... acho que a gente teria que...que...hum...

- Có.

Resolveram é deixar pra lá. Arrumaram uma espécie de engradado. Deram uma reforçada. Avisaram o motorista do caminhão pra tomar cuidado. E despacharam a galinha para a capital.

Deve ter chegado bem.

Tim Tim

Boteco semi-vazio. Os dois encostados no canto do balcão. Uma garrafa de cerveja entre eles.

- Eu estava aqui, pensando. Lembra como a gente brigava por causa de política?

- Lembro. Não faz tanto tempo assim.

- Pois é. Eu brigava por causa do Quércia, lembra?

- Lembro. A gente quase acabou com a amizade. Como é que podia, votar no Quércia?

- E você votava no Suplicy. Aí era eu que não entendia. Bem você. No Suplicy!

- É. E hoje em dia aí, essa bagunça.

Os dois enchem os copos e dão um longo gole. Um deles acende o cigarro.

- Você não tinha parado de fumar?

- Tinha. Não consegui.

- Eu parei há uns dois anos.

- Lembra como antigamente todo mundo fumava?

- É. Até na televisão eles fumavam. Hoje em dia parece que ninguém mais fuma.

- Tem razão. Acho que é porque descobriram que dá câncer.

- É. Deve ser.

Os copos são preenchidos de novo.

- E teve aquela vez, do Collor. Lembra daquela vez, do Collor?

- É claro que eu lembro. Você votou no Collor, né?

- Votei. E você, no Lula.

- É. Aquilo sim é que foi eleição. A gente sabia muito bem em quem estava votando.

- É. O cara era de esquerda, votava no Lula.

- O de direita, no Collor.
 - É. Tudo bem claro, explícito. Tudo ali, pau-pau, pedra-pedra.
 - Era até uma questão de...de... como era mesmo, a palavra?
 - Que palavra?
 - Aquilo, a gente votava por... por... ide..
 - ...ologia. Ideologia!
 - Isso! Ideologia. Naquela época, a gente tinha ideologia!
- Um deles pede mais uma cerveja. O outro dá um longo suspiro.
- Já foi até nome de música.
 - O quê?
 - Ideologia. Não lembra? Uma música do... do...
 - ...do Cazuza?
 - Isso mesmo. Do Cazuza! “Eu quero uma pra viver...”, não era assim?
 - Era. Parece que ninguém mais ouve Cazuza hoje em dia.
 - É.
- A cerveja chega. Um deles enche o copo e o ergue, querendo brindar. O outro faz que não com a cabeça. O outro insiste, faz o amigo levantar o copo dele também. Os dois copos tocam-se no ar.
- Aos velhos tempos!
 - Humpft.
 - Que é isso? Larga de desânimo!
 - Tá bom, tá bom... Aos velhos tempos!

Um minuto de silêncio

O meu avô era homem de poucas palavras. E estava sempre pedindo silêncio para a criançada que vinha infernizar a sua casa durante as férias. O que mais gostava de fazer na vida era caçar pacas e pescar lambaris, em tempos que não havia a necessidade de preservar a natureza, já que ela estava em todo lugar e nem passava pela cabeça de ninguém que um dia poderia até faltar água, mas que absurdo, olha aí, quanta água que tem no mundo meu deus...

Bem. Para caçar pacas, um homem precisava, antes de tudo, ser silencioso. A maneira como eles caçavam era a seguinte. Os caçadores faziam uma espécie de ceva embaixo de umas árvores. Jogavam milho, maçãs podres, cenouras, mandioca e outras coisas que tinham estragado em casa. Depois eles subiam numa das árvores, amarravam uma rede e ficavam lá, de campana, esperando as pacas aparecerem. Eles nunca saíam atrás das pacas. Ficavam esperando elas virem. Então, não podia conversar. Os caçadores ficavam ali, em cima das árvores, a noite inteira, de ouvido em pé por que estava tudo muito escuro e de repente as pacas podiam muito bem aparecer e ninguém se dar conta. E ninguém podia fazer barulho porque senão aí é que elas não vinham mesmo. Às vezes meu avô saía para caçar e só voltava dois dias depois. Dois dias calado, em cima de uma árvore. Ouvindo apenas o silêncio.

Outra coisa que ele gostava de fazer era de pescar lambaris. Das caçadas eu nunca participei por que era coisa perigosa, que envolvia armas de fogo e tudo, e a gente ainda era criança e deus do céu se acontece alguma coisa com as crianças. Mas para pescar, que não tinha tanto perigo, meu avô de vez em quando levava a gente. Pegava os netos, levava para a beira de um riachinho no meio de uma matinha mais próxima e colocava todos em fileira. Ele mesmo não pescava. Ficava só enfiando as minhocas nos anzóis e, de vez em quando, colocava o dedo na frente dos lábios e soltava um sssshhhhhhhh, que era para aquela criançada ficar quieta que se não os peixes não vinham porque eles ouviam a gente, será possível que não dá pra ficar quieto um pouco? Me lembro de um dia ter perguntado para ele se os peixes tinham ouvidos e meu avô deu uma risada e falou que é claro que os peixes tinham ouvidos, que todos os bichos tinham ouvidos, onde já se viu uma coisa dessas? E depois ele olhou bem pra mim e falou que embora todos os bichos tivessem ouvidos, a maioria das vezes não tinha nada de bom para se ouvir. Ele devia estar se referindo aos Beatles, que naquela época não paravam de tocar no rádio, mas eu não estou bem certo. Talvez estivesse mesmo falando é da minha avó, que era uma daquelas italianonas que não param de falar um minuto e que, dessa maneira, também não escutam uma palavra do que a gente diz.

Lembrei do meu avô ontem à noite, enquanto assistia aquele falatório todo da televisão. Foi na frente de uma TV que meu avô morreu, depois de aposentado. Não sei o que deu nele depois que se aposentou. Nunca mais foi pescar, nunca mais foi caçar. Se sentou numa poltrona, em frente da TV, e nunca mais se levantou. Quer dizer, até se levantou umas vezes, mas não aquele avô que eu conheci. Ele andava de pijama o dia inteiro pela

casa, ouvindo minha avó falar, e se sentava à noite na frente da TV, onde dormia assistindo novelas. Dois anos depois da aposentadoria, não reconhecia nem minha mãe, nem os netos, nem minha avó. Três anos depois, morreu, completamente esclerosado. Tomara que a morte seja silenciosa.

Animais perigosos

- Não é possível... O ser humano é um completo idiota...

- Quem aqui é idiota?

- O quê?

- Você. Me chamou de idiota.

- Eu não chamei você de idiota.

- Chamou sim. E o pessoal aí também ouviu.

Ele olhou em volta. O pessoal do bar estava assentindo com a cabeça.

- Espera aí... Eu não falei de você, especificamente.

- Falou que eu ouvi muito bem.

- Mas eu falei do ser humano!

- Tá falando aí que eu não sou um ser humano?

As coisas estavam se complicando. Ele olhou bem para o sujeito. Quase dois metros de altura, todo suado. Com um copo vazio na mão. Tentou apaziguar os ânimos oferecendo uma cerveja. O grandão ficou meio desconfiado, mas levou seu copo até perto da garrafa. Sorriu quando viu o copo cheio.

- Olha. Eu estava lendo sobre essa guerra aí, no Oriente Médio sabe?

- A dos Estados Unidos e daquele barbudo?

- Não. A dos palestinos. E dos judeus.

- Judeus? Mas a guerra desses aí não foi aquela do Hitler?

- Essa foi uma delas. Agora é outra. E já teve mais no meio disso.

- Hum... E a guerra dos Estados Unidos com o... aquele barbudo, como ele chama mesmo?

- Bin Ladem.

- Isso, Bin Ladem. E aquela guerra, já acabou?

- Não, mas você está chegando aonde eu quero chegar. Eu estava aqui, lendo as notícias, e pensando que o ser humano nunca pára de guerrear. Você já percebeu como sempre tem uma guerra no mundo?

- Isso é verdade. Mas pelo menos nisso o Brasil tem sorte...

- Sorte mais ou menos. Outro dia desses, um estudioso esteve no Brasil e disse que nós estamos vivendo uma guerra civil.

- O Brasil? Numa guerra?

- Pois é. Quem falou isso foi um deputado suíço. Um tal de Jean Ziegler. Já ouviu falar?

- Jean o quê?

- Esquece. Mas o que esse cara disse foi que, no Brasil, morre mais gente de fome do que em certas guerras. E isso sem contar os que morrem em assaltos e coisas assim. Então, o Brasil também está em guerra, entende? E se você for pensar bem, o mundo todo está. O ser humano não sabe viver em paz!

- Não sei se eu estou entendendo muito bem.

- Mas será possível que só eu vejo uma coisa dessas? É o seguinte. Dá só uma lembrada nas suas aulas de História na escola. Eu pelo menos aprendi, ainda no primário, que a História da Civilização começou mesmo quando o homem das cavernas resolveu usar armas para caçar. E descobriu o fogo. Quer dizer, já começou mal. E depois, conforme vamos nos aprofundando, a coisa só piora. A gente vai aprendendo sobre as conquistas do Império Romano, invasão do Egito, a Revolução Francesa, entramos pela Primeira Guerra Mundial, passamos pela Segunda, desembocamos no Vietnã e acabamos no World Trade Center! Nós somos umas bestas! É o que nós somos! Umas bestas selvagens!

- Eu não sou uma besta.

- É claro que é! Uma besta. Eu sou uma besta. Nossos pais eram umas bestas. Nossos avós eram umas bestas! Nossos bisav...

Ele nem viu de onde veio o sopapo. Caiu desmaiado. O grandão só resmungou.

- Não mete a minha avó nessa história de besta não...

Metido a besta

Tem aquelas pessoas que a gente dá graças a deus por não terem nascidas ricas. Que é funcionário igual aos outros, tá ali, se ferrando, e acha que tá no direito de dar dura em todo mundo.

- Tá pensando o quê? Que você é governadora? Pois você é só uma te-le-fo-nis-ta - ele fala para a pobre coitada que está toda enroscada com o PABX. Todo mundo no escritório faz seus próprios telefonemas, mas ele não. Ele exige a telefonista.

- Não telefonou ainda? Mas o que é que tá fazendo aí? Aposto que tá fazendo palavras cruzadas.

- Eu já liguei. Estava ocupado.

- Eu vou falar com o patrão para você ver o que é que estava ocupado.

Ele vai no churrasco na chácara do amigo. Estica as pernas e pede uma cerveja.

- Cadê a cerveja que eu pedi há meia hora? - ele fala para a dona da chácara, como se estivesse num restaurante. No restaurante então, aí é insuportável. Tem mania de coordenar a mesa e chama o garçom de dois em dois minutos.

- Um chopp ali, pro meu amigo.

- O meu copo ainda está cheio, Ademar!

Vamos supor que ele se chama Ademar.

- O quê? Esse seu chopp aí tá quente. Pode trazer outro chopp pra ele.

- Pois não.

- E garçom...

- Sim senhor?

- Cadê a picanha?

- Ô, Ademar.... Deixa o garçom em paz...

- É... A picanha acabou de passar...

- Você chama aquilo de pi-ca-nha? - Eles sempre falam assim, pausadinho, quando querem enfatizar uma palavra. - Aquilo não era uma picanha. Chama lá o proprietário.

- O proprietário?

Eles sempre querem falar com o proprietário. Os subalternos não servem.

- É. Pro-pri-e-tá-ri-o. O que é? Essa birosca não tem patrão?

- Ademar. O que é que você quer com o proprietário?

- É, Ademar. Come aí e larga de ser chato.

- Quem aqui é chato? Eu só quero exercer meus direitos. Cadê a minha picanha?

- Já vou buscar para o senhor.

- E vê se trás um chopp também. Sem colarinho dessa vez, hem?

Vem a conta, o garçom entrega pra ele. Pelo jeito que fala, deve ser quem paga a conta. Ele tira os óculos do bolso. Confere as vírgulas. Chama o garçom. Aponta no meio da notinha engordurada.

- O que é isso aqui?

- Deixa eu ver... Hum... Uma laranjada.

- Mas ninguém aqui tomou laranjada.

- Eu tomei, Ademar!

- Hã... certo. E isso aqui?

- Hum... Deve ser aquele sorvete que o senhor pegou.

- Sorvete? E quem disse que eu peguei sorvete?

- Ademar, olha aí o papel do sorvete amassado no seu prato...

- Ah, é... E isso aqui?

- O dez por cento.

- AH HÁ!

Na hora do dez por cento, a coisa pega.

- Você sabia que é ilegal cobrar dez por cento? - ele pergunta para o garçom

- Não senhor. Eu não sabia.

- Pois então fica sabendo agora. I-le-ga-lís-si-mo. Chama o patrão.

- Ademar, dá aqui essa conta.

- Não. Esse pessoal aí tá pensando que a gente é o quê?

- Tá bom, Ademar. Então você paga sozinho.

- Sozinho? Mas... a gente não combinou de rachar?

É quando a gente dá graças a deus dele não ter nascido rico.

- Então me dá essa conta aqui e fica quieto!

O Ademar cruza os braços, emburrado. Um dia ele ainda ganha na loteria e aí esse povinho vai ver só uma coisa...

A felicidade é um crediário nas Casas Bahia

- Sinto muito. O nome do senhor está inscrito no éssepecê.
- “Ésse” o quê?
- SPC. Serviço de Proteção ao Crédito.
- Hum. Engraçado. Eu nunca me inscrevi nesse lugar aí. Deve ter sido minha mulher quem me inscreveu e não avisou. Ela vive fazendo essas coisas. Outro dia desses fiquei sabendo que eu era sócio de um clube de campo há doze anos e nunca tinha ido lá. Você acredita?
- Acredito sim senhor. E quanto ao SPC?
- O que é que tem?
- O que é que tem é que não dá para o senhor levar a geladeira.
- Mas eu não vou levar agora. A vendedora lá embaixo disse que vocês entregariam. Vocês não entregam?
- É claro que entregamos...
- Então, pode entregar nesse endereço aí, que está nesse papel que a senhora tem nas mãos.
- Mas, meu senhor. O senhor não está entendendo. O nome do senhor está no SPC...
- Tá, tá, você já falou isso umas três vezes... E daí?
- E daí que o senhor não pode comprar a geladeira.
- Mas do que é que você está falando? Eu nem ia comprar nada. Eu só estava passando aí na frente da loja e fiquei olhando a TV que estava ligada. Estavam transmitindo aquele sequestro de Porto Alegre. Você viu só, que coisa? Vinte e sete horas de sequestro!
- Vi sim senhor.
- Então. Aí eu estava ali e a vendedora de vocês, aliás uma garota muito simpática, como ela chama mesmo?
- Márcia.
- Isso mesmo. Márcia. Aí a Márcia pegou e perguntou se eu não queria comprar a televisão. Eu ri e expliquei que eu só estava assistindo. Aí ela me perguntou se eu não queria comprar um aspirador-de-pó. Eu disse que não. E ela continuou. Falou que a batedeira estava muito barata. Que tinha aparelhos de som importados com preço de nacional. Fornos microondas. Aí ela me pegou pelo braço e me trouxe para dentro da loja para ver a geladeira. Eu até disse que já tinha geladeira em casa mas, mesmo assim, ela

falou que aquela geladeira era especial. Tinha um botão que era só apertar que descongelava. Não soltava água nem nada. Mesmo assim, eu recusei. Ela insistiu. Disse que dava pra fazer em dez vezes sem juros. Eu disse que não. Ela disse que, como eu era um cliente especial, ela fazia sem entrada também. Que era queima de estoque e tudo. Eu não podia deixar de comprar. Eu falei que, mesmo assim, eu não estava precisando de uma geladeira nova. A minha estava funcionando perfeitamente. E foi aí que ela apelou.

- A Márcia apelou com o senhor?

- Não foi bem apelar. Ela pegou e falou que ganhava por comissão. E que se eu não comprasse a geladeira, a comissão desse mês não ia dar nem para o leite dos três filhos dela.

- A Márcia tem três filhos?

- Para a senhora ver uma coisa. E foi aí que eu comprei a geladeira.

- Para ajudar a Márcia?

- É. Para ajudar a Márcia. E agora me vem a senhora aí e diz que eu não posso comprar a geladeira?

- Então está bem. A gente faz o seguinte. Eu faço de conta que eu não vi e o senhor leva a geladeira, certo? Mas é melhor ver esse negócio do SPC. Deve ser alguma coisa que o senhor esqueceu. É coisa pouca. Deve ter sido algum engano. Olha aqui o recibo. A geladeira vai ser entregue nessa semana mesmo. Muito obrigada.

- Eu que agradeço.

Ela coçou a cabeça. A Márcia. Estava passando por dificuldades e não contou pra ninguém. Mandou chamar.

- Ô Márcia. Hum... Como vão as coisas em casa?

- Na minha casa? Bem.

- E as crianças? Como estão passando?

- Crianças?

- É. Seus três filhos...

- Você está maluca? Eu nem sou casada!

- Mas... Aquele senhor da geladeira disse que...

- Aquele que acabou de sair? Olha. Cuidado com ele. A Dorislei aí da lanchonete disse que ele deve uma grana preta por lá... E já faz tempo...

Um beijo, um abraço, um aperto-de-mão

Pra Tania

Tem coisas que a gente vai fazendo durante a vida sem nunca parar para pensar porque fazemos. Uma delas é apertar a mão do outro. A gente vê um conhecido e já vai estendendo a mão. E, se tudo correr bem, o conhecido faz o mesmo. Às vezes o outro não vê a mão da gente e a gente fica ali com a maior cara de tacho, com a mão estendida no vazio, mas normalmente a pessoa vê e é quando se dá o chamado cumprimento. Mas alguém aí sabe de onde surgiu esse negócio de dar as mãos? Já foi dar uma procurada?

Pois eu descobri que o aperto de mãos veio da Idade Média. O pessoal tinha mania de mostrar a mão para o outro para revelar que estava desarmado. Alguns, mais desconfiados, não se davam por satisfeitos e seguravam a mão do outro, porque de uma mão vazia podia muito bem vir, se não uma facada, um belo de um sopapo. Então os caras já seguravam logo as mãos do outro para não correr risco nenhum.

Eu fico imaginando de onde é que teriam surgido os outros costumes. Porque o ser humano tem um costume mais esquisito que o outro, pode reparar. E pra não dizer que eu estou falando só dos outros, confesso que eu também tenho umas manias esquisitas, algumas inconfessáveis. Entre as confessáveis está a de estalar os dedos. Eu estalo alto. Às vezes parece até que quebrou algum osso, que é o que deve ter pensando o primeiro cara que estalou um dedo.

Ele estava ali, fazendo nada, e começou a brincar com os dedos. Empurrou um dedo mais para cima. Outro mais para baixo. E de repente - TEC - um dedo estalou. O precursor de todos os estaladores de dedos do mundo deve ter ficado desesperado. Agarrou o dedo com a outra mão e gritou - Mas que imbecil, quebrei meu próprio dedo! Só aí ele percebeu que o dedo não estava doendo. Aos poucos, foi livrando o dedo do aperto e olhou. Não estava roxo nem nada. O dedo estava até se mexendo normalmente. E pensou - E se eu tentasse com o outro dedo? Pronto. Estava inventada a mania de estalar os dedos.

Mas esse é um costume que não é todo mundo que tem. Não é como o costume de se abraçar, por exemplo. Em quase todas as culturas do mundo os cidadãos se abraçam, e em alguma época, em algum lugar, deve ter acontecido o primeiro abraço entre duas pessoas. É, porque, não sei se você já reparou, mas os animais não se abraçam. Se bem

que quase todos os animais são desprovidos de braços, sem os quais se abraçar torna-se tarefa complicadíssima, mas mesmo entre os que têm braços, o único animal que eu conheço que abraça de verdade é o tamanduá, e assim mesmo com fins não-pacíficos. Abraçar é coisa do homem mesmo, e ele deve ter tido alguma boa razão para começar a fazer isso.

O primeiro abraço pode ter ocorrido entre os esquimós que, numa noite mais fria, na falta de um cobertor elétrico, abraçaram-se uns aos outros e viram que aquilo era gostoso pra caramba. Pode ter sido também que, numa briga, dois guerreiros indígenas se atracaram e começaram a rolar na grama. Subitamente um deles parou, empurrou o outro e gritou: - Apaxá casala Muá! - que na sua antiga língua nativa queria dizer - Vai abraçar a senhora sua mãe, rapaz, tá pensando o quê? - No que o outro, magoado, fez exatamente isso, foi para sua barraca e iniciou o melhor costume de todos os tempos.

O abraço de mãe.

Bodas de Prata

Trabalhava na casa já há vinte e quatro anos. Ia fazer vinte e cinco dali um mês.

- Isso deve ser até bodas de alguma coisa, não deve dona Beatriz?

- Deve sim, Rosevastes.

Ela chamava Rosevastes. Uma daquelas misturas de nomes de pai e mãe. A mãe chamava Rose.

- Mas... e o seu pai, como chamava?

- Chamava Vastes mesmo. É que o meu avô e minha avó, no dia que o meu pai nasceu, eles...

- Deixa pra lá, Rosevastes... E vê se acha aquele vestido azul pra mim.

E a Rosevastes foi procurar o vestido. Coçando a cabeça, encafifada.

- Aposto que vinte e cinco anos é bodas de alguma coisa.

Achou o vestido Perguntou para a dona Beatriz se queria que passasse.

- Pode passar, Rosevastes... Mas cuidado que o vestido é caro.

A Rosevastes levou o vestido para o quartinho dos fundos. Lembrou de quando entrou ali pela primeira vez. Devia ter no máximo quinze anos. E agora já estava com quase quarenta.

- Vinte e cinco anos... Será que é bodas de ouro?

- ROSEVASTES!!!

- Sim senhora, já estou acabando de passar...

- Não... Pode deixar. Acho que vou com esse outro, o vermelho.

- Mas o azul é tão bonito, dona Beatriz...

- Eu sei. Mas resolvi ir com o vermelho. Passa pra mim?

- Sim senhora, dona Beatriz.

E a Rosevastes voltou para o quartinho. Tirou o vestido azul da tábua de passar roupas e colocou o vermelho. Enquanto passava, ficou olhando o vestido azul.

- O azul é muito mais bonito...

- ROSEVASTES!!!

- Já tô indo dona Beatriz. Olha aqui. Prontinho.

- Hum-hum... muito bom. Obrigado, Rosevastes...

- De nada, dona Beatriz...

E a Rosevastes voltou para o quartinho. Vinte e cinco anos. Acho que era de diamante. Bodas de Diamante de empregada na casa. Não é todo mundo que consegue.

- A dona Beatriz bem que podia dar uma festa, para comemorar.

Ouviu a porta da frente fechando. Era a dona Beatriz saindo. Onde será que ela ia? Bonita daquele jeito, de vestido vermelho. Olhou o vestido azul, ali ao lado. Se levantou.

Foi na frente do espelho e segurou o vestido na frente do corpo. Fez pose.

- Mas esse azul é muito mais bonito...

Tirou o vestido, dobrou e guardou no armário.

- Se a dona Beatriz me pega fazendo isso capaz de ficar brava...

E riu. Sabe-se lá de quê.

VIDA REAL

Vamos a la playa

- Alô... Alô... Mãe?
- Cézinha?
- É... É o Cézinha!
- Mas... Onde é que você está, meu filho?
- Eu estou... Eu estou... Pra te falar a verdade, eu não sei, mãe...
- Mas como não sabe, Cézinha?
- Eu sei que estou aqui, na estrada da serra... Mas não sei exatamente onde.
- Na serra? Mas hoje já é quinta-feira, Cézinha... E você ainda está na estrada?
- Pois é, mãe... Esse ano pzzxxxzzzz o engarrafamento pzzxxxzzzz tudo parado...
- Alô... Alô... Cézinha?
- Alô, mãe pzzxxxzzzz Mãe?
- Fala mais alto, Cézinha!!! Não tá dando pra ouvir direito...
- É O CELULAR, MÃE... Tá aca pzzxxxzzzz bando a bateria...
- E aí, Cézinha? Vai demorar muito ainda?
- pzzxxxzzzz O ENGARRAFAMENTO, MÃE!
- O que é que tem o engarrafamento?
- Está feio... Tudo parado!
- Mas o pessoal aqui do seu emprego... Já ligaram ontem!
- E a senhora falou o quê?
- Que eu estava preocupada...
- Fala que eu estou fazendo o possível... Mas tá difícil...
- E as crianças, estão bem?
- Estão sim, mãe... Vem cá, Marquinho... Vem falar com a vovó...
- Alô, vovó?
- Oi Marquinho... Tudo bem?
- Tudo bem, vovó... Mas eu tô com fome...

- Fome? Mas porque seu pai não te dá comida? E sua mãe? Chama o papai de novo!
- Paiêêê... A vó quer falar com o senhor!
- Alô, mãe?
- Cézinha! Você não está dando comida pra essas crianças?
- Calma, mãe... A Marília foi buscar no posto.
- Vocês estão num posto?
- Não... Ela foi a pé. Faz quase um dia pzzxxxzzzz Marquinho! Pára com isso!
- Cézinha!!! O Marquinho falou que está com fome!
- grunf pzzxxxzzzz grunf pzzxxxzzzz
- Alô? Alô? Cézinha?
- Alô, mãe?
- Que foi, Cézinha?
- Foi o Marquinho... Começou a morder o celular de novo...
- Morder o quê?
- Nada, mãe... Não se preocupa...
- Como "não se preocupa", Cézinha? Os meus netos aí, passando fome!
- Ninguém tá passando fome, mãe...
- O seu filho tá comendo o telefone, Cézinha!
- Calma, mãe... Já, já a Marília chega com alguma comida... E qualquer coisa, eu peço aí, nos outros carros... Tem um sujeito aqui atrás que ainda tem uns elma chips... E um outro lá na frente tem bastante água... Disse que a hora que as crianças sentirem sede, é só pedir...
- pzzxxxzzzz
- Alô, mãe?
- Tudo bem, filho... Eu tô ouvindo... Tem água pras crianças, então? E comida?
- Tem. Tudo bem, mãe...
- E elas? Gostaram da praia?
- Praia? Que praia?
- A praia, oras... Vocês não foram pra praia?
- Mas a gente ainda não chegou na praia, mãe... O engarrafamento, este ano...
- VOCÊS AINDA NÃO CHEGARAM NA PRAIA?
- Pois é, mãe... A gente ainda tá descendo a serra... Como eu disse, esse ano pzzxxxzzzz o engarrafamento pzzxxxzzzz

- Alô... Alô... Cézinha?
- Alô, mãe pzzxxxxzzzz Mãe?
- pzzxxxxzzzz

Três coisas que eu nunca aprendi a fazer

Têm umas coisas que eu nunca aprendi a fazer. E, conforme o tempo passa, as chances de conseguir fazê-las parecem cada vez menores.

Andar de bicicleta, por exemplo. É uma coisa que eu nunca aprendi. Quando eu era bem criança, um amigo tentou fazer uma manobra mais arriscada com a sua Monark zero quilômetro bem na frente de casa. Levou um tombo tão feio que acabou esfolando algumas partes do seu corpo que eu imaginava imunes a esse tipo de acidente. Desde então venho evitando experiências extravagantes em veículos com menos de quatro rodas, o que inclui motocicletas, triciclos, aviões ou helicópteros. Pra mim, se não tem quatro rodas bem fixas no chão, prefiro não me arriscar.

Só que de vez em quando eu paro num semáforo e fico observando o motociclista ali, do meu lado, empinadinho em sua moto. É, porque todo motociclista tem postura, não sei se você já observou. Ele fica ali, com as costas levantadas, queixo erguido. Impávido, faz ronronar o motor de sua moto sem sequer notar os pobres mortais à sua volta. Pode ser uma 125cc ou uma dessas motos maiores, não importa. Todos os motociclistas têm essa pose.

Ou mesmo numa bicicleta. Quantas vezes já me peguei invejando a empáfia com que as crianças saem por aí pedalando bicicletas com o dobro de sua própria altura. Caramba, o que diabos essas crianças têm que eu não tenho? Equilíbrio? Coragem? Energia? Eu fico ali, olhando pra elas, e imaginando o dia em que eu vou tomar vergonha na cara e aprender a andar numa dessas geringonças. No entanto, logo em seguida constato desolado que se depender dos meus atuais níveis de coragem, equilíbrio e energia eu estou mais próximo de uma cadeira de rodas do que propriamente de uma montain byke.

Outra coisa que eu nunca consegui aprender direito foi o inglês. Tenho alguns amigos que pegam textos complicadíssimos de Oscar Wilde, Edgar Allan Poe - ou mesmo umas letras dos Beatles - e eles pegam e lêem tudo ali, no original. Eu acho simplesmente

inacreditável. Vá lá, uns "I Love You" e uns "the book on the table" todo mundo fala, mas só de imaginar o trabalho que não ia dar escrever uma cronicazinha assim, do tamanho desta que você está lendo, e tudo em inglês, puts, vai ser outra coisa que eu vou morrer com vontade.

Aprender uma língua nova é como andar de bicicleta. É coisa para jovens que ainda tem neurônios sobrando - o que, devo confessar, não é o meu caso. Só para você ver uma coisa, outro dia desses precisei telefonar para a minha casa e simplesmente me esqueci do número. Não teve jeito. Sumiu da minha cabeça completamente. Precisei perguntar para a secretária do escritório qual era o número do meu próprio telefone, dá para acreditar? Agora, se eu não consigo mais me lembrar nem do meu telefone, como é que eu vou querer aprender a falar em inglês? Ou a andar num maldito veículo de duas rodas?

A verdade é que eu não vou. E já estou mais ou menos conformado com isso. Agora, uma coisa que eu nunca vou me conformar é nunca ter aprendido a assobiar. Mas a assobiar mesmo, sabe? Daquele jeito com os dedos dentro da boca, bem alto. Meu deus, quantas moças já passaram pelas calçadas, algumas quase exigindo um assobiozinho - eu num completo e constrangedor silêncio.

Sem nem um fiu-fiu.

A primeira viagem espacial a gente nunca esquece

Acaba de ser lançado na Rússia o primeiro ônibus espacial projetado exclusivamente para o turismo espacial. Pela bagatela de 100 mil dólares a serem pagos para alguns empresários americanos - que não são bobos nem nada de deixar um negócio desses na mão dos Russos - o sujeito vai poder experimentar as maravilhas da gravidade zero. A primeira viagem já está marcada para o ano de 2004.

Não, meu caro, nós não estamos falando aqui de um futuro improvável. O número pode até espantar, mas 2004 não é nenhuma data longínqua que apenas nossos netos conseguirão alcançar. Não. 2004 começa apenas daqui a um ano e meio, e a maioria de nós vai estar bem vivo pra ver a primeira viagem acontecer. E dá até pra ficar imaginando os primeiros turistas ali, na fila do embarque, fazendo tchauzinho para a imprensa mundial.

- Querida. Você tem certeza que não esqueceu de nada?
- É claro que não me esqueci.
- Tá. Você sempre fala isso e quando a gente chega lá você diz que esqueceu alguma coisa.
- Ok, você tem razão. E todas as vezes a gente deu um jeito, não deu?
- Deu. Mas dessa vez é diferente.
- Querido. Se por um acaso eu esquecer alguma coisa, é só ir até um shopping e comprar, oras.
- Querida. No espaço não tem shopping.
- Como não tem shopping?
- Não tem.
- Então a gente vai numa lojinha. Numa feira.
- Nada disso. O espaço não tem lojinha. E muito menos feira.
- Mas onde é que os caras do espaço compram as coisas?
- Não existem "caras" no espaço. Provavelmente os únicos seremos nós mesmos.
- Mas deve ter lá, um ambulante, qualquer coisa?
- Não tem.
- E nos Parques? Sempre tem umas barracas nos Parques de Diversão.
- Querida. Não tem Parque de Diversão.
- Não tem Parque de Diversão? Montanha Russa?
- Não.
- Nem uma rodinha gigante?
- Não.
- E praia? Praia tem, não tem?
- Praia no espaço? Você deve estar mesmo maluca.
- Mas... mas... Então o que é que a gente vai fazer nesse maldito lugar?
- A gente vai poder ver a Terra.
- Ver a Terra? Mas eu estou aqui, vendo a Terra agora mesmo. É só olhar para baixo.
- É diferente, querida. De lá dá pra ver a Terra redonda. E azul.
- Redonda e azul? REDONDA E AZUL? Quer dizer que você pagou 100 mil dólares, tudo o que a gente economizou a vida inteira, só pra ver uma coisa redonda e azul? EU NÃO ACREDITO!
- Calma querida...

- Calma? São 100 mil dólares! 100 MIL DÓLARES!!!!
 - Querida. Não desce a escada. Olha os fotógrafos. Está todo mundo vendo.
 - E daí que está todo mundo vendo? Eu quero meu dinheiro de volta.
 - Calma, amor... Não vai ser tão ruim assim...
 - Não vai ser tão ruim? Nós vamos para um lugar que não tem nada e...
 - Também não é assim "não tem nada". Tem a gravidade zero.
 - Gravidade zero?
 - É. Quando a gente estiver no espaço, o peso da gente diminui e...
 - O peso da gente... diminui?
 - É, é... O peso diminui e parece que a gente até flutua...
 - Espera aí. Você está dizendo que eu vou emagrecer?
 - Emagrecer? Hum... É. Pode-se dizer que você vai pesar bem menos.
 - Certo. Você me convenceu. Vamos ver então o que é que tem nesse tal de espaço.
- O marido respirou aliviado. Entraram no ônibus espacial e se acomodaram. Os dois olhando pela janelinha e acenando para as câmeras e para os fotógrafos. Finalmente deram partida. O aparelho inteiro estremeceu com a força do motor.
- Querido. Esqueci o Modess.

20 de julho de 1969

Essa semana meu pai me ligou lá de Campinas. O computador dele tinha sido infectado, e ele estava querendo saber o que é que tinha de fazer para se livrar do tal verme.

- Verme não, pai. Vírus.
- Verme, vírus... É tudo a mesma porcaria...

O meu pai. Setenta e tantos anos. Está muito bem para a idade, obrigado. Inclusive de antena ligada, afinadíssimo com nosso tempo. Ele tem até um computador, pois não? E vive reclamando que a internet fica muito lenta de final de semana. Que o Windows só dá pau. Essas coisas que andam na boca de qualquer adolescente. Enquanto eu ia explicando para ele os procedimentos necessários para deletar o vírus, ia também me lembrando das coisas que já passei ao lado dele. Nós estávamos na mesma sala, por exemplo, quando o homem pisou na lua pela primeira vez. Me lembro que estávamos ele,

meu avô - e eu com meus 8 anos de idade, olhos esbugalhados, grudados na TV preto e branco.

Quando Neil Armstrong começou a dar pulinhos no solo lunar, o meu avô chacoalhou a cabeça e decretou que tudo aquilo era mentira. O meu pai protestou. Onde já se viu, mentira? Aquilo era um milagre, isso sim! O mundo nunca mais será o mesmo depois disso!

- O homem alcançou outro planeta! - gritava o meu pai, empolgado. Sua empolgação não diminuiu nem quando foi lembrado de que a lua não era um planeta, nem quando se alentou sobre a possibilidade daquilo tudo ser uma farsa para enganar os russos. Afinal, havia cheiro de guerra no ar, e na guerra o que mais há são mentiras, dizia o meu avô, contemporâneo da 2ª Guerra Mundial. O meu pai não se abalava. - Um milagre! Um milagre! - falava, enquanto me puxava pela mão e me levava para fora da casa.

Chegamos na calçada, meu pai e eu, e instintivamente olhamos para cima. Era noite alta, e estrelas pipocavam naquele céu do interior. Agora, nesse ponto da história, minha memória falha. Havia lua naquele dia? Aliás, pensando bem, aquele dia aconteceu mesmo?

- É claro que aconteceu - gargalhou o meu pai do outro lado do telefone, quando interrompi minhas explicações sobre os vírus digitais e lhe perguntei se ele lembrava daquilo tudo - E tinha lua sim! É claro que tinha lua, como é que poderia não ter lua numa noite daquela?

- Olha, pai. Poder, podia. Era só ser noite de lua nova e a gente não ia ver a lua. E, para falar a verdade, eu não me lembro da lua naquele dia. Só me lembro de nós dois ali, na calçada, olhando para o céu.

- Mas o que é isso, menino? Eu tenho certeza! Tinha lua sim, e era lua cheia! Uma baita de uma lua cheia! Mas vamos terminar logo com esse negócio de vírus que eu tenho mais o que fazer.

Deletados os vírus, desligamos o telefone. Não consegui resistir à tentação e fui até o quintal. Batia a brisa gostosa de um começo de outono. Eu olhei para o céu, e uma lua crescente me espreitava lá do alto. Puxei uma cadeira, me sentei e deixei o tempo passar um pouco. Porque passar o tempo passa mesmo, não tem jeito. O melhor a fazer é relaxar e tentar acompanhá-lo da melhor maneira possível.

Mesmo que precisemos pegar uns vírus no meio do caminho.

Nada de pânico

Eu não sei se você já viajou de avião. Mas não tem problema. Mesmo quem não passou pela terrível experiência já deve ter ouvido histórias de quem já se arriscou. Ou, pelo menos, já se pegou imaginando como deve ser a coisa. Tudo ali dentro da cabine pressurizada de um avião parece estar por um fio. Desde o precário equilíbrio entre a aerodinâmica das asas e a lei da gravidade, até o estômago dos envolvidos na viagem. Qualquer atividade diferente, qualquer barulho estranho, já é motivo de especulações. E é por essas e outras que toda a tripulação de um avião é sempre alertada para não deixar ninguém entrar em pânico. Mesmo se um motor parar. Mesmo se dois motores pararem. E até mesmo se...

- Capitão. O senhor pode vir aqui por um momento.

- O que foi?

- Eu já estou entrando em pânico.

- Psshhhh... Não fala essa palavra aqui dentro. O que foi?

- Aqui, na cozinha.

- O que é?

- Ali. Tá vendo?

- Não.

- Olha o rabinho ali, se mexendo.

- Mas o que é aquilo?

- Um rato.

- Um rato?!?

- É. Um rato.

- Mas o que é que um rato está fazendo no meu avião?

- Não sei. Mas a gente precisa pegar. Já imaginou se esse rato sai correndo aí, pro meio dos passageiros? Vai ser o maior pânico.

- Psshhhh....

- Certo, certo. Mas então. O que a gente faz?

- Faz o seguinte. Você cutuca ali, com a vassoura. Na hora que ele sair, eu "plosh" nele.

- Plosh?

- É. Eu piso nele. Pode deixar.

E foi o que fizeram. Ela cutucou. O rato correu. E plosh. A aeromoça não aguentou:

- Ai, que nojo! Acho que vou vomitar.

- Calma... Não entre em pânico.

- Psshhhh...

O capitão, orgulhoso, voltou para o seu posto. A aeromoça, arrumando os cabelos, voltou a atender os passageiros. Mas não demorou muito, e lá estava ela de volta.

- Capitão?

- O que foi agora? Vai dizer que apareceu outro...?

- Não, não.. É outra coisa. É essa passageira que quer falar com o senhor.

- Pois não.

- O senhor é o capitão?

- Sim, senhora.

- Sabe o que é? A gente sabe que é proibido, mas o meu filhinho insistiu tanto que...

- Que o quê?

- Bem, ele tem um amiguinho, sabe? E a gente acabou trazendo ele aqui pra dentro...

- Pra dentro do avião?

- É. E agora o danadinho sumiu. E pode estar aí, no meio de todo mundo.

- Hum, sei... - o capitão coçou o queixo - E como é esse amiguinho do seu filho?

- É um ratinho. Desses brancos, sabe? O meu filho não vive sem ele...

Perigo... Perigo...

- Bom dia. O senhor discou para a Central Telefônica.

- Bom dia. Minha senhora, eu estou com um problema aqui com a minh...

- Se o senhor quer fazer uma reclamação, digite a tecla 1... Se o senhor dese...

- Não, não... É que...

- ...ja entrar em contato com a agência de sua cidade, tecla 2... Se o senh...

- Mas vem cá, com quem eu estou falando?

- ...or deseja se recadastrar, tecla 3...

Foi só aí que eu me toquei. É claro. Eu estava falando com uma secretária eletrônica. Olhei em volta e desliguei o telefone. Este mundo está ficando mesmo maluco. A gente nem sabe mais se está falando com um robô ou com uma pessoa. E está cada dia mais difícil perceber a diferença. Para você ver só uma coisa, outro dia desses descobri na

internet uma espécie de robô virtual que conversa com a gente. É verdade. Quem quiser testá-lo, é só entrar no site www.robtabot.com.br e conferir. Pra quem tiver preguiça de experimentar, eu explico. Trata-se de uma “roboa”. Você entra lá, dá o seu nome, e passa horas conversando com a Roberta. Pra começar, é ela quem puxa o assunto. Ela chega para você e pergunta:

“- Sobre o que nós vamos conversar hoje?”

Você pode falar qualquer coisa. Roberta tem resposta para tudo. Por exemplo, você fala que quer falar de música. E a Roberta te responde:

“- Dizem que a música acalma as feras... bem, no meu caso ela me acalma também! Quando eu estou mais estressada, não tem jeito... Tenho que colocar uma musiquinha mais animada pra me deixar mais feliz.”

É. Ela te responde assim mesmo. Essa resposta aí eu copieei exatamente como ela me respondeu. E aí eu quis ver até onde ela ia. E perguntei de que tipo de música ela gostava. E a Roberta respondeu:

“- Eu me considero bem eclética. Gosto de tudo um pouco. E você, Artur, que tipo de música prefere?”

Uma robô eclética, veja você... Bem, eu respondi que gostava do Caetano Veloso. E a Roberta respondeu:

“- Caetano foi um dos criadores da tropicália. Caetano e Gil estiveram exilados em Londres, durante a ditadura. Suas músicas são muito legais, Artur: Leãozinho, tão delicada, Terra, Saudosismo, Mel... No CD Prenda Minha, o sucesso foi a canção Sozinho, lindinha. O filho Moreno Veloso também é músico. Prenda Minha ganhou o Grammy de melhor disco de world music.”

Ela me respondeu assim mesmo, tim-tim por tim-tim. Eu não incluí ou subtraí nem uma vírgula do que ela falou. Dá para acreditar numa coisa dessas? E quando eu perguntei como é que ela sabia tanta coisa assim do Caetano, ela respondeu:

“- Eu tenho muita gana de saber as coisas, mas jamais chegarei a saber tudo, infelizmente, Artur.”

Eu fiquei simplesmente passado. Fui dar uma vasculhada para descobrir mais sobre esse negócio de robô e tal, e descobri que a Roberta é um programa de computador, conhecido como “bot”. Os “bots” são dotados de uma espécie de inteligência artificial, inventados para humanizar o contato na Internet, sem os custos elevados com atendentes reais. Na sua terceira versão, Roberta é capaz de demonstrar até reações físicas,

tornando-se um dos poucos “bots” do mundo a fazer isso. E eu fiquei pensando. Caramba. Se eu não fosse avisado antes, talvez passasse horas conversando com a Roberta sem saber que ela era um robô. Assim como aconteceu com aquela secretária eletrônica lá, da Central Telefônica, que devia ser uma versão mais antiga, porque eu descobri que ela era um robô assim, logo de cara. Só para testar, liguei de novo para a Central Telefônica. E lá veio a voz macia novamente:

- Bom dia. O senhor discou para a Central Telefônica.
- Bom dia o escambal!
- Se o senhor quer fazer uma reclamação, digite a tecla 1...
- Eu não quero fazer nada, seu robô idiota.
- Robô? Idiota?
- Você... Você... não é um robô?
- Robô? Meu nome é Berenice, telefonista da Central. Em que posso atendê-lo?
- Você, você... Berenice, é?

E bati o telefone. Caramba. O que é que eu queria mesmo com a Telefônica?

Sigilo telefônico

Logo depois do almoço, costumo tirar uma soneca. Coisa de meia hora, não passa disso. Não é questão de preguiça, como às vezes insinua minha mulher. Minha soneca tem uma base científica. Li uma vez num artigo médico que quinze minutos de sono na hora do almoço equivalem a uma hora de sono normal, à noite. Quer dizer, se eu dormir meia hora de dia, posso dormir menos duas horas à noite. Foi uma grande descoberta. Dá tempo de assistir a Sessão Coruja e ainda de escrever minhas crônicas num horário mais tranquilo.

Quer dizer, dava. De uns tempos para cá, o meu horário de almoço se tornou um inferno. Não sei de que jeito, o número do meu telefone caiu nas mãos de algum sistema de Televendas, e é eu acabar de almoçar que o martírio começa. Uma garota querendo me vender o Credicard. Outra querendo que eu instale o Speed da Telefônica no meu computador. Têm até uns interurbanos, de gente de São Paulo querendo me vender revistas. Eu estou ali, na frente da TV. Piscando os olhos. E de repente o telefone toca:

- Bom dia.

- Bom dia.

- Eu estou falando com o senhor Artur de Carvalho?

- Está.

- Senhor Artur, eu sou uma representante da revista hípica “Cavalos & Cia” e...

- “Cavalos” e quê?

- “Cavalos & companhia”. E gostaria de lhe oferecer uma promo...

- Olha, minha senhora. Desta vez acho que a senhora se enganou redondamente...

- Não, senhor Artur. É uma grande oportunidade para...

- Não. Escute a senhora. Há dez minutos o telefone tocou com um cara querendo que eu abrisse uma conta no Bradesco. Vá lá. Eu entendo. Eu recebo um dinheiro por mês, não muito é verdade, mas alguma coisa eu tenho que fazer com esse pouco, e nada me impede de aplicá-lo no banco que emprega o tal rapaz. Mesmo assim eu recusei. Não gosto de bancos. Há cinco minutos, o telefone tocou de novo, dessa vez com uma simpática garota, aliás assim como a senhora...

- Obrigada...

- Não por isso. Então, como eu dizia, no segundo telefonema uma simpática garota veio tentar me convencer a assinar a “Folha de S.Paulo”. Também faz sentido. Sou jornalista, tenho quase a obrigação de ler a “Folha” todo dia. Infelizmente para a garota o jornal em que trabalho já assina o citado jornal, e também recusei.

- Mas a nossa revista é...

- Minha senhora. Como estou tentando explicar, os dois telefonemas anteriores são compreensíveis. Quer dizer, são da minha área. Mas... cavalos? O mais próximo que cheguei de um cavalo foi numa passeata nos anos setenta, quando fui atropelado pela tropa de choque. Tenho a cicatriz na perna até hoje. Eu simplesmente odeio cavalos.

- Mas a “Cavalos & Cia” é diferente...

- Olha. Eu não gosto de equinos em geral. Não gosto daquele jeito imponente deles. Não gosto do jeito que eles olham para gente, com aqueles olhos meio esbugalhados. E também não gosto da “companhia” delas, seja lá quem elas forem. Passe bem.

- Mas...mas...

- Click.

Me deito de novo. A programação da TV me avisa que o horário de almoço já está terminando e eu ainda não consegui tirar minha sonequinha. Fecho os olhos. Me

concentro. Os sons do jornal se embaralham. O Maluf, paraíso fiscal, *trim*, a seleção, o Felipão, *trim*, o Bill Clinton *TRRIMM, TRRIMMM...* Acordo assustado.

- Alô?

- Bom dia. Eu estou falando com o senhor Artur de Carvalho?

Aceito cheque ou cartão

Toda eleição é a mesma coisa. Eu fico olhando para a porta, aflito, esperando que, de uma hora para outra, vá aparecer um sujeito mal-encarado, metido num capote de chuva, tentando comprar o meu voto. Ou então que o telefone toque. Sim, poderia ser pelo telefone também. Comprar votos pelo telefone deve ser mais seguro para os candidatos. O telefone tocaria e uma voz rouca e misteriosa, talvez usando um daqueles aparelhos digitadores de voz, me perguntaria se eu sou eu mesmo.

- Como assim, eu mesmo?

- O senhor. É o senhor Artur?

- Sou eu sim.

- Pois aqui é da parte do Partido.

- O PARTIDO??!!

- Shhhhhhhhhhhh, seja discreto, por favor.

- Certo. Certo. Mas o senhor estava dizendo que era do Partido?

- Sim, do Partido. E fui autorizado a oferecer uma quantia significativa para o senhor.

- Uma quantia?

- Significativa.

- Mas uma quantia de quê?

- De dinheiro, oras. Dólar, se o senhor preferir.

- DÓLAR??!!

- Shhhhhhhhhhhh!

- Certo. Certo. É que o senhor me pegou assim, meio desprevenido.

- Tudo bem. E aí, o senhor aceita?

- Aceito. É claro que eu aceito. Mas o que é que eu tenho de fazer?

- Vender o seu voto.

- Nossa! E quanto vocês pagam pelo meu voto?

- Cinco mil dólares.
- CINCO MIL???!!!
- Shhhhhhhhhhh.
- Certo. Certo. E para quem eu vou ter de votar?
- Para o Candidato.
- Não dá para negociar?
- O senhor acha cinco mil dólares pouco?

- Não. A quantia até que está boa. Mas não dá para negociar o candidato?

Só que isso nunca me aconteceu. Entra eleição, sai eleição, e nunca, nunquinha mesmo, apareceu um candidato me oferecendo alguma coisa. Nem uma dentadura. O pessoal fala por aí que em época de eleição todo mundo compra voto de todo mundo. Que algumas famílias chegam a reformar suas casas só com a quantia arrecadada com a venda de votos. De vez em quando a gente ouve falar que lá no nordeste não sei quem comprava votos de cidades inteiras. Tem até aquela história, meio folclórica, do candidato que dava só um pé de sapato para o eleitor e prometia dar o outro pé depois que saíssem os resultados das urnas. Mas nem isso aconteceu comigo. Nem um sapato desamparado me oferecem. Nada. Neca de pitibiriba.

Não sei o que pode ser. Às vezes eu acho que é a minha cara. Já me disseram uma vez que eu tenho cara de gente honesta. E olha que, sempre que uma eleição se aproxima, eu passo horas e horas na frente do espelho, abaixando e levantando sobrancelhas, entortando a boca, tudo na tentativa de parecer um pouco mais subornável. Este ano até deixei a barba crescer e fiquei muito parecido com um gangster. Mas acho que não adiantou nada. Já recebi dezenas de santinhos. Alguns candidatos me apertaram as mãos. Outros já me abraçaram. Recebi milhares de e-mails e até o telefonema gravado de um candidato a governador. Mas todos eles se restringiram a pedir educadamente o meu voto.

Será que ninguém mais compra votos nesse país? Desse jeito, aonde é que vamos parar?

Uma folga durante a semana

Coisa mais esquisita é ter um dia livre durante a semana. A gente acorda com a empregada tocando a campainha. Vai abrir. Diz bom dia. E aí se lembra que naquele dia não tem nada pra fazer. Que a gente pode acordar na hora que bem entender. Que pode acordar ao meio-dia. Ou até mais tarde, se quiser.

Aí a gente volta pra cama, e fica ouvindo o barulho da empregada trabalhando. Ela arrasta uns móveis, a gente vira na cama. Ela começa a varrer a varanda, a gente vira pro outro lado. Ela liga a máquina de lavar roupa, a gente coloca o travesseiro em cima da cabeça. A gente ouve o som de panelas e, logo a seguir, vem o cheiro de café. Mas será possível que ela faz isso tudo todo dia ou ela está só fazendo hoje pra me acordar? Tudo bem. A gente acorda. Dá uma olhada no relógio e, para nosso grande espanto, a gente acordou apenas meia hora mais tarde do que acorda todo dia. Um desaforo. O café está na garrafa térmica e a gente enche uma xícara e pergunta para empregada se pode assistir televisão. Ela está varrendo a sala, mas diz que não vai atrapalhar não.

- O senhor precisa de alguma coisa?

Não, obrigado. A gente liga a TV e está passando o desenho do Pica-Pau. No outro canal, o Pernalonga. Mas será possível que não inventaram desenhos novos desde que eu era criança? A gente dá uma espreguiçada e percebe que até dava pra dormir mais um pouquinho. A gente se levanta e vai até o quarto. Tarde demais. A empregada já está arrumando a cama.

- Pois não??

Nada não, obrigado. Dar uma volta. Dar uma volta é uma boa. Veste-se bermudas, camiseta, chinelos. Dar uma andada pelo centro é uma boa idéia. Na frente de casa, no entanto, a gente pensa no que é que os amigos vão pensar. A gente ali, andando de bermuda, em plena quarta-feira. De chinelos. Um vagabundo, é o que eles vão pensar. Melhor não. Melhor ficar por aqui mesmo. Volta-se para a sala e a empregada está arrumando as almofadas do sofá. Ela olha para a gente. Ela também deve estar achando me achando um vagabundo.

- É que eu estou dando uma arrumada nos meus horários, sabe?

- O quê?

- Eu só estou em casa porque estou dando uma acertada nos meus horários. Vou passar a trabalhar dois períodos de novo na semana que vem.

- Hãem... Tá bom, o senhor é que sabe. O senhor quer alguma coisa?

- Não. Nada. Obrigado.

Depois do almoço, a gente resolve tirar uma sonequinha, e percebe que a tarde é uma coisa abafada. A gente sua no sofá e não consegue dormir. No escritório tem ar-condicionado. Não dá pra perceber que as tardes são tão quentes. Nos domingos, a gente sua também, mas a gente sempre pode abrir a geladeira e tomar no gargalo uns goles daquela Coca-Cola 2 litros que está aberta. Agora, toda hora que se entra na cozinha, a empregada pergunta.

- O senhor precisa de alguma coisa?

Caramba. A que horas que essa mulher vai embora, hem?

Just singin' in the rain

Eu não sei como é que está o calor por aí mas, aqui pros meus lados, a coisa tá pegando. Não apenas dá pra fritar ovos no asfalto, como também para fazer o tutu de feijão, refogar a couve e deixar a bistequinha de porco muito bem passada. O chuveiro, mesmo desligado, tá morno. Se a gente coloca no “morno”, ferve. E se colocar no “quente”, dá para coar um café na boa com a água que sai lá de dentro - pra tomar depois daquela comidinha mineira que a gente já preparou lá no asfalto, lembra?

E, se não dá pra ficar no asfalto, também não dá pra ficar dentro de casa. Eu não sei se é porque minha casa é de laje, se o arquiteto fez a coisa virada pro lado errado ou o que é que foi, mas todo final de tarde minha sala vira um forno. Não dá pra ficar lá dentro. Domingo passado, inclusive, quando percebi que o tempo estava fechando, peguei uma dessas cadeiras de varanda, coloquei na calçada, e deixei a chuva vir. A água estava geladinha, precisava ver... Uma delícia ficar ali, sentado, e aquele aguaceiro escorrendo na gente. Fiquei tão animado que fui até brincar na enxurrada, coisa que eu não fazia desde moleque. E, como todo bom cinéfilo, arrisquei imitar uns passos do Gene Kelly em “Cantando na Chuva”, fato que causou enormes preocupações na minha filha e na minha mulher.

- *Singin' in the rain, just singin' in the rain, what a glorious feeling, I'm happy again...*

- Entra pra casa, querido! Você não é mais criança!

- E quem é que disse que precisa ser criança pra dançar na chuva?

(splash splash)

- Pára com isso, pai! Vai que um amigo meu passa por aqui!

- E o que é que tem? Eles vão é morrer de inveja!

(splash splash)

- Vai pegar um resfriado, querido!

- Vou nada! Minha saúde é de ferro!

(splash splash)

- E a sinusite? Vai atacar a sinusite!

- Larga de ser rabugenta e vem pra cá você também!

(splash splash)

- Você tava reclamando agora mesmo da artrite no joelho!

- Que artrite? Olha aqui, ó!

(splash splash)

Mas, como tudo o que é bom dura pouco, do mesmo jeito que veio, a chuva de verão passou, e logo depois eu já estava seco (e suando) na sala, assistindo televisão. Não demorou muito pra uma dorzinha de cabeça começar a incomodar. Os olhos começaram a ficar vermelhos e o nariz a escorrer.

- Atchim!

- Aí, tá vendo?

- Vendo o quê, ô? Vendo o quê?

As coisas que acontecem na televisão

Eu estava assistindo a um filme na TV. Por alguma razão o Bruce Willis estava descalço, e as janelas atrás dele se despedaçaram numa rajada de metralhadora. E ele teve que sair correndo em cima dos cacos de vidro. Nem bem tinha se desvencilhado dessa tortura, foi alcançado por um terrorista oriental que lhe aplicou uma homérica surra. Enquanto eu comia confortavelmente alguns amendoins, o herói levou chutes, joelhadas e uma saraivada de murros na cara. Logo depois, porém, já estava lutando novamente, e acabou por salvar toda a humanidade de um terrível maníaco homicida.

Escuta. Alguém aí já levou um murro na cara? Pois eu já levei, e devo salientar que essa foi uma das experiências mais desagradáveis por que passei em toda a minha vida. O

rosto todo fica amortecido. O nariz imediatamente se transforma num imenso pimentão vermelho e você, por mais que tente, não consegue mais respirar. E esses são apenas os efeitos imediatos. No decorrer do mês seguinte, o cérebro parece não querer funcionar direito e a gente fica com um terrível e interminável zumbido nos ouvidos.

E um chute nas costelas? Já imaginou um chute nas costelas? Não, chute nas costelas eu nunca levei, mas se um murro na cara dói daquele jeito, eu imagino que um chute nas costelas deva doer pra caramba. E mesmo quando é a gente que bate. Uma vez eu dei um murro num colega da escola. O mesmo colega, aliás, que me devolveu o murro acima citado. E minha mão ficou doendo por uns dois meses. Achei até que tinha quebrado. Meu pai precisou me levar no médico e tudo.

No herói, no entanto, nada dói. Nós nos acostumamos a nos divertir com personagens que não sobreviveriam na vida real. Ninguém corre sobre vidros, leva uma joelhada no estômago, dois ou três pontapés nas costelas e, no instante seguinte, já se levanta, pega uma poltrona e começa a dar poltronadas num terrorista. Mas foi com isso que nos acostumamos. Com um mundo onde os homens são meio imortais e para quem as coisas parecem ser mais fáceis. Por exemplo, arrombar uma porta.

Esses caras dos filmes e das novelas volta e meia precisam arrombar uma porta. Dão dois passos para trás, correm, trombam com a porta e, como que por mágica, a porta se abre. Alguém aí já tentou fazer isso? Porque o dia que eu tentei arrombar uma porta, por razões que eu sinceramente prefiro esquecer, praticamente fiquei inutilizado para o resto da vida. Meu ombro se deslocou e até hoje frequento um fisioterapeuta. Parece que atacou o nervo ciático, sei lá.

Mas tudo bem. São filmes. E filmes existem para isso mesmo. Para a gente passar as tardes de domingo sem pensar muito sobre a dureza da vida.

Porém as coisas parecem estar mudando. Agora, a última moda é essa tal Casa dos Artistas. E na Casa dos Artistas o que acontece é o contrário de tudo o que estávamos acostumados a ver na TV. Ninguém corre sobre cacos de vidro. Ninguém arromba portas. Ninguém é atacado por samurais tarados. Os tais artistas passam a maior parte do tempo fazendo o que a gente faz na nossa própria casa. Falam mal uns dos outros. Cozinham. Tomam banho. E o mais incrível é que os telespectadores estão assistindo e... adorando! Vou ser sincero. A princípio, fui meio contra o programa. Dali não poderia sair nada de útil. Mas com o passar das semanas, fui mudando de idéia, e já estou começando a achar que talvez o programa traga até algum benefício. Talvez os brasileiros comecem a olhar

para seu cotidiano com outros olhos. Como se fossem, eles mesmos, os heróis. Talvez até, daqui um tempo, passemos a desligar a TV mais cedo e voltemos a conversar uns com os outros. Cozinhar um prato exótico no domingo. Fofocar nas varandas das casas. E ver que a vida pode ser tão interessante quanto a ficção.